



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
PATRÍCIA DA SILVA MENEGHEL

**O SUJEITO QUE SE CONSTRÓI NO ENSINO A DISTÂNCIA:
UMA REFLEXÃO DISCURSIVA ACERCA DAS SINGULARIDADES
DESIGNÁVEIS NA ESTRUTURA E NO ACONTECIMENTO**

Tubarão
2014

PATRÍCIA DA SILVA MENEGHEL

**O SUJEITO QUE SE CONSTRÓI NO ENSINO A DISTÂNCIA:
UMA REFLEXÃO DISCURSIVA ACERCA DAS SINGULARIDADES
DESIGNÁVEIS NA ESTRUTURA E NO ACONTECIMENTO**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Marta Furlanetto

Tubarão

2014

Meneghel, Patrícia da Silva, 1974-

M49 O sujeito que se constrói no ensino a distância: uma reflexão discursiva acerca das singularidades designáveis na estrutura e no acontecimento / Patrícia da Silva Meneghel; -- 2014.
152 f.; il. ; 30 cm

Orientadora : Maria Marta Furlanetto.

Tese (Doutorado)–Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

Inclui bibliografias.

1. Análise do discurso. 2. Ensino a distância. 3. Reflexão (Filosofia). 4. Sujeito (Filosofia). I. Furlanetto, Maria Marta. II. Universidade do Sul de Santa Catarina - Doutorado em Ciências da Linguagem. III. Título.

CDD (21. ed.) 401.41

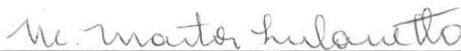
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

PATRÍCIA DE SILVA MENEGHEL

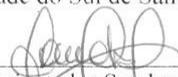
**O SUJEITO QUE SE CONSTRÓI NO ENSINO A DISTÂNCIA:
UMA REFLEXÃO DISCURSIVA ACERCA DAS SINGULARIDADES
DESIGNÁVEIS NA ESTRUTURA E NO ACONTECIMENTO**

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 13 de junho de 2014.



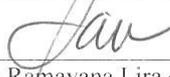
Professora e orientadora Maria Marta Furlanetto, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professor e coorientador Sandro Braga, Doutor.
Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Fábio Luiz Lopes da Silva, Doutor.
Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Eric Duarte Ferreira, Doutor.
Universidade Federal da Fronteira Sul



Professora Ramayana Lira de Sousa, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Alessandra Soares Brandão, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina

A águia empurra gentilmente seu filhote para a beira do ninho, quando sabe que ele já pode voar. Dedico esta tese à minha águia (minha mãe – Cristina), que me ensinou a voar longe, muito longe... e acreditou que eu poderia... e eu pude! E agora na posição de águia, também quero dedicar esta tese ao meu filho (Murilo), para que se espelhe nesse voo e, ao ser levado à beira do ninho, tenha coragem e segurança para se lançar aos longínquos voos que a vida permitir: Murilo, tu também podes e eu sempre vou acreditar!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir ser, estar, acreditar e ter ciência de que muito pouco sei!

Ao meu Pai (Valdir) e a minha Mãe (Cristina), pela vida, origem de tudo! Sou tão e imensamente grata... Especialmente à minha mãe, que nunca mediu esforços para dar o melhor de si e fazer o melhor de mim!

Ao meu filho (Murilo), meu amor infinito, que palavras tenho para agradecer? “Como tá indo, mamãe?” Ou então, “deixa que te ajudo a tentar entender!”. Talvez ele nem saiba o valor que eu dava para cada vez que ele me dizia essas frases. E foram tantas e tantas vezes, que perdi a conta! E em todas às vezes, traduzi essas frases em carinho, zelo, generosidade e amor. O amor se manifesta nesses pequenos grandes atos! Obrigada, meu filho, por esse amor mútuo que só faz crescer; obrigada por tudo quanto és!

Ao meu irmão (Nando) e ao meu sobrinho (Luiz Augusto): uma alegria, um bem querer, um bem me quer e eu quero para sempre! Que privilégio o meu: eles são únicos, mas o bastante para me cobrir de amor!

Por desígnios do destino, meu orientador passou a ser co-orientador, mas não poderia deixar de agradecer um mestre-amigo; um amigo-mestre! Não sei ao certo qual ordem estabelecer, mas, sei que numa ou outra “posição”, tem a minha admiração e o meu respeito! Antes de qualquer coisa, abrandou minhas inquietações (e foram muitas, só ele sabe!). Depois, provocou-me à reflexão, abriu janelas, portas e eu me inspirei nesses horizontes que ele me apresentou. Minha gratidão, prof. Dr. Sandro Braga.

À profa. Dra. Maria Marta Furlanetto, que gentilmente me acolheu como sua orientanda e, mesmo antes disso, já me brindava com suas reflexões, indicações de leitura, frases curtas ou longas, mas de uma profundidade sem igual! Minha eterna admiração pela sua sabedoria, generosidade, simplicidade e humildade; minha gratidão por esse privilégio de tê-la como professora e orientadora (ainda que no final). Estar na sua presença é sempre um aprendizado! Obrigada, professora!

Ao prof. Dr. Fábio Rauen, coordenador do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul, pela competência, organização, dedicação e gentileza com que conduz a gestão e a nobre missão de ser professor. Em seu nome, aproveito para agradecer a equipe administrativa que o assessora em Tubarão (Layla, Suellen, Patrícia), que segue fielmente os preceitos do mestre, tamanha a organização e igual presteza com que acolhem os alunos.

Ao prof. Dr. Pedro de Souza (UFSC), pelas preciosas indicações de leitura que permitiram o início das minhas reflexões e pelas valiosas contribuições na avaliação do projeto desta tese.

Ao prof. Dr. Fabio Lopes (UFSC), pelas contribuições decisivas na banca de qualificação.

Aos professores Dr. Mauricio Malinska, Dra. Alessandra Brandão e Dra. Ramayana Lira, pelas contribuições preciosas na defesa do projeto de pesquisa para esta tese.

À Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, minha segunda casa! Tenho muito orgulho de fazer parte dessa Universidade e sou muito grata pelas oportunidades nela vivenciadas.

Aos amigos da UnisulVirtual, a começar pelo prof. João Vianney e profa. Jucimara Roesler – em um tempo muito difícil da minha vida, abriram as portas do ensino a distância e me permitiram conhecer um mundo novo. Esse mundo já era conhecido dos meus amigos Horácio, Enzo e Angelita – eles me estenderam as mãos para que eu segurasse forte, tão forte quanto eu precisava ser para sobrepor aos percalços da vida. Jamais vou esquecer o gesto; serei eternamente grata pela mão estendida!

Era o dia da prova para o processo de seleção do Doutorado, saímos ainda de madrugada de Tubarão com destino à Palhoça: Conceição, Rosa Cristina e eu. As duas últimas, concorrendo para a mesma vaga! Passamos as três... e, agora, estamos finalizando essa jornada que, entre tantas histórias, risos e lágrimas, permitiu a alegria do encontro, a descoberta de uma linda amizade que quero crer, seja para sempre! Aliás, para sempre também quero a amizade de duas lindas pessoas que o Doutorado me fez aproximar: Sirlene e Clésia - tão especiais quanto o sorriso e o otimismo que lhes são peculiares! Quanta energia boa, obrigada, amigas! Sem vocês, eu certamente não estaria chegando ao fim!

Quero agradecer também e imensamente aos amigos da Unisul/UnisulVirtual (Norte/Sul): essa equipe maravilhosa (professores, tutores e administrativos – Michele, Sidenir, Claiton Kelin, Valéria, Anderson, Ana Paula), que convive comigo todos os dias e partilha os problemas e as alegrias rotineiras do nosso trabalho. Especialmente, agradecer duas amigas que não estão mais trabalhando na equipe, mas estão no meu coração para sempre: Alessandra e Juliana – grandes psicólogas, com divã exclusivo para mim - (risos!)!

Quero registrar um agradecimento especial ao meu tio, Benoni Prudêncio da Silva - eu tenho muitos tios, tias, primos e primas que fazem por merecer a reciprocidade do meu amor e o meu humilde agradecimento – mas esse preciso citar porque não tenho palavras para agradecer o estímulo, a ternura e a vibração, sempre!

Por último, mas não menos importante, quero agradecer meus avós (*in memoriam*) – há uma forte presença na ausência marcada – eles estão comigo sempre, tenho certeza!

“Já que se há de escrever, que pelo menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.” (Clarice Lispector).

RESUMO

Esta tese parte do ensino a distância (EaD), das materialidades textual-discursivas produzidas por sujeitos-acadêmicos de uma instituição de ensino superior bem como de uma plataforma virtual que oportuniza os acontecimentos discursivos. Utiliza-se, em face disso, uma ferramenta específica para fins didáticos, o EVA (Espaço Virtual de Aprendizagem) da Universidade do Sul de Santa Catarina. Situa-se em um contexto filosófico/discursivo e, assim, procura refletir e discutir a respeito de algumas questões subjacentes ao ensino a distância (EaD). O objetivo central desta tese é analisar o sujeito que se constrói no ensino a distância, por meio de uma reflexão discursiva acerca das singularidades designáveis na estrutura e no acontecimento. Esse sujeito busca na virtualidade a potência para a produção de uma realidade ou de um efeito de real e exercita, num processo contínuo e ao seu tempo, as atualizações que definem uma realidade que, ao ser individual, corrobora a construção de uma realidade coletiva (momento presente). Para a análise, partiremos de uma reflexão filosófico-discursiva, pautada em conceitos teóricos que se entrecruzam entre a Filosofia e a Análise de Discurso e, por vezes, aproximando uma ou outra instância teórica para, oportunamente, discorrer sobre as condições de produção dos enunciados/acontecimentos atualizados nas salas virtuais de aprendizagem, tanto de disciplinas a distância (DAD), quanto de cursos totalmente a distância, da UnisulVirtual. Ao final, considera-se que: a) há um sujeito que se constrói no ensino a distância e o faz em função do ressoar das estruturas em acontecimentos múltiplos, emanados por singularidades transcendentais e irrepetíveis; b) cabe ao aluno a movência, ocupar posições-sujeito distintas dentro de uma forma-sujeito Unisul; c) a partir das posições ocupadas pelo sujeito, é possível observar para além do que a face pode transparecer: emerge o rosto; efetua-se a instância paradoxal; ressoa a máquina abstrata, que desterritorializa e reterritorializa o sujeito em um devir-clandestino, possível num jogo de tempo múltiplo, que são todos sem ser nenhum; d) há uma arquiestrutura que possibilita a vibração do significante e do significado, estabelecendo um jogo sem centro e, em razão disso provoca o deslizamento do sujeito para um devir imprevisível; e) como lugar de universalização do conhecimento, a Universidade deve fazer fluir a movência entre várias posições-sujeito possíveis e, ainda, despertar e desvendar os rostos velados que se acanham nas faces transparentes.

Palavras-chave: Ensino a distância, Singularidade, Acontecimento.

RÉSUMÉ

Cette thèse part de l'enseignement à distance (EaD), des matérialités textuelles-discursives produites par des sujets-académiciens d'une institution d'enseignement supérieur, ainsi que d'une plateforme virtuelle qui permet les événements discursifs. On utilise, en raison de cela, un outil spécifique à des fins didactiques, l' EVA (Espace Virtuel d'Apprentissage) de l'Université du Sud de Santa Catarina. On se place dans un contexte philosophique/discursif en cherchant à réfléchir et à discuter quelques questions sous-jacentes à l'enseignement à distance (EaD). L'objectif majeur de cette thèse est d' analyser le sujet qui se construit dans l'enseignement à distance, au moyen d'une réflexion discursive concernant les singularités désignables dans la structure et dans l'événement. Ce sujet cherche dans la virtualité le pouvoir en vue de la production d'une réalité ou d'un effet de Réel et exerce, dans un processus continu et à son temps, les mises à jour qui définissent une réalité qui, en étant individuelle, soutient la construction d'une réalité collective (moment présent). Pour procéder à l'analyse, nous partons d'une réflexion philosophique-discursive, réglée par des concepts théoriques qui entrecroisent la Philosophie et l'Analyse de Discours et parfois en approchant d' autres instances théoriques pour, le cas échéant, discuter sur les conditions de production des énoncés/événements actualisés dans les salles virtuelles d'apprentissage, aussi bien des disciplines à distance (DAD) que des cours pleinement à distance, de l'UnisulVirtual. Au bout de cette réflexion, on considère que : a) il y a un sujet qui se construit dans l'enseignement à distance et il le fait en fonction de la résonance des structures dans des événements multiples, relevant des singularités transcendentes et irrepétibles ; b) c'est sa responsabilité, à l'élève, la mouvance, l'occupation de positions-sujet distinctes à l'intérieur d'une forme-sujet Unisul ; c) à partir des positions occupées par le sujet, c'est possible d'observer outre ce que la face peut laisser transparaître : le visage émerge ; l'instance paradoxale s'effectue ; la machine abstraite résonne, qui déterritorialise et reterritorialise le sujet dans un devenir-clandestin, possible dans un jeu de temps multiple, qui sont tous sans être personne ; d) il y a une archistructure qui rend possible la vibration d'un signifiant et d'une signification, en établissant un jeu dépourvu de centre et, en raison de cela, provoque le glissement du sujet vers un devenir imprévisible ; e) en tant que place d'universalisation de la connaissance, l'Université doit faire fluer la mouvance entre plusieurs positions-sujet possibles et, en plus, réveiller et démasquer les visages voilés qui se dérobent devant les faces transparentes.

Mots-clés: Enseignement à distance, Singularité, Événement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A formação discursiva pedagógico-acadêmica (FD-Unisul) e as posições-sujeito identificadas.....	32
Figura 2 – Evolução das matrículas em Disciplinas a Distância (DAD) na Unisul	35
Figura 3 - Evolução da quantidade de disciplinas a distância (DAD) ofertadas na Unisul para os alunos matriculados em cursos presenciais.....	35
Figura 4 – As posições-sujeito e a rosticidade	41
Figura 5 - Link para pesquisa de Autoavaliação Institucional no EVA	46
Figura 6 - O aluno (posição-sujeito 2) e as formações discursivas	56
Figura 7 – Rizoma	67
Figura 8 – As séries significante e significada e sua atualização em acontecimento.....	74
Figura 9 – A estruturalidade como Arquiestrutura.....	76
Figura 10 – A arquiestrutura na <i>forma-sujeito</i> Unisul.....	78
Figura 11– O cálculo matemático para designar a estrutura e o acontecimento	80
Figura 12 - A estrutura em funcionamento na posição-sujeito 2.....	81
Figura 13 - A estrutura em novo funcionamento na posição-sujeito 2.....	83
Figura 14 - O acontecimento para o aluno S15	87
Figura 15 - Acontecimentos possíveis de S17	93
Figura 16 - Acontecimentos possíveis e impossíveis do sujeito S17	94
Figura 17 - Instância Paradoxal do sujeito S17.	95
Figura 18 - a singularidade na estrutura e no acontecimento	99
Figura 19 - Compossibilidade/Incompossibilidade e as formações discursivas.....	104
Figura 20 - As singularidades nos processos de reterritorialização/desterritorialização.....	109
Figura 21 - Concepção do cone MM.....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de alunos respondentes da Pesquisa de Autoavaliação Institucional 2012-1 DAD	47
Tabela 2 - Faixa etária dos alunos DAD – 2012-1	47
Tabela 3 - Compilação das respostas para a pergunta 33 do Relatório de Autoavaliação Institucional – DAD – 2012-1	48
Tabela 4 - Faixa etária dos alunos respondentes ao questionário de Autoavaliação Institucional do curso de Filosofia – 2012-1 – anexo B:.....	51
Tabela 5 - Compilação das respostas para a pergunta 5 do Relatório de Autoavaliação Institucional DAD – 2012-1	66
Tabela 6 - Compilação das respostas para a pergunta 34 (Após ter realizado esta disciplina, você indicaria para um colega a opção de estudo nesta modalidade) do Relatório de Autoavaliação Institucional DAD – 2012-1	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	ENUNCIADO / ENUNCIÇÃO	20
2.1	A FORMAÇÃO DISCURSIVA	26
2.2	A <i>FORMA-SUJEITO</i> UNISUL.....	31
3	A ROSTICIDADE E O PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO	41
3.1	O ROSTO COMO NÃO SIMULACRO	44
3.2	O DEVIR E A MÁQUINA ABSTRATA.....	60
4	ESTRUTURA / ACONTECIMENTO: SINGULARIDADE.....	72
4.1	A ESTRUTURA	73
4.2	O ACONTECIMENTO	88
4.3	A SINGULARIDADE NA ESTRUTURA E NO ACONTECIMENTO	100
5	O TEMPO.....	112
5.1	O VIRTUAL, O ATUAL E O REAL.....	121
5.2	PRESENÇA E AUSÊNCIA	126
6	CONCLUSÃO.....	131
	REFERÊNCIAS	137
	ANEXOS	141
	ANEXO A – RELATÓRIO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL – DISCIPLINAS A DISTÂNCIA – SEMESTRE 2012-1	142
	ANEXO B – RELATÓRIO D AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL UNISULVIRTUAL.....	147

1 INTRODUÇÃO

Sede apenas vosso rosto. Andai pelo limiar. Não permaneçais o sujeito de vossa propriedade ou faculdade, não remanesçais sob elas, mas evadi-vos com elas, nelas, para além delas.
(Giorgio Agamben)

As reflexões desta tese partem de um princípio a ser considerado: o sujeito se constitui ao longo da sua história discursiva, isto é, de ditos e não ditos efetuados nos múltiplos discursos que marcam acontecimentos únicos e irrepetíveis, que não findam em si mesmos, mas que se estendem a outros tantos quantos permitirem sua própria existência.

Não se presume, no contexto desta tese, que o efeito contrário possa se fazer valer para constituir o sujeito ao longo da sua história: não são puramente os lugares pelos quais transitam o sujeito que o constituem, mas ele próprio, nas posições que ocupa no interior desses lugares, interpelado pelos atravessamentos singulares de cada um deles, que se constitui enquanto sujeito do discurso.

Assim, é possível compreender que os muitos lugares que delineiam formações discursivas distintas, seja a educação, a política, a economia, o social, etc., podem abarcar posições discursivas que, ao serem ocupadas pelos sujeitos, interpelam-no e corroboram sua própria constituição discursiva, isto é, permitem a construção do sujeito.

A temática desta tese foca um desses lugares, qual seja, a educação, mais precisamente, a educação superior. De uma maneira, digamos, mais comum e plural, poderia se pensar na educação superior tal qual foi concebida em sua origem, atrelada ao espaço físico da Instituição provedora dos estudos de graduação (modalidade presencial) e a posição sujeito que se delineia a partir desse lugar discursivo.

Entretanto, com o advento das tecnologias e com a inserção de novos recursos no âmbito educacional ¹, vamos delinear as reflexões desta tese a partir do espaço educativo do ensino superior (lugar discursivo), porém, evadindo-se da modalidade presencial e instaurando as discussões no espaço que permeia a modalidade a distância (virtual), configurando, dessa forma, uma nova forma de educação superior.

¹ Os ambientes virtuais de aprendizagem, por exemplo, que utilizam a plataforma de internet para promover a interação entre os agentes do processo ensino-aprendizagem: professor, tutor, aluno, coordenador.

O ensino a distância, baseado em plataforma computacional, é uma modalidade nova, no que tange ao processo de ensino-aprendizagem, possível em função do desenvolvimento de ferramentas tecnológicas e concepções pedagógicas (metodologia de ensino), capazes de transpor ao virtual o ambiente físico que caracteriza a sala de aula tradicional².

Essa transposição por si só já poderia desencadear uma série de reflexões sobre os mais diferentes aspectos, por exemplo: em função das ferramentas utilizadas nesse espaço virtual, das interações provocadas pelas atividades propostas, da postura do professor como mediador num espaço em que não obrigatoriamente está *on line* com o aluno etc.

Certamente, cada uma dessas circunstâncias expostas poderia render discussões infundáveis e provocantes a respeito dessa modalidade de ensino. Entretanto, a inquietação desta pesquisadora parte do princípio de que, também no ensino a distância, há um sujeito que se constrói a cada instante, ou seja, que busca num processo contínuo de significações a sua constituição por meio de atravessamentos que se deslocam nos acontecimentos singulares, contínuos e múltiplos.

No entanto, a construção do sujeito na modalidade de ensino a distância se dá de modo diferente daquele que se constitui no ensino presencial? Que atravessamentos marcam o sujeito de uma formação discursiva (educacional, no caso) que permite o deslizamento entre as modalidades de ensino presencial e virtual, assumindo posições que deslizam e são marcadas pela heterogeneidade desses lugares?

Nesse contexto, esta tese se insere na linha de pesquisa “texto e discurso”. Dentro de um contexto filosófico/discursivo, procura refletir e discutir a respeito de algumas questões subjacentes ao ensino a distância (EaD), com foco na perspectiva da metodologia de educação virtual proposta pela Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina. A UnisulVirtual é um Campus³ da Unisul, responsável pela oferta e administração do ensino a distância em quatro linhas de ação:

- Cursos totalmente a distância: graduação, pós-graduação, extensão e complementação;

² Entende-se por tradicional a sala de aula caracterizada por um espaço físico, num dado estabelecimento de ensino presencial, pressupondo a existência de professor e alunos.

³ A Unisul possui três Campi: Virtual, Norte e Sul. O Campus Virtual e Norte estão localizados na cidade de Palhoça/SC e o Campus Sul, localizado em Tubarão/SC.

- Disciplinas a distância: produção e oferta de disciplinas por EaD para atender alunos de ensino presencial da instituição (limite de 20% da carga horária total do curso presencial);
- Apoio on line: utilização do Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA) como apoio virtual às disciplinas presenciais;
- Atendimento corporativo: criação e oferta sob demanda de cursos de graduação, pós-graduação e de capacitação a distância.

É importante destacar que há, nas duas primeiras linhas de ação, os mesmos agentes envolvidos (professor, aluno, sistema tutorial⁴ e espaço virtual de aprendizagem⁵) e heterogeneidades que esses lugares discursivos: no primeiro caso - cursos de graduação totalmente virtuais – aparecem alunos que optaram por estudar a distância, estão numa faixa etária que varia entre 25 e 60 anos, aproximadamente, além de um perfil que se caracteriza pela busca de uma segunda graduação, ou seja, que procura se especializar na área de atuação profissional.

No segundo caso – nas disciplinas a distância, existem outras marcas: aparece o aluno que optou por estudar em um curso de graduação presencial, está numa faixa etária predominantemente entre 17 e 24 anos, busca sua primeira graduação e tem o grande desafio de operar entre os espaços presencial e virtual (o seu curso presencial pode ofertar até 20% a distância da sua carga horária total).

Cabe ressaltar que esta pesquisadora está atuando como coordenadora das disciplinas a distância, é professora de disciplinas dos cursos de graduação a distância e presencial da Unisul, tendo já pertencido ao quadro da equipe de capacitação e assessoria ao docente da UnisulVirtual, o que proporciona um campo de observação bastante amplo sobre o lugar no qual se efetua a pesquisa.

Justamente, é a partir desse contexto de observação e possibilidades de ações que alguns questionamentos passam a intrigar esta tese:

⁴ O Sistema tutorial da UnisulVirtual está pautado numa equipe de tutoria, que dá suporte ao aluno em questões administrativas; coordenação de curso, que gerencia as atividades didático-pedagógicas, além do próprio professor, que também compõe esta equipe e que tem a função de mediar o processo ensino x aprendizagem.

⁵ O Espaço Virtual de Aprendizagem da UnisulVirtual (EVA) é um ambiente e-learning desenvolvido pela equipe de Tecnologia da própria Universidade, com ferramentas síncronas e assíncronas que dão suporte as interações entre aluno, professor e sistema tutorial.

- Os sujeitos se constroem de maneiras diferentes no ensino de graduação que se dá integralmente a distância em relação àqueles que apenas cursam determinadas disciplinas a distância?
- Por que um aluno de curso presencial apresenta, *a priori*, resistência para cursar uma disciplina a distância?
- O aluno do curso presencial (que por sua faixa etária caracteriza o que alguns autores tratam como pertencentes à geração Y⁶), que vivencia no seu cotidiano acesso aos mais diferentes recursos tecnológicos, não se sente motivado a estudar na modalidade a distância, através de um ambiente e-learning⁷?
- Quais singularidades estariam presentes nessas duas modalidades enunciativas?
- Quais elementos constituem essas cenas enunciativas de modo a constituírem acontecimentos distintos?
- Que tipo de relação se pode estabelecer entre o virtual, o atual e o real na efetuação dos acontecimentos?

Em essência, a prática profissional da pesquisadora faz emergir dúvidas, desperta a atenção para conflitos que fulguram interrogações sem respostas imediatas e, ao mesmo tempo em que corrobora o olhar minucioso sobre os processos instaurados, provoca com a mesma intensidade, a necessidade de um distanciamento desafiador para a composição desta tese.

Há que se refletir sobre o sujeito que se constrói no ensino a distância, mas, na mesma ordem, há que se considerar que, em certo caso, como os alunos que frequentam as disciplinas a distância, o sujeito se constrói também pela modalidade presencial, em um processo que se funde e se mescla com o propósito de efetivar o processo ensino-aprendizagem nesse lugar (Unisul).

⁶ A geração Y se caracteriza pelas pessoas que desde o início da vida escolar aprenderam a conviver com os recursos tecnológicos e tem uma grande facilidade de focar em muitas coisas simultaneamente.

⁷ Segundo Moore (2007), o termo e-Learning corresponde a um modelo de ensino não presencial, possível em função dos recursos tecnológicos, configurando um ambiente online, aproveitando as capacidades da Internet para comunicação e distribuição de conteúdos.

As inquietações partem justamente do ponto que questiona o acontecimento ideal para a construção desse sujeito que ocupa uma posição nesse lugar enunciativo (Unisul), que ora está na modalidade presencial e ora está na modalidade a distância, isto é, os acontecimentos ideais para a efetividade de um processo de ensino e aprendizagem qualificado, que corresponda às expectativas de professores e alunos e que tenha seu efeito refletido numa sociedade transformada pelos saberes e pelos sujeitos desses saberes.

Por oportuno, Deleuze (2009, p. 55) questiona sobre o acontecimento ideal e descreve, ele mesmo, uma resposta para tal interrogativa.

O que é um acontecimento ideal? É uma singularidade. Ou melhor: é um conjunto de singularidades, de pontos singulares que caracterizam uma curva matemática, um estado de coisas físico, uma pessoa psicológica e moral [...] Tais singularidades não se confundem, entretanto, nem com a personalidade daquele que se exprime em um discurso, nem com a individualidade de um estado de coisas designado por uma proposição, nem com a generalidade ou a universalidade de um conceito significado pela figura ou a curva. A singularidade faz parte de uma outra dimensão, diferente das dimensões da designação, da manifestação ou da significação. A singularidade é essencialmente pré-individual, não-pessoal, aconceitual.

Para Deleuze (2009), o acontecimento ideal é único, singular. Essa singularidade do acontecimento não está no sujeito, porque não está na “[...] personalidade daquele que se exprime em um discurso [...]” (DELEUZE, 2009, p.55), ou seja, está em pontos singulares que pertencem a uma outra dimensão e que caracterizam uma curva matemática.

Em seus estudos, Deleuze (2009) se reporta repetidas vezes, de forma metafórica, a essa curva matemática como o resultado de uma estrutura, ou seja, que tem sua origem na intersecção de dois pontos em um determinado espaço. Esses pontos, para o autor, são designados como significante e significado – os dois eixos de uma estrutura que, quando se cruzam em pontos flutuantes, efetuam-se em acontecimentos.

A partir disso, considerando o lugar (Unisul) e o acontecimento ideal para que o sujeito se construa discursivamente, estabelecemos a problemática desta pesquisa: Como o sujeito se constrói no ensino a distância, na perspectiva das singularidades designáveis na estrutura e no acontecimento?

Há um sujeito que se constrói no ensino a distância, nesse lugar discursivo, e o faz em função de acontecimentos múltiplos que se dão nessa posição enunciativa e que provocam singularidades provenientes da intersecção de uma estrutura. Assim, esta pesquisa tem por objetivo analisar o sujeito que se constrói no ensino a distância, por meio de uma reflexão discursiva acerca das singularidades designáveis na estrutura e no acontecimento. Para isso, pretendemos percorrer as ações específicas que seguem abaixo:

- Compreender o enunciado como um acontecimento, na perspectiva das formações discursivas;
- Caracterizar a rusticidade que se revela no ensino a distância;
- Analisar o princípio da emissão das singularidades através da estrutura e do acontecimento, na perspectiva do ensino a distância;
- Compreender o tempo em função do virtual, do atual e do real.

A relevância desse percurso de pesquisa está em analisar, sob uma perspectiva filosófica/discursiva, o sujeito que se constrói a partir dos acontecimentos do ensino a distância, mais focadamente, no contexto da UnisulVirtual, constituídos a partir de uma estrutura. Com base nessa relação teórica (filosofia x Análise do Discurso), esta tese inova no sentido de entrecruzar os preceitos das duas correntes, ora encontrando pontos de aproximação, ora desafiando essa aproximação com proposições inovadoras.

Em relação à metodologia, partiremos de uma pesquisa bibliográfica, pautada em referências da Filosofia e da Análise do Discurso e fazendo um cruzamento entre essas instâncias teóricas para, oportunamente, analisá-las sob as condições de produção dos enunciados atualizados nas salas virtuais de aprendizagem, tanto de disciplinas a distância (DAD), quanto de cursos totalmente a distância, da UnisulVirtual. Ou seja, ora utilizaremos como *corpus* materialidades do contexto da graduação totalmente a distância, ora das disciplinas a distância (DAD) e, ainda, ora trabalharemos no limiar comparativo entre as duas formas administrativas de ações do ensino desse lugar (Unisul), refletindo acerca do sujeito que se constitui em um e/ou outro modo na relação de ensino-aprendizagem.

Para efeito de análise, utilizaremos sequências discursivas publicadas em disciplinas das referidas modalidades a distância, especificadas em momento oportuno, porém, sempre tendo como referência o semestre 2012-1, no intuito de manter uma coerência de tempo, no que tange ao espaço cronológico.

Assim, não é pretensão desta tese aplicar teorias em um determinado *corpus*, mas, fundamentalmente, analisar o sujeito que se constrói no ensino a distância, por meio de uma reflexão filosófica/discursiva e, oportunamente, ilustrando as análises com materialidades discursivas. Cabe ressaltar que essas materialidades não serão literalmente analisadas sob a égide da análise do discurso, mas serão aproveitadas para exemplificar, constatar ou mesmo despertar questões filosóficas/discursivas que serão teoricamente discutidas nesta pesquisa.

Outro ponto importante é esclarecer que a singularidade não será o ponto de partida para a pesquisa, mas ela deve permear toda a análise e reflexão acerca da estrutura e do acontecimento que marca o ensino a distância e atravessa os sujeitos (os alunos e professores) no contexto enunciativo, no ato de ensinar e aprender e, ainda, no aprender e ensinar, visto que o ensino a distância, tal como se caracteriza no contemporâneo, é permeado por novas práticas pedagógicas (de leitura e escrita, por exemplo, mas não apenas).

A Análise do Discurso da linha francesa, que fundamenta esta pesquisa, dará o suporte para as reflexões, constituindo o dispositivo teórico.

A partir do exemplo de um acontecimento, o do dia 10 de maio de 1981, a questão teórica que coloco é, pois, a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc) e formulações irremediavelmente equívocas (PÊCHEUX, 2002, p. 28).

Os sujeitos que ocupam uma posição discursiva nesse lugar (Unisul) vão se constituindo em acontecimentos múltiplos, assujeitados pelas condições de produção desse espaço enunciativo que, como já dito, transita pelas modalidades presencial e a distância. Para cada acontecimento, temos a convergência de significantes e significados que, por sua vez, geram a singularidade das efetuações dos discursos produzidos (em acontecimentos). Daí a importância de esta pesquisa desenvolver-se ora focando as materialidades discursivas que marcam o sujeito do ensino totalmente a distância, ora o sujeito do ensino presencial que cursa uma disciplina a distância e ora comparando a posição-sujeito desses lugares.

Assim, segundo Orlandi (1999, p. 68),

Fatos vividos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação. De seu lado, o analista encontra, no texto, as pistas dos gestos de interpretação, que se tecem na historicidade. Pelo seu trabalho de análise, pelo dispositivo que constrói, considerando os processos discursivos, ele pode explicitar o modo de constituição dos sujeitos e de produção de sentidos. Passa da superfície lingüística (corpus bruto, textos) para o objeto discursivo e deste para o processo discursivo. Isto resulta, para o analista com seu dispositivo, em mostrar o trabalho da ideologia.

Portanto, para efeito de reflexão filosófico/discursiva, esta tese percorre os pressupostos teóricos de autores já citados, como Deleuze, Pêcheux e outros ainda a serem requeridos oportunamente, para auxiliar-nos em questões pontuais, como Benveniste, Foucault, Agamben, Lévy, Derrida, de forma que a análise é realizada ao tempo em que as teorias forem provocando as associações entre tema, problema e objetivo.

Após essa contextualização inicial, apresentamos no segundo capítulo reflexões sobre enunciado/enunciação, partindo inicialmente de Benveniste (2005) e outros autores, no

intuito de introduzir o conceito de formação discursiva e compreendê-la nos parâmetros que definem a problemática dessa tese, ou seja, no âmbito da Universidade do Sul de Santa Catarina e nas suas modalidades de ensino, pesquisa e extensão.

No terceiro capítulo, faremos uma reflexão sobre a rosticidade, a transposição da face em rosto, ao invólucro que cede lugar ao ser mais profundo e verdadeiro, que reside no rosto e é fundamentado por Agamben (2011). Há uma máquina abstrata que move o rosto, que o impulsiona pelos atravessamentos maquínicos e que provoca a desterritorialização e reterritorialização, em um devir incessante. Esse capítulo discute esses pressupostos teóricos.

No quarto capítulo, abordaremos os conceitos relativos à estrutura e ao acontecimento e, ainda, às singularidades que são designáveis pelo ressoar das séries significante e significada que, ao vibrarem, produzem um acontecimento. O objetivo do capítulo é chegar ao cerne que define a problemática da pesquisa, a partir dos teóricos que discorrem sobre a temática.

No quinto capítulo, temos a discussão sobre o tempo, sobre a multiplicidade de acontecimentos que se efetuam e, por conseguinte, discutiremos também a respeito do virtual e do atual, necessários à compreensão das efetuações que convergem em acontecimentos.

Por fim, no sexto capítulo, trazemos a conclusão, cujo intuito é refletir sobre os objetivos formulados, a trajetória percorrida e apresentar as soluções ou os caminhos de possíveis soluções para as inquietações que definiram o ponto de partida desta tese.

2 ENUNCIADO / ENUNCIACÃO

Ao tratar da enunciação, recorre-se, principalmente, à Teoria da Enunciação, fundada por Benveniste. É com esse autor que se inicia uma mudança de foco nos estudos linguísticos pós-Saussure. Em *Problemas de Linguística Geral*, Benveniste (2005) desenvolve reflexões sobre o uso da linguagem verbal. Ao colocar a frase no nível da linguagem em ação, a frase passa do domínio da língua como um sistema de signos, para a língua como materialização do discurso. “A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação” (BENVENISTE, 2005, p. 139). Define, então, a frase como unidade do discurso.

Pode-se justificar esse direcionamento dado à frase a partir do que o autor expõe:

a) as três modalidades de frases (assertiva, interrogativa e imperativa) refletem comportamentos fundamentais do homem falando e agindo e em relação ao seu interlocutor; e b) é uma unidade completa, uma vez que tem referência e sentido. Acrescenta, ainda, o contexto da fala, ao tratar da referência ligada a uma determinada situação.

Os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal não se opera, sendo inteligível o “sentido” mas permanecendo desconhecida a “referência” (BENVENISTE, 2005, p. 140).

Percebe-se, nos estudos deste autor, a importância da frase, não como unidade apenas da língua, mas vinculada à forma do discurso se materializar. Vê-se que a definição de língua não está em oposição à fala, conforme proposta por Saussure, mas a partir da noção de língua como estrutura para o acontecimento linguístico, o discurso. “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 140).

Há de se destacar que discurso, segundo os estudos desse autor, liga-se a “atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (BENVENISTE, 2005, p. 277). Ainda, concebe a linguagem como condição para a subjetividade, uma vez que a linguagem oferece “formas vazias”⁸ que são preenchidas no momento da enunciação, “do exercício de discurso”, pelo locutor ao colocar-se como “eu” e

⁸ Ao trabalhar com os pronomes pessoais como forma de a subjetividade emergir.

a um outro como “tu” - diferentemente da AD que propõe uma teoria não subjetiva da subjetividade, já que o sujeito é entendido como uma função⁹.

Para Benveniste (1989), há um *aparelho formal da enunciação* (língua e fala simultaneamente), ou seja, um dispositivo que existe nas línguas, disponibilizado pela estrutura da própria língua, para a atualização da fala. O locutor enuncia seu dizer da posição do “eu” e, ao mesmo tempo, remete à posição do outro, ou seja, aquele que ocupa a segunda pessoa do discurso (tu). Relaciona-se, assim, ao emprego da língua, a enunciação, uma vez que a enunciação é a necessidade que o falante tem de mobilizar a língua, materializando-se em discurso, o enunciado. Assim, ao iniciar os estudos da enunciação, abrem-se horizontes para teorias do discurso, para a constituição do sujeito pela/na linguagem. A enunciação está na base dos processos discursivos.

Há uma movência do sentido do enunciado na produção do acontecimento, razão pela qual será fundamental percorrer os pressupostos teóricos de Foucault (2002) e de Pêcheux (1997).

Encontra-se em Foucault (2002) uma discussão em torno de frase e enunciado. Devido a várias definições de frase, conforme o autor, há de se reconhecer frases que não sejam enunciados, ou enunciados que não sejam frases. Para o autor, não existe equivalência total entre ambos, uma vez que a frase está no nível da estrutura gramatical, enquanto o enunciado está no nível do acontecimento. As frases são possibilidades da língua, não são materiais; são virtualidades.

Em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material), ele [o enunciado] é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem [...] trata-se de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. [...] ele [o enunciado] não em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2002, p. 98-99).

Ainda, acrescenta que, para que haja um enunciado, não é condição necessária a presença de uma estrutura proposicional definida. Foucault (2002) exemplifica: “Ninguém ouviu” e “É verdade que ninguém ouviu”, do ponto de vista lógico, não são consideradas duas proposições diferentes, trata-se da mesma estrutura proposicional, mas com características enunciativas diferentes, assim, dois enunciados diferentes.

⁹ Função-sujeito: “caixa vazia” a ser preenchida a cada acontecimento.

Segundo Foucault (2002, p. 94), o enunciado está no plano do discurso, não se submete a uma estrutura linguística constituinte das frases, mas “trata-se da operação efetuada [...] pelo que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado”. Os enunciados não existem no sentido em que existe uma língua. A língua existe como sistema de construção para possíveis enunciados. Como se pode observar:

[...] a língua, na verdade, jamais se apresenta em si mesma e em sua totalidade; só poderia sê-lo de uma forma secundária e pelo expediente de uma descrição que a tomaria por objeto; os signos que constituem seus elementos são formas que se impõem aos enunciados e que os regem do interior. Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua (e podemos sempre supor, em lugar de qualquer enunciado, um outro enunciado que, nem por isso, modificaria a língua) (FOUCAULT, 2002, p. 96).

Pode-se compreender o enunciado como um acontecimento. E, como acontecimento, o enunciado vincula-se a uma atualização no sujeito. Embora único, o enunciado está aberto à repetição. Mas, convém lembrar que, a cada acontecimento, tem-se um novo enunciado, com sentidos diferentes, já que está ligado a situações de uso, a posições ocupadas pelo sujeito. O enunciado pode ser entendido como unidade elementar do discurso.

Desta forma, o discurso materializa-se em enunciados. Foucault (2002, p.135), assim, define o discurso:

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.

Diante disso, um enunciado é intrínseco a uma determinada exterioridade (histórica), a uma relação que mantém com quem o enuncia e à formação discursiva a que se filia, ou seja, é intrínseco a uma série de condições em que se realiza. De acordo com Foucault (2002, p. 114), “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha em torno de si, um campo de coexistências”.

O enunciado citado por Pêcheux (2008, p. 21) “On a gagné” [“Ganhamos”] pode deslocar-se do sentido que adquire em uma formação discursiva esportiva, para um outro, conforme o sentido desse mesmo enunciado proferido em Paris, em 10 de maio de 1981, “constitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar”. Assim, há dois sentidos,

para um mesmo enunciado. O que determina o sentido é o acontecimento que, por sua vez, filia-se a formações discursivas distintas.

Todo enunciado pode tornar-se outro,

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação (PÊCHEUX, 2008, p. 53).

Cabe à função enunciativa fazer com que uma frase, uma proposição ou um ato de linguagem se torne um enunciado. Essa função enunciativa é que faz com que o enunciado possa tornar-se outro, na medida em que o sujeito muda de posição. Essa função enunciativa pode ser vista em Pêcheux (1997, p. 160), ao tratar do sentido das palavras relacionado à posição ocupada pelo sujeito, determinada por regras sócio-históricas, uma vez que o sentido não existe em si mesmo:

[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Os processos discursivos que emanam da enunciação não têm sua origem no sujeito, mas se efetuam nele, em enunciados irrepitíveis. Embora pareça contraditório, o fato implica diretamente na constituição do sujeito e no seu assujeitamento frente às condições de produção dos enunciados: de um lado, o efeito do lugar em que advém o enunciador, do outro, a situação empírica do enunciador nesse lugar, isto é, o ambiente material, os papéis que estão em jogo. Dito de outro modo, a história desse sujeito que ocupa esse tempo e esse espaço de/para dizer.

Reportando-nos a Pêcheux (1997), o enunciador ocupa uma determinada posição, a partir de um lugar (formação ideológica), e essa possibilidade/capacidade (de ocupar posições) é a que o constitui como sujeito, ou seja, o sujeito é o sujeito do discurso.

Segundo Pêcheux e Fuchs (2010, p. 169), se

[...] definimos a enunciação como a relação sempre necessariamente presente do sujeito enunciador com o seu enunciado, então aparece claramente, no próprio nível da língua, uma nova forma de ilusão segundo a qual o sujeito se encontra na fonte do sentido ou se identifica à fonte do sentido: o discurso do sujeito se organiza por referência (direta, divergente), ou ausência de referência, à situação de enunciação (o “eu-aqui-agora” do locutor) que ele experimenta subjetivamente como tantas

origens quantos são os eixos de referência (eixo das pessoas, dos tempos, das localizações).

Na verdade, os processos de enunciação se efetuam a partir de enunciados que se constituem pelo dito e pela negação ao não dito. A ilusão do sujeito está exatamente na impressão de que seu dizer lhe é peculiar e único, ao invés de compreender que tudo sempre já está lá, na transcendência que inspira e, ao mesmo tempo, produz o dizer do sujeito, possibilitando a seleção de um e não de outro.

De acordo com Pêcheux e Fuchs (2010, p. 175), “propomos chamar este efeito de ocultação parcial esquecimento número 2 e de identificar aí a fonte da impressão de realidade do pensamento para o sujeito (“eu sei o que eu digo”, “eu sei do que eu falo”)”. Assim, os enunciados são produzidos a partir de esquecimentos, ou seja, da seleção de um dizer e do apagamento de outros dizeres (esquecimento número 2). O sujeito tem a ilusão de que o que foi dito surgiu no momento do dizer e revela seus mais profundos pensamentos, desprezando as filiações de sentido associadas a sua posição, numa dada formação discursiva. É justamente esse apagamento que cria o efeito de unicidade do dizer, de que algo só poderia ter sido dito daquela maneira e não de outra.

Por outro lado, o esquecimento número 1 está intimamente ligado à formação discursiva à qual se filia o sujeito, ou seja, o enunciado tem seu sentido inscrito numa determinada formação discursiva, indicando que o dizer não é dele (do indivíduo), mas de um sujeito interpelado pela identidade que caracteriza uma determinada formação.

Conforme Pêcheux e Fuchs (2010, p. 178),

Essa desigualdade entre os dois esquecimentos corresponde a uma relação de dominância que se pode caracterizar dizendo que “o não afirmado precede e domina o afirmado”. Além disso, é preciso não perder de vista que o recalque que caracteriza o “esquecimento número 1” regula, afinal de contas, a relação entre dito e não dito no “esquecimento número 2”, onde se estrutura a sequência discursiva. Isto deve ser compreendido no sentido que, para Lacan, “todo discurso é ocultação do inconsciente”.

Para Pêcheux (1997), o sujeito não é indivíduo, empírico, mas é sujeito do discurso. E apesar de ter a ilusão de ser (o sujeito) a fonte do sentido, ele é, na verdade, preenchido por aquilo que designa como forma-sujeito: “a forma-sujeito tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que interdiscurso aparece como “já-dito” do intradiscurso, no qual se articula por “co-referência”. (PÊCHEUX, 1997, p. 167). Em outras palavras, a forma-sujeito incorpora o interdiscurso e cria um efeito ilusório de ter uma unidade, uma homogeneidade.

Pêcheux (1997, p. 266) diz que “a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sens* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira”. Ou seja, o sentido só é produzido pela relação que o sujeito estabelece com a forma-sujeito, que por sua vez, está associada a uma formação discursiva específica.

O sujeito do discurso, ao enunciar, o faz pela identificação com a forma-sujeito, estabelecida pelos saberes de uma determinada formação discursiva (doravante FD). Courtine (1982, p. 252) parece concordar com essa perspectiva teórica de Pêcheux (1997) e propõe que pensemos a “descrição de um conjunto de diferentes posições-sujeito em uma FD como modalidades particulares de identificação do sujeito da enunciação com o sujeito do saber, considerando os efeitos discursivos específicos que aí se relacionam”

É a partir do enunciado que Foucault (2002, p. 43) trata da noção de formação discursiva:

[...] no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Segundo Foucault (2002), as regularidades discursivas, no sentido da ordem, da correlação, determinam um princípio organizador que caracteriza certa homogeneidade e fechamento de uma formação discursiva.

Assim, embora uma formação discursiva permita agrupar e combinar diferentes discursos, dispersos em acontecimentos únicos, há um princípio organizador que assegura a unidade do enunciado, que reflete as condições de existência de determinada formação discursiva.

Michel Pêcheux (1997) usa esse conceito de Foucault (2002), mas inclui nele a preocupação com a ideologia, considerando que os enunciados são produzidos a partir de um lugar ideologicamente marcado. Para Pêcheux (1990a, p. 314),

A noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais.

Pêcheux (1997) utiliza como base da teoria sobre o discurso a concepção althusseriana de ideologia. Para Althusser (1985, p. 23) “a ideologia exprime sempre, seja

qual for a sua forma (religiosa, jurídica, política) posições de classe”, ou seja, um viés marxista de posições no tocante à luta de classe, com destaque às divisões ideológicas controladas pelo Estado e por seus aparelhos repressores que controlam o que pode e deve ser dito.

Na verdade, Foucault (2002), ao invés de ideologia, trabalha com a constituição de saberes/poderes, que não passariam necessariamente pela questão das classes sociais e não estariam necessariamente determinados por fatores econômicos, mas em práticas sociais que constituem os discursos de uma época. Discorremos a respeito dessa temática no subitem a seguir.

2.1 A FORMAÇÃO DISCURSIVA

A noção de formação discursiva à qual se refere Foucault (2002) é justamente marcada a partir de certas regularidades que não podem ser observadas de uma forma descritiva quantitativa, mas que são constituintes das condições de produção do discurso, de saberes/poderes, ou seja, diz respeito ao espaço social e à história, num movimento ininterrupto e descontínuo do tempo.

De acordo com Foucault (2002), um discurso é constituído a partir da dispersão de acontecimentos que se transformam, modificam-se, contradizem-se com uma determinada formação e são constituídos em uma nova formação discursiva.

O autor também refletiu acerca das transformações a que estão sujeitas as formações discursivas, lembrando que, mesmo sendo dinâmicas, elas mantêm as suas regularidades de forma substantiva.

Formação discursiva não desempenha o papel de uma figura que para o tempo e o enregela por décadas ou séculos; ela determina uma regularidade própria a processos temporais; coloca princípios de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outra série de acontecimentos, de transformações, de mutações e de processos. Não há uma forma intemporal, mas um esquema de correspondência entre diversas séries temporais. (FOUCAULT, 2002, p. 90).

Cabe também explicitar que tipo de regularidade é essa que caracteriza tão fortemente uma formação discursiva, segundo o que o próprio Foucault (2002, p. 51) esclarece:

No caso em que se pudesse descrever [...] semelhante sistema de dispersão, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderia definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que se trata de uma

formação discursiva – *evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, como “ciência”, ou “ideologia” ou “teoria”, ou “domínio de objetividade.”*[...]

Assim, Foucault (2002) se distancia da ideologia como princípio organizador de uma formação discursiva. Na verdade, Foucault (2002) mostrava preocupações para com a forma como os saberes são instituídos e em como a sociedade permite a circulação desses saberes.

Há, em primeiro lugar, um trabalho negativo a ser realizado: libertar-se de todo um jogo de noções que diversificam, cada uma à sua maneira, o tema da continuidade. Elas, sem dúvida, não tem uma estrutura conceitual bastante rigorosa: mas sua função é precisa. (FOUCAULT, 2002, p. 23)

Segundo o autor, os discursos não são agrupamentos unitários e contínuos, “[...] é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las das sombras onde reinam”. (FOUCAULT, 2002, p. 24). Assim, sejam eles (os discursos) instaurados em certos agrupamentos (literatura, filosofia, religião), será necessário considerar que há características que os marcam em determinada época e que há “[...] fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado de outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis”. (FOUCAULT, 2002, p. 25).

No entanto, em uma das primeiras formulações de Pêcheux a respeito de formação discursiva, em um texto em parceria com Fuchs (PÊCHEUX; FUCHS, 2010), é possível se observar uma tendência em estabelecer uma relação entre ideologia e discurso, conforme descreve o fragmento abaixo:

Se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa *relação de lugares* no interior de um aparelho ideológico. (PÊCHEUX & FUCHS, 2010, P. 166-167).

Os enunciados discursivos, para Pêcheux (1997), que emergem de uma dada formação discursiva, caracterizam-se por um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, indicando o que pode e o que não pode ser dito. É a partir da exterioridade da formação discursiva que as regularidades são instituídas e o conjunto do dizível é delimitado, com base numa perspectiva histórica e linguística, Pêcheux (1997, p. 160) chama de formação

discursiva “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)”. Pode-se depreender que, a noção de sujeito, para Pêcheux (1997) está intimamente ligada à noção de formação discursiva. Segundo ele (PÊCHEUX, 1997, p. 161), “os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Ao contrário de Foucault (2002), Pêcheux (1997) reforça a relação entre o discurso e a ideologia, configurando-se aí uma marcante diferença entre os dois teóricos sobre tal fato.

Conforme afirma Pêcheux (1997), uma formação discursiva se caracteriza por aquilo que deve e o que não deve ser dito, ou ainda, com mais objetividade, indica que as regularidades de uma formação discursiva são dadas pelo que denomina de *forma-sujeito*. Percebe-se, então, que Pêcheux (1997) acrescenta também a *forma-sujeito*, além da já citada ideologia, como característica da formação discursiva no seu próprio funcionamento.

A posição ocupada por um sujeito, numa formação discursiva, advém, primeiramente, de uma identificação com seus semelhantes e de um reconhecimento de si próprio dentro dessa formação. A *forma-sujeito* reduplica a identidade do sujeito diante de seus pares: há uma organização dos saberes que marcam uma formação discursiva e que formam a identidade dessa formação. Por esse viés, é possível compreender que a reduplicação da identidade é uma superposição do sujeito do discurso com a *forma-sujeito* que caracteriza e homogeneiza uma determinada formação discursiva.

Entretanto, há também a possibilidade de o sujeito, em um dado discurso, assumir uma posição que contraria a *forma-sujeito* da formação discursiva em que está inscrito, provocando uma separação (ao contrário da superposição) que desencadeia uma contraidentificação, isto é, ocorre a instituição de uma resistência à *forma-sujeito* dominante. Nesse caso, ele passa a uma nova posição-sujeito (tipo rebelde, digamos). A essas duas opções de tomada de posição (superposição e separação), respectivamente reduplicação da identificação e contraidentificação, Pêcheux (1997) identificou, também respectivamente, o bom sujeito e o mau sujeito. O bom sujeito seria aquele que se percebe na *forma-sujeito* em que se inscreve, ao contrário do mau sujeito, que é contrário à identificação da forma dominante.

Mas além dessas duas modalidades, Pêcheux (1997) considera ainda que há uma terceira, a qual classifica como o modo da “desidentificação, isto é, de uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação/deslocamento da *forma-sujeito*”.

(PÊCHEUX, 1997, p. 168). Como Pêcheux (1997) considera essa como uma terceira modalidade, pode-se inferir que o deslocamento do sujeito de uma formação para outra é perfeitamente possível, a partir do momento em que ele não mais se identifica com a *forma-sujeito* constituída. A filiação do sujeito a uma formação discursiva é um processo dinâmico e sem fronteiras delimitadas e rígidas.

Segundo Indursky (2007, p. 169),

Se a formação discursiva apresenta-se assim constituída, então a *forma-sujeito* que a organiza também é heterogênea em relação a si mesma, o que significa afirmar que a *forma-sujeito* abriga a diferença e a ambigüidade em seu interior. Só assim é possível pensar em uma formação discursiva heterogênea que continua comportando um sujeito histórico para ordená-la. De tal modo que é possível pensar esse sujeito histórico como um sujeito dividido entre as diferentes posições de sujeito que sua interpelação ideológica lhe faculta[...]. Claro está que não se trata mais de uma *forma-sujeito* dotada de unicidade, pois estamos diante de um conjunto de diferentes posições de sujeito e é esse elenco que vai dar conta da *forma-sujeito*. Por outro lado, uma *forma-sujeito* fragmentada abre espaço não só para o semelhante, mas também para o diferente, o divergente, o contraditório, daí decorrendo uma formação discursiva heterogênea, cujo traço marcante é a contradição, que lhe é constitutiva.

Reafirmando que a *forma-sujeito* pode ser heterogênea dentro de uma formação discursiva, em função das diferentes posições que o sujeito pode ocupar, Indursky ainda complementa (2007, p. 170),

Isto equivale a dizer que certos sentidos que são constituídos a partir de uma determinada interpelação/identificação, a partir de um certo momento, podem ser questionados e um sentido pode tornar-se outro e isto mostra que, de fato, “*não há ritual sem falhas, enfraquecimento e brechas*” (PÊCHEUX, 1997, 301) e ele acrescenta “uma palavra pela outra é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso”. [...] Em minha perspectiva, a falha no ritual se dá no momento em que ocorre o encontro do sujeito do discurso com a linguagem e a história. De fato, é resultante deste encontro que podem ocorrer alguns tipos de falhas no ritual: o primeiro dá origem à entrada de novos saberes, anteriormente alheios a um determinado domínio de saber, produzindo a transformação/reconfiguração de uma FD. E isto ocorre porque a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento.[...] Uma outra falha no ritual pode levar-nos a presenciar, não apenas a fragmentação da própria *forma-sujeito*, mas a instauração de uma nova posição-sujeito que traz para o interior da FD saberes que aí causam alvoroço e estranhamento, ocorrendo o que Pêcheux descreveu como “irrupção de um além exterior e anterior (1990, p.) na FD”[...]

É pertinente observar que as “falhas do ritual”, conforme afirma Indursky (2007), podem provocar uma contraidentificação do sujeito na FD em que está inscrito e, ainda, que essa mesma falha pode levar o sujeito a questionar os saberes de uma formação e a questionar-se diante desses mesmos saberes, podendo ele (o sujeito) deixar uma formação e se inscrever em uma outra, em superposição, isto é, em reduplicação da identidade que lhe é peculiar.

Indursky (2007, p. 171), de forma pertinente, considera que

[...] não seja possível, nos dias de hoje, trabalhar com uma FD fechada e homogênea. Não é desejável o fechamento de uma máquina discursiva, embora seja muito mais fácil trabalhar desta maneira. Entendo fechamento mais como um *efeito de fechamento*, e este efeito é necessário para que o analista possa fazer seu trabalho, mas este efeito pode se dar somente depois que tenha sido instituído o gesto analítico/interpretativo do analista. E o que produz esse fechamento é o *princípio organizador* preconizado pela teoria, a *ideologia*, que não pode mais ser entendida como um discurso para cada um.

E, ainda, complementa:

Julgo, pois, que a FD merece que lutemos por ela. Mas, para tanto, é preciso que se entenda que, a um só tempo, ela está submetida ao princípio organizador que é a ideologia, e que esta é uma unidade dividida em relação a si própria; portanto, não é possível cristalizar a FD; desde que a FD não se converta em um colete rígido que impeça a fragmentação da *forma-sujeito*; desde que lembremos constantemente que não há ritual sem falhas e que esta falha permite que novos saberes podem inscrever-se, obedecendo ao princípio da transformação; desde que saibamos que esta falha no ritual conduz o sujeito do discurso a apropriar-se de saberes alheios e inseri-los no âmbito de uma FD. (INDURSKY, 2007, p. 171)

Por conseguinte, pode-se inferir que os sentidos não estão nas palavras, nas expressões em si, mas recebem o sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Uma palavra, expressão, não tem um sentido próprio, o sentido provém do momento da enunciação, dependendo da posição ocupada pelo sujeito em uma determinada formação discursiva.

Segundo Pêcheux (1990, p. 314), reportando-se a Foucault,

A noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais.

O que se pode afirmar que uma formação discursiva não se encerra em si mesma, muito pelo contrário: ela é caracterizada pela incompletude e, por conseguinte, passível de ser invadida por elementos de outras formações. Essa característica é bem explicada por Foucault (2002, p. 26) quando, metaforicamente, afirma:

É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas, e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outras frases: nó em uma rede.

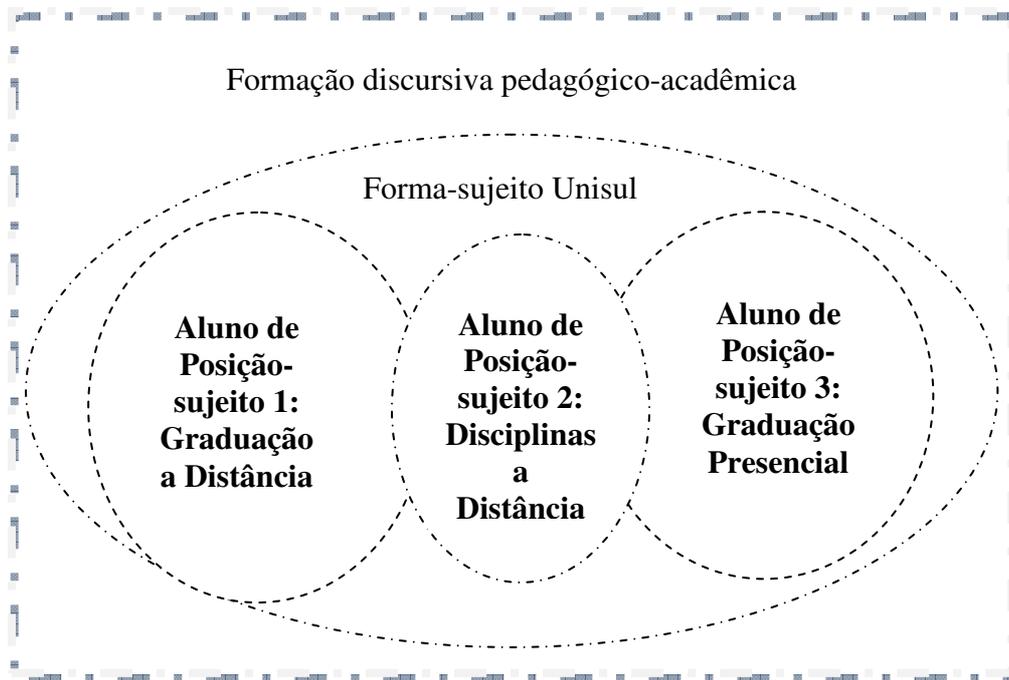
A partir dessa citação, é oportuno voltar-se para o lugar no qual se foca esta pesquisa, ou seja, à Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

2.2 A FORMA-SUJEITO UNISUL

Tendo por premissa que uma formação discursiva é caracterizada por uma incompletude que se faz e se desfaz em função das formações outras que a permeiam, e que as regularidades de uma podem ser contraditórias para outras (ou não, totalmente), tem-se que a *forma-sujeito* de uma FD determina uma identificação de saberes que, mesmo apresentando regularidades em sua essência, estão abertos a questionamentos e a possíveis contradições, diante das diferentes posições-sujeito que se efetuam numa mesma FD.

No caso específico desta tese, trataremos do discurso pedagógico como, segundo Orlandi (1983, p. 21), "(...) um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola". Nessa concepção, não excluimos os inúmeros atravessamentos do discurso pedagógico em outros âmbitos, ou seja, não se circunscreve apenas ao espaço escolar, mas nosso propósito nesta tese é circunstanciá-lo no movimento do sujeito de um determinado lugar, qual seja, na Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. As regularidades do dizer desse lugar é que filiam o sujeito a uma formação discursiva, que trataremos nesta tese como FD – pedagógico-acadêmica. Assim, cabe demonstrar, no caso específico desta tese, a forma pela qual se caracterizará a formação discursiva pedagógico-acadêmica, conforme segue na figura 1:

Figura 1 - A formação discursiva pedagógico-acadêmica (FD-Unisul) e as posições-sujeito identificadas



Fonte: Autora, 2013

Para efeito desta pesquisa e valendo-nos dos preceitos teóricos já descritos com relação à formação discursiva, julgamos pertinente adotar a Unisul como *forma-sujeito* da formação discursiva pedagógico-acadêmica, a fim de que seja possível fazer inferências acerca da temática desta tese e obter caminhos para solução da problemática em foco.

A Unisul está no contexto educacional há quase 50 anos, realizando atividades de ensino, pesquisa e extensão. É natural supor que ela se reinventou ao longo do tempo, criando e recriando a sua atuação na área educacional. Do mesmo modo, as formações discursivas criam-se e recriam-se na medida em que novas tendências sociais e históricas se delineiam, também a universidade se reconstitui, afinal, até pouco tempo atrás, não se cogitava que o processo de ensino e aprendizagem estivesse acessível através de ambientes *e-learning*, tendo como base os recursos da internet. Dessa forma, parece plausível que, numa perspectiva pedagógico-acadêmica, sob o âmbito da formação discursiva, tenhamos na instituição UNISUL regularidades que, ao mesmo tempo em que suscitam superposições (reduplicação da identificação), também inspirem separação (contraidentificação), de maneira que a posição-sujeito, muito embora seja interpelada pelo funcionamento peculiar da formação discursiva (pedagógico-acadêmica), também dá vazão a contradições e a questionamentos,

decorrendo daí atravessamentos outros que dão origem a diferentes posições-sujeito dentro de uma mesma formação discursiva.

Embora Foucault (2002) e Pêcheux (1997) tenham consenso com relação à formação discursiva no que tange à compreensão de que os enunciados não estão nos sujeitos, mas se efetuam neles, como posição-sujeito, a partir de certas regularidades e funcionamentos que delimitam a FD. É pertinente ainda considerar que a concepção de Pêcheux (1997), de que o interdiscurso (o sempre já dito), a exterioridade que delimita o dizer a partir do lugar do outro e que está intimamente relacionado à ideologia e à historicidade, assim como a *forma-sujeito*, que decorre das diferentes posições sujeito em uma mesma formação discursiva, justificam com maior propriedade a imagem da figura 1.

A partir de uma dada formação discursiva (pedagógico-acadêmica), temos as regularidades e os saberes pertinentes ao funcionamento e aos atravessamentos dentro de uma FD – *forma-sujeito*. Como a *forma-sujeito* não é homogênea, ela abre espaço para contradições que se estabelecem no interior dela própria, e aí, a heterogeneidade de posições-sujeitos passa a ser marcada. No caso específico da *forma-sujeito* Unisul, essas diferenças de posições-sujeito são marcadas pelas diferentes modalidades de ensino da instituição (presencial e virtual), que suscitam diferentes posições-sujeito no seu funcionamento.

Assim, quando surgem os questionamentos iniciais desta tese, explicitados na introdução, e eles afloram como inquietudes para esta pesquisa, tem-se uma primeira e superficial visão de que a *forma-sujeito* dentro da FD – Unisul¹⁰ não é homogênea, nem tampouco, rege-se a partir de regularidades e funcionamentos padrões e únicos. Ou seja, mesmo antes de conhecer teoricamente as nuances de uma formação discursiva, já se tinha a descrição de posições-sujeito diferentes dentro de uma mesma FD, quando se indagava, por exemplo: Os sujeitos se constroem de maneiras diferentes no ensino de graduação que se dá integralmente a distância em relação aqueles que apenas cursam determinadas disciplinas a distância? Por que um aluno de curso presencial apresenta, a *priori*, resistência para cursar uma disciplina a distância? O aluno do curso presencial (que por sua faixa etária caracteriza o que alguns autores tratam como pertencentes à geração Y), que vivencia no seu cotidiano acesso aos mais diferentes recursos tecnológicos, não se sente motivado a estudar na modalidade a distância, através de um ambiente e-learning? Quais singularidades estariam presentes nessas duas modalidades enunciativas?

¹⁰ Conforme mencionado anteriormente, supõe-se que a Universidade por ter certas regularidades, possa ser entendida, no contexto desta tese, como uma Formação Discursiva.

As modalidades presencial e a distância, ou ainda, a mescla do modo operacional do ensino presencial e a distância, pressupõe, de antemão, regularidades que divergem em suas especificidades mais elementares: a presença física é marcada no presencial; a presença virtual é marcada como potência para acontecimentos, na modalidade a distância.

Nessa perspectiva, pode-se supor que, embora estejamos focados na formação pedagógico-acadêmica, temos identidades que se contraidentificam, separam-se e provocam certa resistência à *forma-sujeito* de origem, dando vazão a outras posições-sujeito. De fato, de um lado, temos a Posição-sujeito 1: Graduação a distância, com alguns dispositivos que a marcam: temos um aluno que ocupa uma faixa etária predominantemente igual ou maior a 25 anos de idade; que já cursou uma graduação e procura o ensino virtual para um aperfeiçoamento profissional; que possui sua independência financeira; que já constituiu família e necessita de um horário flexível para estudar. Na outra extremidade mostrada na figura 1, temos a Posição-sujeito 3: Graduação presencial: formada por alunos (em maioria) que recém saíram do ensino médio; cursam a primeira graduação; não possuem independência financeira; ainda não constituíram família; possuem disponibilidade de tempo para frequentar os horários de aulas presenciais. No centro da figura 1 temos os alunos da Posição-sujeito 2: Disciplinas a distância (DAD)¹¹. Eles são alunos matriculados no curso presencial, porém, em função de uma norma institucional (UNISUL), devem e/ou podem cursar disciplinas a distância, algumas das quais, obrigatoriamente¹².

A figura 2, a seguir, apresenta um demonstrativo de evolução das matrículas em disciplinas a distância (DAD), na Unisul, a partir de 2006-2, quando as disciplinas a distância se efetivaram na Universidade como uma nova modalidade de oferta curricular para os cursos presenciais:

¹¹ As disciplinas a distância são oferecidas pela Unisul através da regulamentação com base na Portaria do MEC N° 4.059, de 10 de Dezembro de 2004 (Sistema Federal de Ensino) e nos termos da resolução N° 021, de 17 de maio de 2005, do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina (Sistema Estadual de Educação de Santa Catarina). Ambos os instrumentos autorizam que até 20% da carga horária total de um curso de graduação presencial seja ministrada na forma de disciplinas a distância.

¹² Vale ressaltar que a Unisul disponibiliza atualmente 40 disciplinas na modalidade a distância, algumas das quais os alunos podem optar em fazer nesta modalidade e outras em que os alunos são obrigados a se matricular, visto que é a única forma em que são ofertadas.

Figura 2 – Evolução das matrículas em Disciplinas a Distância (DAD) na Unisul



Fonte: Relatório de Autoavaliação Institucional DAD (2012-1) – anexo A.

Em seguida, a figura 3 demonstra a evolução da quantidade de disciplinas que compõe os projetos pedagógicos dos cursos presenciais da Unisul e que estão sendo ofertadas na modalidade a distância (2012-1):

Figura 3 - Evolução da quantidade de disciplinas a distância (DAD) ofertadas na Unisul para os alunos matriculados em cursos presenciais



Fonte: Autora, 2013

Assim, as 40 (quarenta) disciplinas DAD da Unisul em 2012-1 são:

- Alfabetização e Políticas da Educação de Jovens e Adultos no Brasil
- Análise Modificação Comportamento
- Antropologia Cultural
- Cenários Contemporâneos
- Ciência e Pesquisa
- Ciência Política
- Com Eletrônico
- Desenho Técnico Básico
- Didática I
- Didática II
- Direito Processual Civil II
- Direito Tributário
- Economia Política
- Empreendedorismo (OUTROS)
- Filosofia
- Filosofia do Direito
- Gerência de Projetos
- Gestão do Conhecimento
- Gestão Estratégica I
- História da Educação
- Inglês Técnico
- Introdução à Pesquisa Operacional
- Leitura e Produção Textual
- Libras
- Matemática Financeira
- Metodologia da Pesquisa
- Metodologia pa Estudo de Caso
- Métodos Estatísticos
- Perícia Contábil e Arbitragem
- Políticas Públicas

- Propostas Pedagógicas e Metodológicas para Educação de Jovens e Adultos
- Probabilidade e Estatística
- Programação Numérica
- Psicologia e Educação
- Psicologia nas Organizações
- Psicologia Social
- Sociologia
- Sociologia da Educação
- Sociologia das Organizações
- Teorias do Desenvolvimento II

Portanto, nessa posição-sujeito (posição-sujeito 2: disciplinas a distância (DAD)) temos os alunos que seguem as regularidades do ensino presencial (posição-sujeito 3: Graduação presencial), mas eventualmente, por força da oferta das disciplinas do currículo na modalidade virtual, deparam-se com outras regularidades, determinados pela posição-sujeito 1: Graduação a distância.

Assim, observa-se a descrição da sentença abaixo:

Posição-sujeito 2: Disciplinas a distância (DAD) = Posição-sujeito 1: Graduação a distância + Posição-sujeito 3: Graduação presencial

Observa-se que será possível responder a seguinte indagação desta tese: quais elementos constituem essas cenas enunciativas de modo a constituírem acontecimentos distintos? O processo de ensino e aprendizagem, para o aluno (sujeito) do curso presencial matriculado numa disciplina a distância, desliza em posições-sujeito diferentes, que se atravessam e que são instauradas por dispositivos que marcam cada uma delas: por um lado, há a posição-sujeito 3: Graduação presencial, cuja cena enunciativa se instaura pela presença (corpo) do “eu” e do “tu”, do espaço físico, da linguagem e dos canais de enunciação, do próprio discurso, que pode ser por meio da oralidade ou da escrita, mas que é síncrono entre os sujeitos (eu e tu).

Por outro lado, há uma posição-sujeito 1: Graduação a distância, no âmbito dos cursos com disciplinas a distância. Nessa forma, a cena enunciativa, embora se instaure em função dos mesmos elementos, possui diferenças constitutivas.

A cena enunciativa na estrutura do ensino a distância se instaura em um espaço virtual, com determinadas linguagens, em um tempo síncrono ou assíncrono para os sujeitos, ou seja, também haverá a relação entre o “eu” e o “tu” com a materialidade (o espaço virtual de aprendizagem), com a linguagem (escrita, oral), no tempo em que os sujeitos desejarem acessar a sala virtual, e também com o “eu” e o “tu”. Isso porque o professor, por exemplo, acessa a turma virtual (EVA), suporte para a materialização dos discursos, pressupondo a existência de um “tu”. E utiliza as ferramentas de comunicação, pressupondo essa existência.

O aluno, por sua vez, também acessa a turma (EVA), pressupondo a existência de um “tu”, seja o professor, sejam os outros alunos. Entretanto, não necessariamente ele irá encontrá-los, ou seja, não necessariamente, o “tu” estará presente (no mesmo tempo, on line). Contudo, vale marcar que mesmo ausente, ele é presente, e isso é que torna possível o enunciado do “eu”.

Essas considerações já permitem visualizar que o sujeito da posição-sujeito 2: Disciplina a distância (DAD) vê-se constantemente deslocado em sua posição, ou seja, ora ele tem uma superposição (reduplicação da identificação), justamente quando ocupa uma posição na posição-sujeito 3: Graduação Presencial, forma em que se inscreveu – por opção - para cursar uma universidade; ora é atravessado por outras regularidades, e aí se percebe numa contraidentificação, relativa à posição-sujeito 1: Graduação a distância e seu funcionamento, provocando um deslocamento da posição-sujeito dentro da *forma-sujeito* Unisul.

A *forma-sujeito* que se delinea a partir da formação discursiva em que está instaurada possui certas regularidades que, por eventuais deslocamentos, pode provocar posições-sujeito diferentes no seu funcionamento. Entretanto, ainda que tenhamos atravessamentos divergentes, as posições-sujeito se complementam, entrelaçam-se e coexistem:

[...] todo este jogo de relações constitui um princípio de determinação que admite ou exclui, no interior de um discurso dado, um certo número de enunciados [...]; uma formação discursiva não ocupa todo o volume possível que lhe abrem de direito os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; é essencialmente lacunar e isto pelo sistema de formação de suas escolhas estratégicas. Daí que, retomada, colocada e interpretada em uma nova constelação, uma formação discursiva dada pode fazer aparecer novas possibilidades” (FOUCAULT, 2002, p. 83).

Por isso é oportuno fazer referência a Foucault (2002), justamente por trazer a metáfora da constelação em relação à formação discursiva, que nos faz refletir sobre a

infinitude no sentido do devir, das possibilidades de enunciados e, por outro lado, de incompletude, da sempre falta para a efetuação desses enunciados.

Pêcheux (1997) complementa essa metáfora e vai além, relaciona essa incompletude com a exterioridade, considera as possibilidades múltiplas que se delineiam e se reinventam a partir de contradições e contraidentificações das posições-sujeito, pertinentes às fronteiras porosas e dinâmicas das formações discursivas.

Na *Forma-sujeito* Unisul, há sujeitos interpelados por posições-sujeito distintas, com marcas e dispositivos que se instauram e se atravessam nas várias posições-sujeito e, ao mesmo tempo em que são constituintes da FD, são, por contrário (ou não), identificadas e contraidentificadas na heterogeneidade da *forma-sujeito*.

Há ainda que se considerar que, segundo Pêcheux (1997), o bom e o mau sujeito se efetua na *forma-sujeito*, e a tenacidade entre o bom e o mau parece se tornar fugaz principalmente na posição-sujeito 2: Disciplinas a distância (DAD), já que ela se inscreve com regularidades da posição-sujeito 1: Graduação a distância e da posição-sujeito 3: Graduação Presencial. Entretanto, é válido considerar que o bom e o mau sujeito se identificam e se contraidentificam, respectivamente, em função de todas as posições-sujeito da *forma-sujeito*-Unisul.

Segundo Cazarin (2007, p. 115),

Essas relações de diferença e de divergência internas possibilitam compreender que as fronteiras de uma posição sujeito são delimitadas, no interior de uma FD, pela maneira como cada posição sujeito relaciona-se com a *forma-sujeito*; mas essa delimitação, assim como é o caso das fronteiras de uma FD, não é fixa, pois há movência interna de saberes também no interior de uma posição-sujeito. [...] No entendimento que estou tendo, posições sujeito convivem no interior de um mesmo regime de saber e delimitam entre si “lugares” divergentes materializados pela maneira de se relacionarem com o sujeito histórico da FD[...].

Na *forma-sujeito* Unisul, a posição-sujeito é heterogênea, e apesar de estar numa mesma regularidade, as posições divergem na materialidade discursiva, em função de que os discursos, uma vez enunciados, advêm de lugares igualmente diferentes (posições 1, 2 e 3). De fato, essas diferentes posições-sujeito é que dão lugar ao bom e ao mau sujeito e, concomitantemente, o sujeito só o é (bom ou mau) quando o discurso se efetua numa determinada enunciação.

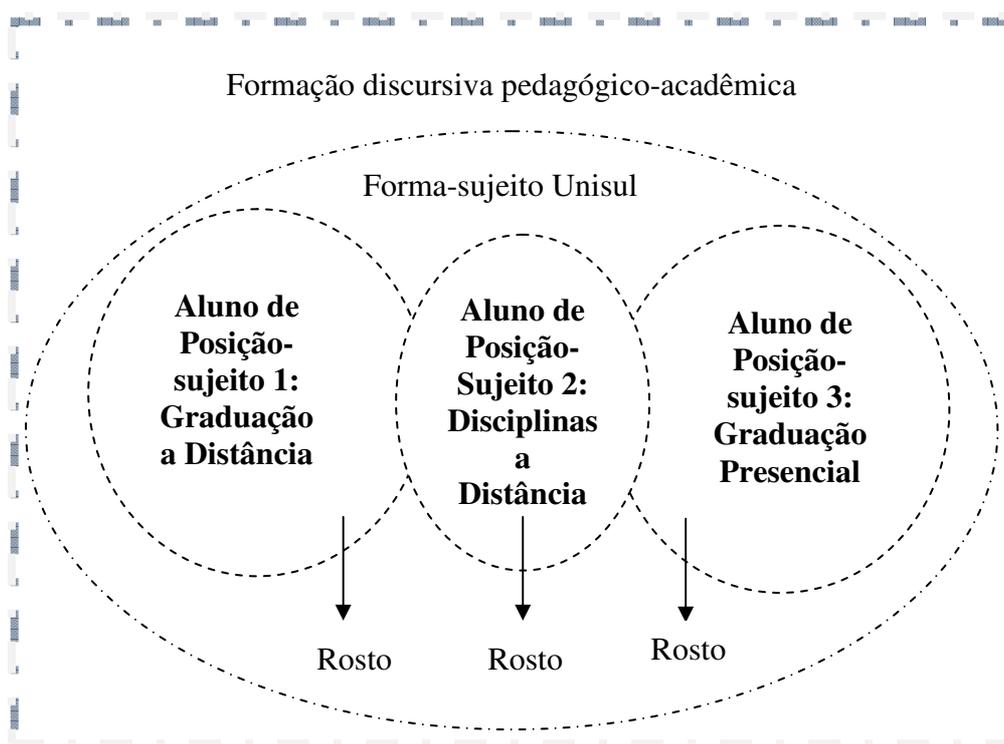
No entanto, se não há discurso efetuaado, também não há um indivíduo interpelado em sujeito e marcado por uma posição-sujeito. Sem contrapor a essa ideia, toma-se Agamben (2011), ao tratar de face e rosticidade. Isso posto, pode-se afirmar que sem essa interpelação (indivíduo/sujeito) não há condição mínima de se transpor a face, a rosticidade do ser.

Até que não assuma uma posição-sujeito, o indivíduo é somente indivíduo. Há uma ligação direta entre indivíduo e face, assim como também há uma ligação direta entre sujeito do discurso e rosticidade, conforme veremos a seguir.

3 A ROSTICIDADE E O PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO

Na figura 4, temos as posições-sujeito da *forma-sujeito* Unisul e os traços de rosticidade demonstrados:

Figura 4 – As posições-sujeito e a rosticidade



Fonte: Autora, 2013

A partir da formulação de Agamben (2011), compreendemos que o “tu”, seja da posição-sujeito 3: Graduação presencial, seja da posição-sujeito 1: Graduação a distância ou ainda da posição-sujeito 2: Disciplinas a Distância (DAD), tem muitos rostos. Esse rosto passa a ser marcado, revelado, justamente pela linguagem. Como esta pesquisa trata, principalmente, do ensino a distância, tomemos como exemplo a seguinte situação: um aluno, com dúvidas sobre o conteúdo da disciplina, posta uma pergunta na ferramenta “professor”¹³ do Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA). No momento em que ele faz esse gesto, ele passa a marcar seu rosto, revelar-se, desnudar-se, pois segundo Agamben (2011, p. 1),

¹³ Ferramenta “professor”: link do Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem, que permite ao aluno postar dúvidas e/ou perguntas para que o professor da disciplina possa responder.

O rosto não coincide com a face. Por toda parte em que algo alcança a exposição e tenta tomar o próprio ser exposto – por toda a parte em que um ser aparece afundado na aparência e deve, desde o início, retornar a ela -, tem-se um rosto. [...] Olho alguém nos olhos: estes se abaixam – é a vergonha, que é vergonha do rosto que há atrás do olhar -, ou me olham, por sua vez.

Observa-se que, seja em quaisquer das posições-sujeito descritas até aqui, pertencentes à *forma-sujeito* Unisul, a posição-sujeito passa a ser marcada no momento em que o indivíduo assume uma posição social do seu dizer e é interpelado pelas regularidades da formação em que está inscrito.

Assim, enquanto não assume essa posição-sujeito, o indivíduo é puramente face, e, ao observar o aluno que se inscreve na posição-sujeito 1, 2 ou 3 da *forma-sujeito* Unisul, tem-se a imediata condição de face inscrita numa posição-sujeito. Ou seja, o indivíduo-face é quem se inscreve, mas o sujeito-rosto é quem ocupa uma posição discursiva nessa *forma-sujeito*. O indivíduo passa a assumir uma posição-sujeito no momento em que revela seu rosto, em que se desnuda da face e, interpelado pela efetuação do discurso, revela-se em sujeito de um rosto, de uma rosticidade.

Um exemplo prático pode ser verificado nas sequências discursivas abaixo descritas, que representam a inserção de comentários de um aluno (doravante S1), em específico, durante o semestre 2012-1, na ferramenta “professor”, de uma determinada disciplina a distância (DAD):

- Enviada por S1 em 10/07/2012 (18:17)

Professor (P1) bom dia.

“Pelo minhas contas, como voce falou pra fazer, precisarei tirar 7.4 na prova final, voce pode ver se está correto, é meu ultimo semestre e já estou fazendo pela terceira vez essa materia, dá uma ajuda ai professor, valeu

Obrigado”

- Enviada por S1 em 22/06/2012 (19:59)

“Boa noite prof. (P1), você pode mandar o gabarito das questões que errei para poder estudar pra prova final, já que fiquei em prova devido a AP2 que perdi. A AD1 errei a 6 e 7 e a AP2 foi a 1 e 7 e tem como você disponibilizar a AP1 e 2 para estudar também. Obrigado”

- Enviada por S1 em 19/06/2012 (11:17)

“Bom dia professor, a prova de segunda chamada que perdi não vai ter como fazer ela, já falei com todos que podia ter falado, mas não tem jeito mesmo, é meu ultimo semestre em Relações internacionais, entrei em 2004 e ainda estou lutando para terminar o curso, mas não sera mais uma pedra no caminho que me fará desistir e é a terceira vez que estou fazendo essa materia, pois bem estou com 7, 7,5 e 7, quanto preciso tirar na prova final?? será toda a materia?? quantas questoes será a prova.

Obrigado”

- Enviada por S1 em 16/06/2012 (09:13)

“Professor

Bom dia, estou vindo do local de prova neste momento, me envolve em um acidente de transito na ida pra prova e cheguei dez minutos alem do tempo de tolerancia e nao me deixaram entrar, e agora professor tem algum recurso nesses casos o que devo fazer? Já que estou com as notas boas e apenas faltava essa prova. Por favor professor me de uma força, preciso dessa prova pra nao entrar em prova final tenho muita prova pra fazer já. Me da uma ajuda pra que eu possa resolver essa prova sem que precise fazer prova final.

Obrigado”

Ao observar os comentários publicados pelo aluno (S1) no semestre 2012-1, observa-se que a face cede lugar à rusticidade e que a linguagem faz transparecer esse rosto que até então se escondia “atrás do olhar” (AGAMBEN, 2011, p. 75). Observe o que diz o aluno (S1): “é meu último semestre; [...] entrei em 2004 e ainda estou lutando para terminar o curso.”; ou ainda, “me envolve em um acidente de transito [...] por favor professor, me de uma força, preciso dessa prova para não entrar em prova final tenho muita prova para fazer já”.

Os fragmentos ressaltados permitem perceber o aluno (S1) não mais como uma face diante de tantas outras. A partir do momento em que ele se utiliza da linguagem para interagir com seu professor, há um desvendamento do “eu”; de um “eu” que transcende o corpo e que se estende ao rosto, “por toda parte em que algo alcança a exposição e tenta tomar o próprio ser exposto – por toda a parte em que um ser aparece afundado na aparência” (AGAMBEN, 2011, p. 75)

Quando o aluno (S1) se manifesta na ferramenta “professor”, e diz: “Estou lutando para terminar o curso”, tem-se, segundo Agamben (2011), a comunicabilidade do abismo que se encontra em si, a expressão daquilo que era silencioso na face e emerge para a

abertura do explícito, sobre o rosto em que todos os traços expressivos e ativos são capazes de brilhar.

O rosto é justamente o conjunto das muitas verdades que constituem o sujeito, das verdades mais profundas e ocultas, que emergem para a superfície quando o indivíduo ocupa uma posição-sujeito numa formação discursiva. É no atravessamento da *forma-sujeito* que o indivíduo se revela, desnuda-se, descola-se da face e faz transcender seu próprio rosto.

3.1 O ROSTO COMO NÃO SIMULACRO

Segundo Agamben (2011, p. 1),

O rosto não é simulacro, no sentido de qualquer coisa que dissimula ou encobre a verdade: ele é a *simultas*, o estar-junto dos múltiplos semblantes que o constituem, sem que algum desses seja mais verdadeiro que os outros. Compreender a verdade do rosto significa tomar não a semelhança, mas a simultaneidade dos semblantes, a inquieta potência que os mantêm juntos e os reúne em comum. Assim, o rosto de Deus é a *simultas* dos semblantes humanos, a “nossa efigie” que Dante vira no “vivo lume” do paraíso.

Nesse sentido, supõe-se que a modalidade presencial é suscetível ao simulacro que facilmente emerge da face, e somente dela. A face que esconde, que oculta as verdades mais profundas e que, em outro sentido, protege o rosto como uma ferradura que impede que a espada alcance o corpo. Nessa modalidade, a face pode se sobrepor ao rosto.

Por oposição, a modalidade a distância não dispõe do atributo de simulacro, visto que os sujeitos não são marcados pela sua face em si, mas pelo rosto que se efetua por intermédio da linguagem. Somente o rosto emerge nessa modalidade e

[...] o rosto é, sobretudo, paixão da revelação, paixão da linguagem. A natureza adquire um rosto no ponto em que se sente revelada pela linguagem. No rosto, seu ser exposto e traduzido na palavra, seu revelar-se na impossibilidade de haver um segredo, emerge como castidade ou perturbação, descaramento ou vergonha. (AGAMBEN, 2011, p. 1).

O rosto, por assim dizer, não permite simulacros. Conforme a citação de Agamben (2011, p. 1), “[...] No rosto, seu ser exposto e traduzido na palavra, seu revelar-se na impossibilidade de haver um segredo [...]”. A expressão “seu ser exposto” traduz a característica transparente e paradoxal do rosto: é profundo e ao mesmo tempo, exposto; emerge à superfície na efetuação de acontecimentos. E ainda, reportamo-nos à expressão “impossibilidade de haver um segredo”, que por sua vez, determina o rosto como a tradução

da verdade pura, que não pode e não compete ser dissimulado. Ainda, há que se considerar que o rosto é “simultas”, ou seja, é múltiplo nas suas efetuações, como são múltiplos os acontecimentos em que os rostos são efetutados.

Nas sequências discursivas do aluno (S1) se têm registros de expressões que denotam um pedido de ajuda. Ele diz “é meu ultimo semestre e já estou fazendo pela terceira vez essa materia, dá uma ajuda ai professor”. Assim, se o rosto é “simultas”, ele assume nesse dizer uma marca de apelo, de pedido de ajuda, tentando comover o professor pelo fato de já estar na reta final do curso. De toda forma, vale também considerar que a possibilidade de não ter face parece que facilita esse pedido, isto é, a face não aparece, a linguagem traduz e transparece somente o rosto.

Esse é um paradoxo de relevância para se confrontar as posições-sujeito da *forma-sujeito* Unisul, principalmente no que tange à posição-sujeito 1 e à posição-sujeito 3. O fato de o ensino ser presencial não pressupõe, segundo Agamben (2011, p.1), que os rostos estejam, a priori, desnudos, revelados, pois, segundo ele, “o rosto não coincide com a face”. É preciso que o sujeito se revele, através da linguagem, para que se conheça seu rosto, para que se mostrem os efeitos de sentido que o atravessam e o constituem por detrás da sua face.

Nesse sentido, Deleuze (1995, p. 32) compartilha da teoria de Agamben (2011), conforme podemos observar no fragmento abaixo:

O rosto não é um invólucro exterior àquele que fala, que pensa ou sente. A forma do significante na linguagem, suas próprias unidades continuariam indeterminadas se o eventual ouvinte não guiasse suas escolhas pelo rosto daquele que fala (“veja, ele parece irritado...”, “ele não poderia ter dito isso...”). Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rusticidade específicos. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes.

A partir dessa citação, pode-se inferir que os rostos derivam, primeiramente, de determinadas formações, coincidindo com as posições que os sujeitos ocupam nessas formações.

No caso específico desta tese, a reflexão recai justamente sobre uma formação discursiva (pedagógico-acadêmica) marcada por uma *forma-sujeito* e atravessada por três posições-sujeito, cada qual com suas regularidades, ou seja, os sujeitos inscritos na *forma-sujeito* Unisul, principalmente na posição-sujeito 2, incorrem naturalmente numa confusão de posições enquanto rostos atravessados por certas marcas, correspondentes às suas posições-sujeito, visto que estas marcas se confundem entre o virtual e o presencial – observe um

fragmento da citação acima: “os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidades[...]” (DELEUZE, 1995, p. 32)

Retomemos um questionamento que intriga e que, dado o contexto, é oportuno lembrar neste momento: Por que um aluno de curso presencial apresenta, a priori, resistência para cursar uma disciplina a distância?

De acordo com o que consta no Relatório de Autoavaliação DAD 2012-1 (anexo A), produzido pela equipe de Inovação e Qualidade de EaD da UnisulVirtual ao final de cada semestre, é possível obter a compilação das respostas dadas por alunos, espontaneamente, ao questionário disponível na última unidade do Espaço Virtual de Aprendizagem de todas as disciplinas DAD, conforme demonstra a figura abaixo:

Figura 5 - Link para pesquisa de Autoavaliação Institucional no EVA

The image shows a screenshot of the UnisulVirtual website interface. At the top, there is a navigation bar with the UnisulVirtual logo on the left and several menu items: Disciplinas/Unidades de Aprendizagem, Plano de Ensino, Cronograma, Metodologia, and Clá, Coo. Below this, a breadcrumb trail reads '4819 - ANTROPOLOGIA CULTURAL - DAD - 2012A'. A secondary navigation bar contains links for Mural, Midiateca, Webconferência, Fórum, Exposição, Avaliação, Turma, Tutor, and Professor. The main content area is titled 'Unidade 5 Memória, identidade e representações'. On the left, there is an image of a book titled 'Antropologia Cultural'. To the right, there is a text block with a quote in Latin and Portuguese, followed by a question about the importance of memory and a link to 'Exposição'. At the bottom of this text block, a light blue box contains the text 'Pesquisa de Autoavaliação Institucional' and 'Após a avaliação presencial (AP), lembre-se de responder a Pesquisa de Autoavaliação Institucional.' This box is circled in red.

Fonte: Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (2012)

O relatório é respondido exclusivamente por alunos matriculados nas disciplinas a distância (ofertada aos alunos matriculados nos cursos presenciais – posição-sujeito 2) e é composto por 35 questões fechadas e 1 questão aberta, em que o aluno pode manifestar seus comentários e sugestões para as disciplinas, que estão cursando.

Além disso, é importante enfatizar que o relatório traz um quadro comparativo entre os resultados obtidos desde o semestre 2010-1 até o semestre 2012-1, para todas as perguntas realizadas, de forma que se pode avaliar o contexto de cada momento (semestre).

Assim, destaca-se abaixo o número de alunos respondentes ao questionário de 2012-1, para que se possa ter noção do campo de abrangência das respostas, conforme demonstra a tabela 1:

Tabela 1 - Quantidade de alunos respondentes da Pesquisa de Autoavaliação Institucional 2012-1 DAD

Semestre	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1
Quantidade de disciplinas	31	34	34	39	40
Total de matrículas (DAD)	6739	6942	7115	7.905	7.864
Total de questionários respondidos	700	730	496	708	870
Percentual de respondentes/matrícula	10%	11%	7%	9%	11%

Fonte: Relatório de Pesquisa de Autoavaliação Institucional (2012-1) – anexo A

Outro dado importante para as discussões e reflexões desta tese diz respeito à faixa etária dos alunos respondentes do questionário DAD em 2012-1, conforme mostra a tabela 2.

Tabela 2 - Faixa etária dos alunos DAD – 2012-1

	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	
	%	%	%	%	Freq.	%
a - menos de 17 anos	0,0%	1,0%	0,4%	1,6%	14	1,6%
b - de 17 a 20 anos	29,0%	30,0%	30,6%	29,4%	344	39,5%
c - de 21 a 25 anos	42,0%	42,0%	36,3%	34,0%	283	32,5%
d - de 26 a 33 anos	17,0%	19,0%	20,8%	23,7%	154	17,7%
e - de 34 a 39 anos	7,0%	5,0%	6,3%	7,1%	36	4,1%
f - de 40 a 45 anos	4,0%	2,0%	3,4%	2,5%	24	2,8%
g - de 46 a 50 anos	1,0%	1,0%	1,2%	1,1%	7	0,8%
h - acima de 50 anos	1,0%	1,0%	1,0%	0,6%	8	0,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	870	100,0%

Fonte: Relatório de Autoavaliação Institucional DAD (2012-1) – anexo A

De acordo com o que demonstra a tabela 2, 39,5% dos alunos DAD que responderam o questionário estão na faixa etária entre 17 e 20 anos e, outros 32,5%, na faixa etária entre 21 e 25 anos, o que demonstra um grupo bastante jovem.

Há ainda que se considerar a compilação de resultados feita para a resposta 33 (No geral, esta disciplina a distância atendeu as suas expectativas) do Relatório de Autoavaliação Institucional – DAD 2012-1 (anexo A), na qual se tem:

Tabela 3 - Compilação das respostas para a pergunta 33 do Relatório de Autoavaliação Institucional – DAD – 2012-1

	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	
	%	%	%	%	Freq.	%
a - Em branco					29	3,3%
b – Ótimo	30,0%	29,0%	29,6%	25,4%	236	27,1%
c – Bom	48,0%	45,0%	44,8%	45,6%	393	45,2%
d – Regular					136	15,6%
e – Ruim					43	4,9%
f – Insuficiente					33	3,8%
TOTAL					870	100,0%

Fonte: Relatório de Autoavaliação Institucional – DAD (2012-1) – anexo A

A princípio, ao observar as respostas dos alunos, conforme consta na tabela 3, percebe-se que, entre ótimo e bom, 72,3% dos respondentes informam que a disciplina a distância atendeu as suas expectativas. É um percentual bastante razoável e que contradiz o questionamento que, oportunamente, repete-se: Por que um aluno de curso presencial tem, a priori, resistência para cursar uma disciplina a distância?

Nota-se que há uma incoerência entre esse resultado e a origem da pergunta ora inscrita. Entretanto, há que se considerar o número de alunos que responderam ao questionário (apenas 11%) e, ainda, lembrar que a pesquisadora ocupa o lugar de coordenadora das Disciplinas a Distância (DAD) e, como tal, está numa relação de observação participante do processo, fato que permite vivenciar encontros presenciais com alunos e professores, dos quais decorrem comentários outros que divergem sobremaneira dos números dispostos na Tabela 3.

Outro reforço para o que instiga a pesquisadora na formulação desse questionamento se encontra nos comentários abertos do Relatório de Autoavaliação Institucional – DAD 2012-1 - anexo A, disponível para que o aluno possa inserir sugestões e quaisquer outras considerações quanto às disciplinas a distância.

Nas sequências discursivas abaixo listadas, tem-se uma demonstração de comentários de vários alunos, doravante indicados por (S2; S3, S4...), conforme segue:

- S2: “ainda prefiro aula presencial”;
- S3: “não gosto do método utilizado pelas disciplinas a distância, pois não estimulam o estudo”;
- S4: “gostaria de ter essa e outras matérias presenciais”;
- S5: “acredito que as aulas presenciais ainda é a melhor forma de aprender, tirar dúvidas, trocar informações, aprender”;
- S6: “Pelo menos no meu caso, tenho certeza que aprenderia muito mais se tivesse cursado Ciência e Pesquisa presencialmente”;
- S7: “Óbvio que eu não gostaria de cursar uma modalidade à distância, NÃO HÁ interação entre aluno-professor, não há informações adequadas, há muita demora e falta de compreensão”;
- S8: “Não gostei da disciplina nesta modalidade. Só fiz, pois é obrigatória, se houvesse presencial eu faria”;
- S9: “acredito que não existe ensino em que se obtêm mais aprendizado, como o de frequentar todos os dias a sala de aula, pois os alunos vão ter um comprometimento em frequentar a mesma, e também se pode ter a absoluta certeza de que é o próprio aluno que fez aquela avaliação ou aquele trabalho”.

Ou seja, essas sequências discursivas parecem se aproximar mais do que se observa em comentários presenciais e, por conseguinte, demonstram certo desconforto e descrédito com relação à modalidade a distância. Na fala do aluno S5, por exemplo, pode-se comprovar essa afirmação: “acredito que as aulas presenciais ainda é a melhor forma de aprender, tirar dúvidas, trocar informações, aprender”. Ou ainda, na observação do aluno S6: “Pelo menos no meu caso, tenho certeza que aprenderia muito mais se tivesse cursado Ciência e Pesquisa presencialmente”. Tais sequências discursivas representam as falas informais e ocasionais que chegam até a coordenação das Disciplinas a distância.

Nesse contexto, as sequências discursivas representam o que Indursky (2007, p. 170) considera como “falha no ritual”, que representa justamente esse deslocamento de uma

posição-sujeito para outra, dentro de uma mesma *forma-sujeito*. O alvoroço é causado pelo fato de que o aluno que ocupa uma posição-sujeito 3 (Graduação Presencial), ao ser matriculado numa disciplina a distância, rompe com o ritual estabelecido pelas regularidades dessa posição-sujeito e se inscreve em uma outra posição (posição-sujeito 2 – Disciplinas a Distância).

Segundo Indursky (2007, p. 170),

[...] uma outra falha no ritual pode levar-nos a presenciar, não apenas a fragmentação da própria *forma-sujeito*, mas a instauração de uma nova posição-sujeito que traz para o interior da FD saberes que aí causam alvoroço e estranhamento, ocorrendo o que Pêcheux descreveu como “irrupção de um além exterior e anterior na FD”[...]

Entretanto, o mesmo não ocorre quando um aluno escolhe (por opção) ingressar num ensino totalmente a distância. Conforme referido na introdução desta pesquisa, objetiva-se pesquisar as materialidades discursivas no limiar comparativo entre as modalidades a distância e presencial (e DAD, por conseguinte), razão pela qual será oportuno utilizar também o relatório de Autoavaliação Institucional de um curso de graduação a distância, do mesmo ano e semestre do relatório das disciplinas a distância (DAD), a fim de haver fidedignidade ao “tempo presente”(momento cronológico igual) de cada uma das modalidades da *forma-sujeito* Unisul.

Dentre os mais de 25 (vinte e cinco) cursos de graduação a distância que a UnisulVirtual oferece, optou-se por anexar a esta tese o Relatório de Autoavaliação Institucional do curso de graduação a distância de Filosofia. Outros poderiam ter sido escolhidos, pois as características da modalidade a distância da UnisulVirtual se aplicam a todos cursos, sem exceção. Entretanto, é importante destacar que alguns professores de DAD são também professores do curso de Filosofia a distância e, dada a importância de se ter parâmetros semelhantes de comparação (professores, disciplinas, por exemplo) entre as modalidades, no intuito de manter a coerência das reflexões que serão desencadeadas e, sobretudo, para pensar na condições de produção dos sujeitos matriculados em uma e outra modalidade, considera-se oportuna a escolha desse curso, especificamente.

Conforme consta no anexo B desta tese, o Relatório de Autoavaliação Institucional do Curso de Bacharelado em Filosofia apresenta o resultado do questionário aplicado aos alunos que cursaram o semestre 2012-1 no curso, composto de 41 (quarenta e uma) questões, sendo 39 (trinta e nove) objetivas, 1 (uma) discursiva (comentários) e uma outra com um gráfico comparativo entre a média de satisfação dos alunos matriculados em

todos os cursos da UnisulVirtual e a média de satisfação dos alunos matriculados no curso de Filosofia, especificamente.

O curso de Filosofia a distância da UnisulVirtual possuía (até 2012-1) um total de 512 (quinhentos e doze) alunos matriculados, sendo que desses, 188 (cento e oitenta e oito) responderam o questionário na ocasião (semestre 2012-1). Além disso, é importante destacar que, nesse curso (Filosofia), a faixa etária de alunos respondentes ao questionário é predominantemente acima de 50 (cinquenta) anos, o que difere bastante da faixa etária dos alunos DAD, conforme mostra a figura 7 desta tese.

Observa-se na tabela 4 a classificação da faixa etária dos alunos respondentes ao questionário de Autoavaliação Institucional do curso de Filosofia – 2012-1:

Tabela 4 - Faixa etária dos alunos respondentes ao questionário de Autoavaliação Institucional do curso de Filosofia – 2012-1 – anexo B:

	Frequência	Percentual	Percentual
a - Em branco	1	0,5%	0,6%
b - menos de 25 anos	10	5,3%	12,7%
c - de 25 a 33 anos	36	19,1%	34,5%
d - de 34 a 39 anos	29	15,4%	21,4%
e - de 40 a 45 anos	32	17,0%	14,5%
f - de 46 a 50 anos	29	15,4%	8,5%
g - acima de 50 anos	51	27,1%	7,7%
TOTAIS	188	100,0%	100,0%

Fonte: Relatório de Autoavaliação Institucional do Curso de Filosofia (2012-1) – anexo B

Diferente da faixa etária de respondentes ao questionário de DAD, em que 72% dos alunos estão entre 17 (dezessete) e 25 (vinte e cinco) anos, no curso de Filosofia há um aumento significativo da faixa etária, sendo que 74,9% dos alunos estão entre 34 (trinta e quatro) e mais de 50 (cinquenta) anos.

Há que se considerar ainda que a Tabela 4 remete a um outro dado, que indica a média ponderada da faixa etária de alunos respondentes aos questionários da UnisulVirtual, no que se refere aos cursos de graduação totalmente a distância: 52,1% dos alunos que responderam aos questionários de cada um dos cursos da UnisulVirtual estão na faixa etária entre 34 (trinta e quatro) e mais de 50 (cinquenta) anos.

Outros 34,5% (trinta e quatro vírgula cinco) são maiores de 25 anos, o que significa concluir que os alunos matriculados em cursos presenciais e que cursam disciplinas a

distância (DAD) são efetivamente bem mais novos do que os alunos matriculados em cursos totalmente a distância. Aliás, não somente isso, permite também inferir que as condições de produção dos dizeres de uma posição-sujeito (no caso posição-sujeito 2) são diferentes das condições de produção dos sujeitos que ocupam uma outra posição (por exemplo, posição-sujeito 1).

A questão etária, por exemplo, é um fator considerável para diferenciar as posições-sujeito da *Forma-sujeito* Unisul, ou seja, dentre outras características, a experiência de vida é um fator que influencia na maneira como a memória discursiva é acionada.

Segundo Orlandi (1999, p. 30-31),

[...] também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer as condições de produção. [...] Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. [...] E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. [...] É o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.

Cabe destacar, ainda, que o Relatório de Autoavaliação Institucional do curso de Filosofia – 2012-1 – anexo B, da modalidade a distância, apresenta perguntas muito semelhantes¹⁴ às do relatório de DAD.

Embora algumas características sejam exclusivas de cada uma das modalidades (DAD ou graduação a distância), pois, por exemplo, em DAD estão os alunos matriculados em cursos presenciais da Universidade e, por conseguinte, usufruindo de todas as instalações físicas, como: bibliotecas, salas de aula, laboratórios de informática e, sobretudo, salas de apoio, em que profissionais capacitados auxiliam os alunos com suporte técnico e orientações pedagógicas acerca da metodologia de ensino a distância, ainda assim, temos outras características que são comuns e que preservam o fato de que ambas (as modalidades) utilizam a metodologia a distância para o processo de ensino-aprendizagem.

Mas, e a resposta ao questionamento, diante desses fatos? Afinal, dadas as condições de produção de cada uma das posições-sujeito que se encontram na *forma-sujeito* Unisul, a pergunta que desencadeou essa sucessão de dados (números absolutos e percentuais) oriundos dos relatórios de autoavaliação institucional da UnisulVirtual – 2012-1 era: Por que

¹⁴ Diz-se semelhante porque o relatório é elaborado conforme as características específicas de cada modalidade (DAD e graduação totalmente a distância). Não caberia, por exemplo, perguntar aos alunos da graduação totalmente a distância se eles escolheriam uma outra disciplina para cursar a distância. Daí a razão de termos relatórios específicos.

um aluno de curso presencial apresenta, *a priori*, resistência para cursar uma disciplina a distância?

Em princípio, poderíamos imediatamente dizer que o aluno sai de uma zona de frequência para outra, determinada inicialmente pela sua inscrição em um curso presencial, ou seja, posição-sujeito 3. Quando um aluno passa por todo o sistema de seleção (vestibular, classificação) para entrar em um curso de graduação presencial, ele o faz por opção, e espera encontrar as regularidades comuns a um ensino presencial.

Conforme Deleuze (1995, p. 32) “Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes”.

Entretanto, ao se inscrever na *forma-sujeito* Unisul, o aluno se defronta com o “não esperado” (apesar de essas informações serem constantes dos editais de vestibular), visto que todos os cursos presenciais da Unisul possuem disciplinas a serem cursadas na modalidade virtual, conforme preveem os Artigos¹⁵ 80 e 81 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei Nº 9.394/96.

Assim, há uma mudança de zona de frequência imediata da posição-sujeito, para o aluno que se inscreve na *forma-sujeito* Unisul, na modalidade presencial: da posição-sujeito 3, em que certas regularidades fundamentais a caracterizam, como: presença física de alunos e professores, horários estabelecidos de aula, ser uma opção escolhida pelo próprio aluno; ele se desloca para a posição-sujeito 2, em que outras regularidades diferem da anterior e se equiparam à posição-sujeito 1: a presença de alunos e de professores é virtual e não necessariamente síncrona, não existem horários fixados para acesso e o aluno não escolheu a modalidade a distância.

No entanto, esse deslocamento de zona de frequência não ocorre com o aluno que se inscreve diretamente num curso de graduação a distância (posição-sujeito 1), visto que a

¹⁵ O Artigo 80 estabelece a plena equivalência entre a educação presencial e a educação a distância, permitindo a convalidação de estudos entre as modalidades, e, inclusive, a transferência de alunos entre as modalidades, sem a distinção dos títulos obtidos numa ou na outra modalidade. O Artigo 81, por seu turno, permite a criação de projetos em caráter experimental. No Sistema Federal de Ensino, a oferta de disciplinas a distância está regulamentada pela Portaria MEC Nº 4.059, de 10 de Dezembro de 2004. A Unisul, especificamente, atende à regulamentação para a oferta de disciplinas a distância no Sistema Estadual de Educação de Santa Catarina, nos termos da resolução Nº 021, de 17 de maio de 2005, do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina. Ambos os instrumentos autorizam que até 20% da carga horária total de um curso de graduação presencial possa ser ministrada na forma de disciplinas a distância.

posição-sujeito se instaura diretamente em superposição (reduplicação de identificação) com as regularidades já esperadas para um ensino na modalidade a distância.

De fato, para o aluno que é atravessado pela posição-sujeito 2, há uma mescla de regularidades que são predominantemente características das posições-sujeito 1 e 3, fazendo com que o deslizamento de uma posição (3) para outra (2) provoque um conflito de regularidades ou um estranhamento de frequência, visto que se trata de posições-sujeito diferentes em uma mesma *forma-sujeito*.

Essa necessidade de deslocamento provoca uma instabilidade de funcionamento e uma inicial neutralidade para com o novo, para com uma nova posição-sujeito, visto que, em princípio, a reação natural do sujeito é neutralizar o campo de frequência que se rebela contra as significações estabelecidas numa posição-sujeito em que está inscrito inicialmente (no caso, na posição-sujeito 3).

Os “rostos neutralizam as conexões rebeldes”, diz Deleuze (1995, 32), de forma que, ao deslizar da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2, o sujeito automaticamente irá negar a sua própria posição-sujeito dentro da posição-sujeito 2. Essa negação (neutralização) é suficiente para causar o primeiro bloqueio para a comunicabilidade do rosto, retornando o sujeito, como por uma força transcendente, à sua forma original, elementar, ou seja, sua face – indivíduo.

É por isso que o aluno nega, recusa, descredita e diz, conforme relata o aluno S9: “acredito que não existe ensino em que se obtêm mais aprendizado, como o de frequentar todos os dias a sala de aula, pois os alunos vão ter um comprometimento em frequentar a mesma, e também se pode ter a absoluta certeza de que é o próprio aluno que fez aquela avaliação ou aquele trabalho”.

Segundo Deleuze (1995, p. 32),

[...] do mesmo modo, a forma da subjetividade consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante.[...] O rosto constrói o muro do qual o significante necessita para ricochetear, constitui o muro do significante, o quadro ou a tela. O rosto escava o buraco de que a subjetivação necessita para atravessar, constitui o buraco negro da subjetividade como consciência ou paixão [...].

E ressalta-se o fragmento “se os rostos não formassem lugares de ressonância” (DELEUZE, 1995, p. 32). A citação de Deleuze (1995) nos faz compreender que rosto sem ressonância, que faz “ricochetear” e escavar o buraco negro – da subjetivação do sujeito, perde a abertura para a comunicabilidade, conforme preconiza Agamben (2011) e, por consequência, volta-se à pura face.

O fato de estar no atravessamento de duas posições-sujeito (1 e 3), faz com o que aluno da posição-sujeito 2 sofra uma sensação de ausência marcada, paradoxalmente, pela presença de posições-sujeito que possuem regularidades diferentes. Essa ausência/vazio é marcada pela dificuldade em buscar na virtualidade potências que possam facilitar uma atualização singular, numa nova posição-sujeito, para as enunciações (acontecimentos) que exigem um comportamento que desliza do presencial para o virtual e que, ao tempo em que encontra dificuldade de atualizar, tem igual dificuldade em construir no sujeito (aluno) sua rosticidade.

A dificuldade de se deslocar da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2 é a resposta para justificar a resistência inicial que um aluno tem de se transportar da modalidade presencial para a modalidade a distância. Ou seja, é a contraidentificação das posições-sujeito que se instauram numa *forma-sujeito*, no caso Unisul, e que permitem ao sujeito assumir posições discursivas diferenciadas dentro da formação pedagógico-acadêmica.

A partir disso, emerge outra indagação que se faz na introdução dessa pesquisa: o aluno do curso presencial (geração Y), que vivencia no seu cotidiano os acessos aos mais diferentes recursos tecnológicos, não se sente motivado a estudar a distância através de um ambiente *e-learning*?

Quando esta pesquisa iniciou, parecia contraditório imaginar que alunos com tanta facilidade de interagir através de comunidades virtuais, conectados a diversas redes de relacionamentos, tivessem dificuldade (mostrada – relatórios e observada – na vivência cotidiana) de reconhecer um ambiente virtual como uma forma diferente, porém, dinâmica e ágil de se conectar aos processos de ensino e aprendizagem, igualmente como faculta a modalidade presencial.

No entanto, após essas reflexões, pode-se inferir que, na verdade, não podemos fazer comparações dessa natureza, visto que se trata de lugares com condições de produção totalmente diversas.

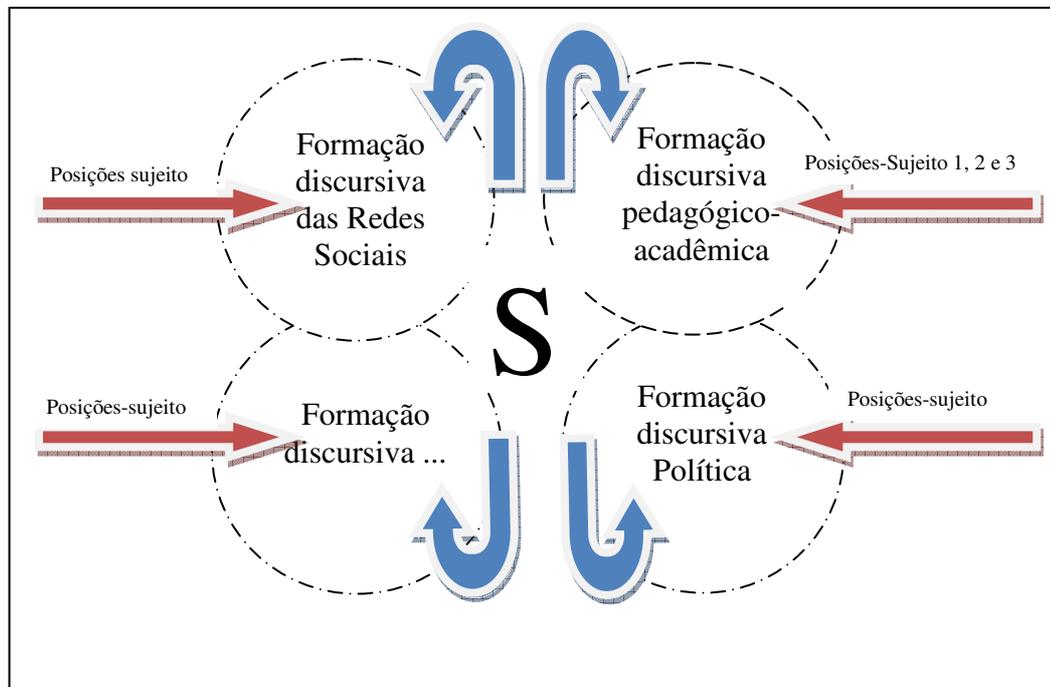
Em primeira instância, o aluno que está inserido na *forma-sujeito* Unisul, tem o seu dizer interpelado pela formação discursiva em que está inscrito, qual seja, a formação pedagógico-acadêmica. No entanto, a questão da relação desse mesmo sujeito com as redes sociais se revela por outros atravessamentos, provenientes de outra formação discursiva, que poderíamos tratar aqui como FD-Rede Social, em que o sujeito se inscreve e assume posições-sujeito conforme a *forma-sujeito* estabelecida nessa FD.

Portanto, qualquer tipo de comparação entre a forma como o aluno interage nas redes sociais e a maneira pela qual conduz seus estudos em um ambiente virtual de

aprendizagem seria elevar a reflexão para além da *forma-sujeito* que se instaura na Unisul, ou seja, seria confrontá-la na perspectiva de o sujeito estar inscrito em duas formações discursivas diferentes e regidas por regularidades e funcionamentos igualmente diversos, razão pela qual a materialidade discursiva sofrerá atravessamentos distintos nas posições que o sujeito ocupar nas duas formações discursivas.

A figura 6 demonstra a situação de um aluno que se inscreve na formação pedagógico-acadêmica e assume a *forma-sujeito* Unisul, diante de outros atravessamentos advindos de outras formações discursivas.

Figura 6 - O aluno (posição-sujeito 2) e as formações discursivas



Fonte: Autora, 2013

Conforme indica a figura 6, o “S” no centro indica o sujeito que se constitui nos atravessamentos das formações discursivas em que se inscreve.

Diremos que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos, etc., e as noções de *asserção* e de *enunciação* estão aí para designar, no domínio da “língua”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante.[...] A *tomada de posição* não é, de modo algum, concebível como um “ato originário” do sujeito-falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na *forma-sujeito*, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da “exterioridade” do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar. (PÊCHEUX, 1997, p. 171-172, grifos do autor)

Ao mesmo tempo em que o aluno, ao se inscrever em um curso superior, adentra a uma formação discursiva pedagógico-acadêmica e assume a heterogeneidade da *forma-sujeito* instaurada, a sua relação com o mundo e com a sociedade que o cerca historicamente o faz filiar-se a outras formações discursivas, cada qual com seu funcionamento e com seus saberes refletidos na *forma-sujeito* específica de cada FD.

A *forma-sujeito* de uma formação discursiva de redes sociais é diferente da *forma-sujeito* da formação pedagógico-acadêmica, de forma que não há termos de comparação entre as duas, visto que as regularidades são diferentes, assim como é diferente o que pode ser dito em cada uma delas. A enunciação que se instaura numa formação é diferente da enunciação que se instaura em outra, justamente porque há processos de transformações peculiares a cada uma delas, configurando cenas enunciativas totalmente diversas e incomparáveis.

Assim, ainda que o aluno tenha uma superposição de identidade dentro da formação discursiva de redes sociais, isso não lhe faculta atravessamentos capazes de permitir a efetuação de posições-sujeito dentro da formação discursiva pedagógico-acadêmica, visto que para cada uma delas, o sujeito vai se constituir conforme o sentido enunciativo dessas formações, ou seja, a efetuação não se dá no sujeito, mas na sua posição-sujeito.

Um exemplo prático poderia ilustrar, analogamente, essa situação: imaginemos um índio, na floresta, e sua habilidade para caça e pesca: a destreza com que caminha/corre pela floresta, a leveza dos movimentos, o silêncio necessário para alcançar a caça, a precisão do golpe fatal. Agora, vamos imaginar esse índio numa cidade ou numa praia movimentada: será que conseguiria agir da mesma forma, mesmo tendo desenvolvidas as habilidades para tal? É evidente que não, pois o contexto seria bem outro, de forma que se sentiria fora do seu habitat natural e, por conseguinte, distante da aura que reveste sua prática cotidiana: a vida não é a mesma nas cidades, o sentido não é o mesmo nas formações discursivas diferentes.

O mesmo se aplica à habilidade de interagir nas comunidades virtuais e em um espaço de aprendizagem virtual, ou seja, são formações discursivas diferentes, que exigem do indivíduo certas regularidades intransferíveis, responsáveis pela constituição da posição-sujeito em cada uma das situações: *forma-sujeito* Unisul ou *forma-sujeito* nas comunidades virtuais.

É por isso que, novamente reportamos o que diz o aluno (S9): “acredito que não existe ensino em que se obtêm mais aprendizado, como o de frequentar todos os dias a sala de aula, pois os alunos vão ter um comprometimento em frequentar a mesma, e também se pode ter a absoluta certeza de que é o próprio aluno que fez aquela avaliação ou aquele trabalho;

acredito que as aulas presenciais ainda é a melhor forma de aprender, tirar dúvidas, trocar informações, aprender”.

Mais ou menos aprendizado não é propriedade de uma ou outra modalidade, especificamente, pois a construção do conhecimento não está na modalidade, mas na maneira como se efetuam os processos de significância nos sujeitos. Também seria um equívoco imaginar que, ao frequentar a sala de aula todos os dias, presencialmente, ter-se-ia assegurado um aprendizado efetivo.

Observemos que, nesse contexto, o corpo-face – “invólucro exterior àquele que fala” (DELEUZE, 1995, p. 32), ao adentrar num espaço físico (sala de aula presencial) ou num espaço virtual (sala de aula virtual), permanecerá tal qual como entrou, se não houver um revelar-se ou um abrir-se – um rosto – em ressonância para o significante ter significado em qualquer modalidade de ensino, seja presencial, seja virtual.

O rosto só se produz quando a cabeça deixa de fazer parte do corpo, quando pára de ser codificada pelo corpo, quando ela mesma pára de ter um código corporal polívoco multidimensional – quando o corpo, incluindo a cabeça, se encontra decodificado e deve ser sobrecodificado por algo que denominaremos Rosto. (DELEUZE, 1995, p. 35)

Há que se ter um efeito desencadeador da rosticidade em qualquer uma das circunstâncias: presencial ou virtual. Já dissemos que há uma ligação direta entre o sujeito do discurso e a rosticidade e que, por conseguinte, podemos inferir que a rosticidade emerge no discurso, portanto, pela posição que o sujeito assume no discurso. Cabe então reaver que Pêcheux (1997, p. 171-172) afirma que

[...] *A tomada de posição* não é, de modo algum, concebível como um “ato originário” do sujeito-falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na *forma-sujeito*, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da “exterioridade” do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar. (PÊCHEUX, 1997, p. 171-172, grifos do autor).

Assim, os atravessamentos advindos da exterioridade é que podem desencadear a rosticidade no/pelo discurso.

Em quantas ocasiões, em uma simples e descomprometida observação em uma sala de aula presencial, por exemplo, pode-se perceber o entrar e sair de alunos (presença marcada) sem propósito (ausência sentida), sem qualquer sinal de transposição que possa configurar um rosto desnudo, em construção – em revelação? E ainda, no espaço virtual, em um ambiente de aprendizagem, por quantas vezes o entrar e sair da sala (*login* e *logout*) não representa qualquer sinal de rosticidade, senão o mecanismo automático que o corpo faz por ordem da cabeça?

O fato é que, nas situações mais cotidianas da vida, o humano é detentor de habilidades inerentes ao seu corpo que, mesmo em ação, não significam uma revelação daquilo que aqui consideramos como rosticidade, pois, segundo Deleuze (1995, p. 35),

[...] a cabeça e seus elementos não serão rostificados sem que o corpo inteiro não o possa ser, não seja levado a sê-lo, em um processo inevitável. A boca, o nariz, e antes de tudo os olhos, não se tornam uma superfície esburacada sem convocar todos os outros volumes e todas as outras cavidades do corpo. [...] A rostificação não opera por semelhança mas por ordem de razões. É uma operação muito mais inconsciente e maquínica que faz passar todo o corpo pela superfície esburacada, e onde o rosto não tem o papel de modelo ou de imagem, mas o de sobrecodificação para todas as partes descodificadas.

A habilidade de olhar o outro e ver nele o seu rosto não é intrínseca àquele que observa, mas é, sobretudo, um desnudar-se daquele que é visto: não se vê o rosto de quem só se permite conhecer-se pela própria face. O olhar do outro passa a ver o rosto que lhe é permitido contemplar.

Segundo Deleuze (1995, p. 36),

[...] eu não olho mais nos olhos da mulher que tenho em meus braços, mas os atravesso nadando, cabeça, braços e pernas por inteiro, e vejo que por detrás da órbitas desses olhos se estende um mundo inexplorado, mundo de coisas futuras, e desse mundo toda lógica é ausente. [...] Quebrei o muro [...], meus olhos não me servem para nada, pois só me remetem à imagem do conhecido.

Esse fundamento teórico é muito oportuno para se compreender que o “eu – rosto” é tão velado no ensino presencial quanto o é no ensino virtual. Por mais que sejam marcadas algumas significativas diferenças entre as duas modalidades de ensino, sob esse aspecto, eles são desnecessariamente comparáveis, pois são em essência, muito semelhantes. O entrar (porta da sala de aula presencial) e o acessar (login e senha do espaço virtual) significam igualmente permitir ao corpo – real e simbólico e ao mesmo tempo simbólico e real - se submeter ao muro branco (às virtualidades marcadas das duas modalidades), mas não, necessariamente, dinamizar esse muro e provocar a subjetivação do buraco negro (eu – rosto). O rosto por detrás dos olhos é marcado pela posição-sujeito e, como tal, filia-se em determinadas formações que produzem o seu dizer, os quais emergem inscritos em uma formação discursiva. Durante a existência, o sujeito assume diferentes posições, que marcam acontecimentos múltiplos, sem os quais não se poderia definir o que Deleuze chama de instância paradoxal¹⁶.

¹⁶ Conceito definido por Deleuze (2009) para determinar as sucessões de acontecimentos definidos na estrutura.

Deleuze (1995, p. 33) afirma que há uma “máquina abstrata da rosticidade que produz o rosto ao mesmo tempo em que dá ao significante seu muro branco, à sua subjetividade seu buraco negro.” Ou seja, há uma máquina abstrata que liberta o sujeito para os deslizamentos possíveis, que não o aprisiona numa determinada formação (muro branco), mas que permite que ele assuma diferentes posições, revelando-se, construindo-se (buraco negro) em outras formas-sujeito.

O sujeito se constrói no momento em que assume essa liberdade e também as posições que essa máquina lhe permite ocupar. Ele se apropria dos significantes que determinam as potências de determinada formação, para construir sua rosticidade (muro branco) e sua própria instância paradoxal, que configura sua subjetividade (buraco negro).

A rostificação não opera por semelhança, mas por ordem de razões. É uma operação muito mais inconsciente e maquínica que faz passar todo o corpo pela superfície esburacada, e onde o rosto não tem papel de modelo ou de imagem, mas o de sobrecodificação para todas as partes descodificadas[...]. É precisamente porque o rosto depende de uma máquina abstrata que ele não se contentará em recobrir a cabeça, mas afetará as outras partes do corpo, e mesmo, se necessário, outros objetos sem semelhança. Consequentemente, a questão é saber em que circunstâncias essa máquina é desencadeada, produzindo rosto e rostificação. (DELEUZE 1995, p. 35)

Entretanto, chamamos atenção para o fragmento final que diz: “a questão é a de saber em que circunstâncias essa máquina é desencadeada” (DELEUZE 1995, p. 35), conforme se descreve no próximo tópico.

3.2 O DEVIR E A MÁQUINA ABSTRATA

Observamos que, se o rosto é construído por um devir, por um vir a ser, ele não é parte do corpo como a cabeça o é. O rosto é, portanto, “absolutamente inumano” (DELEUZE, 1995, p. 36).

O devir, para Deleuze (1995, p. 19) é

Um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir”.

É um processo que está associado à desterritorialização e, portanto, provoca uma fuga, um deslocamento para atingir uma zona de vizinhança e provocar um deslizamento para

a efetuação de uma posição-sujeito. O devir é, por assim dizer, contrário a noção do imóvel, do estagnado, e permite mover-se, transformar-se, num contínuo incessante.

Por estar associado à desterritorialização, pode-se considerar que o devir está sempre entre dois termos, como entre o casulo e a borboleta, entre a infância e a vida adulta; entre a vizinhança que se move e se atualiza em outros devires.

Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma intimação e, em última instância, uma identificação. Toda crítica estruturalista da série parece inevitável. Devir não é progredir nem regredir segundo uma série. E sobretudo devir não se faz na imaginação, nem mesmo quando a imaginação atinge o nível cósmico ou dinâmico mais elevado, como Jung ou Bachelard. Os devires animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais. Mas de que realidade se trata? Pois se o devir animal não consiste em se fazer de animal ou imitá-lo, é evidente também que o homem não se torna 'realmente' animal, como tampouco o animal se torna 'realmente' outra coisa. O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos ou somos. O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 291)

Nesse contexto, a desterritorialização da face para outro termo será sempre um devir de rosticidade, efetuado-se numa posição-sujeito, ou seja, “[...] o que é real é o próprio devir, o bloco de devir [...]” DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 291).

Quando um “indivíduo” (aluno-face) posta um comentário numa ferramenta de interação assíncrona do espaço virtual de aprendizagem, no fórum, por exemplo, para debater sobre qualquer assunto, tem-se a desterritorialização entre dois termos: face – espaço virtual de aprendizagem (fórum). O devir está justamente na desterritorialização do primeiro termo para o segundo, e aí, tem-se a efetuação da posição-sujeito, que se atualiza na rosticidade do “sujeito”.

O fragmento a seguir foi retirado da disciplina a distância de Filosofia (DAD), portanto, a partir da posição-sujeito 2 e, partindo de uma proposição de postagem de comentário no fórum, em que o aluno deveria assistir dois vídeos (através de links disponíveis na atividade) e ler o texto de Marilena Chauí (O mito da caverna) e, em seguida, elaborar um posicionamento pessoal de 10 a 15 linhas respondendo como esse mito está relacionado a Sócrates e aos Sofistas. O aluno também deveria dizer quem são os sofistas atualmente, a partir do que diz o mito da caverna.

Para responder a essa atividade, o aluno S17 postou o seguinte comentário:

- Aluno S17: “podemos relacionar esta história do Mito da Caverna com as ideias de Sócrates e dos Sofistas, pois ela busca conhecer a realidade e descobre sua ignorância

perante o novo mundo, é o próprio Sócrates questionando a moral tradicional. A parte onde todos acreditam cegamente que as sombras projetadas na parede são mais verdadeiras do que a realidade do próprio mundo, são as concepções mitológicas dos Sofistas. Hoje nós vivemos em uma sociedade que preza muito pela informação da mídia, não nos dando o trabalho de nos informarmos sobre um determinado acontecimento visto na televisão. Grande parte da população encara como verdade o posicionamento político que foi visto nos veículos de comunicação, sem fazer nenhum questionamento aos fatos mostrados. Os Sofistas são pessoas que ocupam os cargos políticos, que se julgam sabedoras, que possuem dinheiro, poder de persuasão, eles estão todos os dias nos comunicando sobre as suas "notícias", que dizem serem fatos verídicos, enquanto que nós estamos acreditando sem nem ao menos procurar verificar se essas tais "notícias" tem procedência, ficamos de mãos atadas, esperando que mais informações e falsas verdades sejam mostradas na mídia.”

Nesse comentário, pode-se observar que houve um processo de desterritorialização entre os dois termos: face – espaço virtual de aprendizagem (fórum), em que o aluno S17 transcende a condição de indivíduo (face) para uma posição-sujeito, e, evidenciando que entre os dois termos houve um devir que se moveu da face para a ferramenta, que se efetuou na atualização do sujeito quando assume uma posição diante da proposta da atividade, configurando a sua rosticidade. O corpo-cabeça (o aluno S17), que leu a proposta de atividade indicada pelo professor, lançou-se a um devir, para assumir uma materialidade discursiva e discorrer sua resposta, conforme transcreve a sequência discursiva, ou seja, transcendeu a face, atualizou o rosto no acontecimento efetuado – a resposta, assumiu uma posição-sujeito.

Assim, as formações discursivas têm papel preponderante para desencadear essa máquina que constrói a rosticidade humana, por meio das posições do sujeito, ou seja, elas são, por natureza, desencadeadoras dos rostos. Aí se encontra, mais uma vez, a evidência de que, em cada formação discursiva a que se filia, o sujeito enunciador do discurso recorre ao já dito e ressignifica, assumindo posições-sujeito possíveis em determinada FD.

Importante destacar que na passagem do corpo-cabeça para o sistema rosto, há uma máquina abstrata, mas não um estado genético produtor de efeitos. O rosto, segundo Deleuze (1995), representa uma desterritorialização do corpo, no sentido de que permite que a

cabeça saia de organismo¹⁷ e deslize, por intermédio de uma máquina abstrata, para outras dimensões como a da significância (muro branco) ou de subjetivação (buraco negro).

Por exemplo, a mão apreensora implica uma desterritorialização relativa não apenas da pata anterior, mas da mão locomotora. Ela mesma possui um correlato, que é o objeto de uso ou ferramenta: o bastão como galho desterritorializado. O seio da mulher em postura vertical indica uma desterritorialização da glândula mamária animal; a boca da criança, dotada de lábios por arregaçamento da mucosa para o exterior, marca uma desterritorialização da goela ou da boca animais. E lábios-seios, cada um serve de correlato ao outro (DELEUZE, 1995, p. 37).

Assim, Deleuze (1995, p. 40) propõe quatro teoremas que chama de Teoremas da Desterritorialização ou Proposições Maquínicas:

1º Teorema: as desterritorializações sempre ocorrem com dois termos, que, ao passarem pela máquina abstrata, reterritorializam-se um sobre o outro (mão-objeto do fragmento citado acima). Ou seja, no momento em que um sujeito vai pegar um objeto (uma tesoura, por exemplo), a mão se reterritorializa para o ato de pegar, assim como o objeto também é deslocado do seu estado para um outro, reterritorializando-se da mesma forma, para alguma finalidade (cortar algo, por exemplo);

2º Teorema: para os dois movimentos de desterritorialização (no caso mão-objeto), o mais rápido (a mão pegar o objeto ou o objeto deslocar-se de função) não é forçosamente o mais intenso, o mais desterritorializado: ambos compartilham suas intensidades ao mesmo tempo, trabalhando um sobre o outro;

3º Teorema: do teorema anterior, podemos inferir que o menos desterritorializado se reterritorializa sobre o mais desterritorializado (a mão movimenta a tesoura para um determinado fim).

4º Teorema: a máquina abstrata não se efetua somente em rostos, mas em objetos quaisquer, que também podem e são rostificados.

Considerando-se o proposto nos quatro teoremas, cabe perguntar quando e de que forma essa máquina abstrata é desencadeada? E é o próprio Deleuze que nos responde. Ela (a máquina) é desencadeada em função de agenciamentos de poder,

São agenciamentos de poder bastante particulares que impõem a significância e a subjetivação como sua forma de expressão determinada, em pressuposição recíproca com novos conteúdos: não há significância sem um agenciamento despótico, não há subjetivação sem um agenciamento autoritário, não há mixagem dos dois sem agenciamentos de poder que agem precisamente por significantes, e se exercem sobre almas ou sujeitos (Grifos do autor) (DELEUZE, 1995, p. 48).

Ele ainda acrescenta:

¹⁷ Corpo em si, com seus órgãos biológicos.

É por isso que não cessamos de considerar dois problemas exclusivamente: a relação do rosto com a máquina abstrata que o produz; a relação do rosto com os agenciamentos de poder que necessitam dessa produção social. O rosto é uma política (DELEUZE, 1995, p. 50).

Esses agenciamentos de poder poderiam se traduzir nos próprios dispositivos que marcam as formações discursivas ora citadas. O sujeito (aluno) é assujeitado em função das posições que ocupa nessas formações e em função dos dispositivos que instauram as regularidades dessas formações, determinando a rosticidade conforme a “política” pré-determinada por elas (as FDs).

Assim, é oportuno resgatar uma indagação anterior que propusemos na introdução deste tese: “Os sujeitos se constroem de maneiras diferentes no ensino de graduação a distância e nas disciplinas a distância? No ensejo de uma resposta, chamamos a atenção para o modo como se dá o processo de desterritorialização. Observemos os dois termos (pares):

Termo 1: posição-sujeito 1 – Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem¹⁸;

Termo 2: posição-sujeito 2 - Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem.

Conforme já caracterizamos o sujeito da graduação a distância e da disciplina a distância (do curso presencial) no início deste capítulo (e as posições-sujeito em que se inscrevem), ressalta-se que, seja no termo 1 ou no termo 2, o desencadeamento da máquina abstrata dar-se-á, primeiramente, pela razão que faz com que esse sujeito se inscreva na *forma-sujeito* que dá origem às duas posições-sujeito, qual seja, entrar em uma Universidade (no caso, *forma-sujeito* Unisul), buscar uma formação de graduação superior. Certamente, muitos sentidos atravessam essa razão primeira que constituem os sujeitos nas posições ocupadas nessas formações, dentre eles, a própria busca pela conquista de uma posição social na sociedade, ou como se diz no senso comum, “de um lugar ao sol”.

O sujeito dessas formações tem o desejo comum de aperfeiçoar-se, de conquistar um status social que propicie uma vida estável financeiramente. Portanto, ainda que velada, a busca por esse lugar de destaque social o inscreve na formação discursiva pedagógico-acadêmica (FD-Unisul), ou seja, desencadeia a máquina abstrata desses sujeitos.

¹⁸ O Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem deve ser entendido aqui neste contexto na perspectiva de que envolve um sistema tutorial (coordenador, professor, tutores, equipe pedagógica, material didático e espaço virtual de aprendizagem)

Muito embora generalizemos essa vontade de ascensão social como sendo o que Deleuze (1995, p. 50) determina como a “relação do rosto com a máquina abstrata que o produz”, consideramos ainda que “há uma relação do rosto com os agenciamentos de poder que necessitam dessa produção social” (DELEUZE, 1995, p. 50), ou seja, há os dispositivos que caracterizam uma e outra posição-sujeito, nos termos 1 e 2 e que, por sua vez, também são constituintes da rosticidade.

Em cada um dos termos, há um devir que se instaura pela força do deslocamento, pela transposição à vizinhança da posição-sujeito nos termos 1 e 2.

Assim, voltando à relação dos termos 1 e 2, constatamos que, no caso do primeiro, o sujeito se inscreve numa posição-sujeito em que os dispositivos são por ele conhecidos ou, pelo menos, esperados. Intui-se que o aluno que entra em um curso de graduação a distância tenha ciência de que o processo de ensino-aprendizagem ocorra por uma mediação edificada em ferramentas (espaços virtuais) tecnológicas, oriundas das possibilidades que a internet permite. No caso do segundo, temos o sujeito que se inscreve numa posição-sujeito 2, em que os dispositivos por ele esperados são os que caracterizam o ensino presencial. Embora a informação de que ele poderá cursar disciplinas a distância em até vinte por cento da carga horária total do curso escolhido esteja presente no ato da matrícula, conforme já explicitado nesta tese, ainda assim, esse sujeito mostra-se surpreendido pela posterior inserção (automática) numa disciplina que integra a posição-sujeito 2.

Reportemo-nos novamente aos comentários que constam do Relatório de Autoavaliação Institucional – DAD 2012-1 - anexo A:

- S7: “Óbvio que eu não gostaria de cursar uma modalidade à distância, NÃO HÁ interação entre aluno-professor, não há informações adequadas, há muita demora e falta de compreensão”;
- S8: “Não gostei da disciplina nesta modalidade. Só fiz, pois é obrigatória, se houvesse presencial eu faria”;
- S9: “acredito que não existe ensino em que se obtêm mais aprendizado, como o de frequentar todos os dias a sala de aula, pois os alunos vão ter um comprometimento em frequentar a mesma, e também se pode ter a absoluta certeza de que é o próprio aluno que fez aquela avaliação ou aquele trabalho”.

Observamos que, nesse caso, os dispositivos que regem a posição-sujeito 3 (e por ele esperados) se confundem e entram em conflito com os dispositivos não esperados e que marcam a formação virtual, isto é, provocam um deslocamento, atravessam-no, desencadeando agenciamentos de poder que desconstituem o presencial e constituem o virtual, inserindo o sujeito na posição-sujeito 2.

Dessa forma, podemos considerar que os sujeitos se desterritorializam de maneira diferente, no que tange aos termos citados. Há uma construção que se diferencia entre os sujeitos dos termos 1 e 2, justamente porque há dispositivos que também se diferenciam e agenciam, cada um deles, o poder das respectivas posições-sujeito.

Os percentuais de respostas que encontramos no Relatório de Autoavaliação Institucional DAD – 2012-1 para a pergunta 5 (No momento da sua matrícula nesta disciplina, quais foram os motivos que levaram você a optar por cursar esta disciplina na modalidade à distância: (Múltipla escolha)), parecem ilustrar esse comentário:

Tabela 5 - Compilação das respostas para a pergunta 5 do Relatório de Autoavaliação Institucional DAD – 2012-1

	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	
	%	%	%	%	Freq.	%
a - Conhecer uma nova modalidade de ensino	14,0%	15,0%	8,0%	13,1%	125	14,4%
b - Ter maior flexibilidade com horários de estudo	46,0%	45,0%	26,0%	42,5%	351	40,3%
c - Precisava trabalhar no horário de oferta da disciplina presencial	9,0%	12,0%	7,0%	9,9%	69	7,9%
d - Ganhar mais tempo livre	19,0%	19,0%	11,0%	16,7%	127	14,6%
e - Recebi orientação do coordenador de curso	14,0%	14,0%	8,0%	11,6%	68	7,8%
f - Indicação positiva de um colega	12,0%	13,0%	7,0%	8,6%	76	8,7%
g - Exigência do curso	35,0%	41,0%	24,0%	47,7%	463	53,2%
h - Desenvolver habilidade para uso da tecnologia da informação e comunicação	10,0%	10,0%	6,0%	5,2%	66	7,6%
i – Outros	3,0%	5,0%	3,0%	7,1%	53	6,1%

Fonte: Relatório de Autoavaliação Institucional – DAD (2012-1) – anexo A

Pode-se observar que 53,2% dos alunos respondentes indicam que estão cursando uma disciplina a distância (DAD) por exigência do curso, ou seja, que não é uma escolha

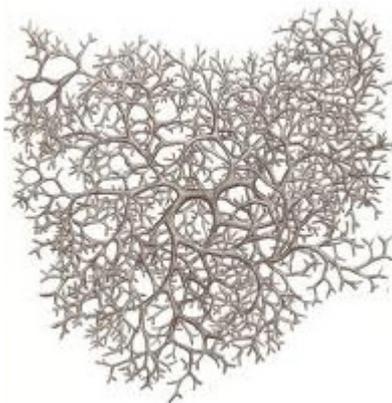
peçoal, nem uma preferência para desenvolver habilidades em ambientes virtuais de aprendizagem, conforme demonstra o percentual de 7,6% do mesmo relatório.

Além disso, há diferenças também marcadas pelo que Deleuze (1995, p. 61) conceitua como rizoma, ou seja, traços liberados da roscopicidade,

não uma coleção de objetos parciais, mas um bloco vivo, uma conexão de hastes na qual os traços de um rosto entram em uma multiplicidade real, um diagrama [...], segundo quanta de desterritorialização positiva absoluta, e não mais evocados nem lembrados segundo sistemas de reterritorialização.

A figura 7 ilustra o conceito de rizoma:

Figura 7 – Rizoma



Fonte: NELMA, Sara. **Rizoma**. 2010

A ideia do bloco vivo e pulsante fica visível na figura 7, cujos traços de hastes se integram uns aos outros, formando uma multiplicidade de “caminhos” e de possibilidades de ligações que, ao ser um, não é isolado nem independente dos outros. O rizoma não é irreversível, pelo contrário, ele se readéqua às novas hastes numa multiplicidade de aberturas, como uma mapa desmontável, que se desdobra em várias outras dimensões incontroláveis.

E nesse ponto, há que se considerar o que afirma Deleuze (1995, p. 56)

Desfazer o rosto não é uma coisa à toa. [...] O rosto é uma organização forte. Pode-se dizer que o rosto assume em seu retângulo ou em seu círculo todo um conjunto de traços, *traços de roscopicidade*, que ele irá subsumir e colocar a serviço da significância e da subjetivação.[...] Desfazer o rosto é o mesmo que atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetividade.

Os traços de roscopicidade vão se fazendo e se abrindo para outros traços, numa configuração contínua e incessante. O processo de desterritorialização (o devir) é que permite que um traço se complemente em outro e em tantos outros quantos forem atualizados em

posições-sujeito, através de aberturas sucessivas (ao devir). Assim, o intuito da desconstrução é justamente acelerar um processo de desterritorialização, provocar a abertura para uma linha de fuga.

Quando um aluno entra em um curso na modalidade presencial e se inscreve numa disciplina a distância (posição-sujeito 2), ele é provocado à fuga, desconstruído em suas hastes rizomáticas, instigado ao devir. Nem sempre esse processo é assimilado rapidamente, conforme observamos nos comentários dos alunos que negam (neutralizam) essa nova posição-sujeito (2). No entanto, para alguns sujeitos, a contraidentificação é rapidamente internalizada, de forma que o processo de desterritorialização é mais acelerado e, por conseguinte, menos traumático.

As próprias respostas compiladas no Relatório de Autoavaliação DAD – 2012-1 retratam que a dificuldade de transpor o presencial ao virtual não é homogênea, ela o é exatamente para aqueles cujos traços de rostitificação têm maior dificuldade de “atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetividade” (DELEUZE, 1995, p. 56). E ainda,

É por isso que devemos, mais uma vez, multiplicar as prudências práticas. Primeiramente, nunca se trata de um retorno a... não se trata de “voltar” às semióticas pré-significantes e pré-subjetivas dos primitivos. Fracassaremos sempre em passar por negro ou indiano, mesmo por chinês, e não é uma viagem aos mares do sul, por mais duras que sejam as condições, que nos fará transpor o muro, sair do buraco ou perder o rosto. Jamais poderemos refazer em nós uma cabeça e um corpo primitivos, uma cabeça humana, espiritual e sem rosto. Ao contrário, esse será um meio de retocar as fotos, de ricochetear no muro; aí encontraremos sempre reterritorializações.[...] É porque o muro branco do significante, o buraco negro da subjetividade, a máquina de rosto são impasses, a medida de nossas submissões, de nossas sujeições; mas nascemos dentro deles, e é aí que devemos nos debater. (DELEUZE, 1995, p. 58).

Dados os dispositivos da posição-sujeito 1, bloco vivo ao qual se refere Deleuze (1995), percebemos que os traços de rostitividade se entrelaçam (conexão de hastes) por entre sujeitos que se constituem nas posições determinadas por essa formação (multiplicidade real), ou seja, há uma desterritorialização já esperada, para um espaço virtual de aprendizagem. Diferente do sujeito da posição-sujeito 2, cujos traços de rostitividade se desterritorializam nos entrelaces constituídos no presencial (esperados) e são desafiados a reterritorializa-se nos entrelaces rizomáticos do virtual (não esperado).

A inumanidade primitiva, a do pré-rosto, é toda a polivocidade de uma semiótica que faz da cabeça uma pertença ao corpo, a um corpo já relativamente desterritorializado, em ramificação com devires espirituais-animais. Para além do rosto, uma inumanidade ainda completamente diferente: não mais a da cabeça primitiva, mas a das “cabeças pesquisadoras” onde os pontos de desterritorialização se tornam operatórios, as linhas de desterritorialização se tornam positivas absolutas, formando estranhos devires novos, novas polivocidades. Devir-clandestino, fazer

rizoma por toda a parte, para a maravilha de uma vida não humana a ser criada (DELEUZE, 1995, p. 61).

A possibilidade de vislumbrar novas desterritorializações tende a desacomodar o sujeito e causa um desconforto que, naturalmente, causa resistência, afinal, o esforço será necessário, justamente a “medida das nossas submissões, de nossas sujeições [...]. Não no sentido de um momento necessário, mas no sentido de um instrumento para o qual é preciso inventar um novo uso.” (DELEUZE, 1995, p. 59).

Assim, há que se ressaltar que temos outros comentários compilados no Relatório de Autoavaliação Institucional DAD – 2012-1 – anexo A que, oportunamente, precisam ser considerados:

- S10: “Foi muito bom cursar essa matéria virtual, Parabéns ao professor.”;
- S11: “Muito bom! Parabéns! =)”;
- S12: “A disciplina a distância me agradou bastante e atendeu minhas expectativas. A matéria de ciência e pesquisa foi muito interessante, pois ela busca trazer a relação da ciência e do pensamento, interligando-as. Prefiro aprender sobre isso com meu próprio esforço e com conselhos on-line de um professor [...]”.
- S13: “Amei fazer Ciência e Pesquisa a distancia, a didática do livro e do material da midiateca são ótimos! Também sou grato à boa vontade do Professor, principalmente, por estar sempre disposto a tirar dúvidas e dar suporte aos alunos! Foi realmente muito proveitoso, valeu muito a pena!”;
- S14: “Bom, não tenho nada á reclamar. Foi muito prazeroso cursar matéria virtual. Entretanto, não precisa mudar nada no que tange o sistema”.

O que se percebe é que na posição-sujeito 2 temos alunos para os quais o impasse com o processo de rostificação é menos resistente e, ao mesmo tempo, mais livre e aberto às novas rostificações. Observa-se nas materialidades efetuadas pelos alunos: “Amei fazer a Ciência e Pesquisa a distância [...]”; “[...] foi muito prazeroso cursar matéria virtual [...]”.

É somente no interior do rosto, do fundo de seu buraco negro e em seu muro branco que os traços de rosticidade poderão ser liberados, como os pássaros; não voltar a uma cabeça primitiva, mas inventar as combinações nas quais esses traços se conectam com traços de paisageidade, eles mesmos liberados da paisagem, com traços de picturalidade, de musicalidade, eles mesmos liberados de seus respectivos códigos. (DELEUZE, 1995, p. 60)

Em outras palavras, pode-se considerar que o processo de rostificação denota uma ousadia libertária, necessária para que o sujeito assuma diferentes posições nas enunciações discursivas.

E o fato de que 72,6% indicariam para um colega a opção de estudo na modalidade a distância (Tabela 6) pode caracterizar o grupo de alunos respondentes para os quais o processo de rostificação tenha se efetivado de maneira a constituir outras hastes rizomáticas, abrindo novos significantes para atualização do buraco negro (subjetividade).

Nessa perspectiva, pode-se inferir que o processo de desterritorialização encontra aberturas para mover-se a novos devires, de forma que o movimento dinâmico das hastes se constitui em novos traços de rosticidade.

Tabela 6 - Compilação das respostas para a pergunta 34 (Após ter realizado esta disciplina, você indicaria para um colega a opção de estudo nesta modalidade) do Relatório de Autoavaliação Institucional DAD – 2012-1

	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	
	%	%	%	%	Freq.	%
a - Em branco	5,0%	7,0%	5,2%	6,8%	49	5,6%
b – Sim	76,0%	73,0%	74,4%	71,2%	632	72,6%
c – Não	19,0%	20,0%	20,4%	22,0%	189	21,7%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	870	100,0%

Fonte: Relatório de Autoavaliação Institucional – DAD (2012-1) – anexo A

Conforme pode ser visto na tabela 6, 72,6% dos alunos que cursaram uma disciplina a distância (DAD) fariam a indicação de estudos nessa modalidade, o que nos leva a acreditar que a dificuldade de abertura ao novo não é problema para a maioria dos alunos. Sob essa perspectiva, pode-se compreender que o processo de desterritorialização que se funda em hastes rizomáticas do devir, uma vez efetuado, acomoda o sujeito na posição e o identifica com a *forma-sujeito* (no caso, Unisul), tornando o deslizamento entre as posições mais ameno e menos conflituoso.

Há uma máquina abstrata heterogênea, que provoca a abertura para novas hastes do rizoma, “abre-se um processo rizomático, operando uma potencialização do possível, contra o possível arborescente que marcava um fechamento, uma impotência”, (DELEUZE, 1995, p. 61). Ou seja, há uma luta de impotência agindo contra a potência; há sempre uma luta

do ser em si próprio, contra seus próprios limites, suas dúvidas, inseguranças e incertezas, cada qual a seu tempo, em seu ritmo.

Forçosamente, visto que ela é produzida por uma máquina, e pelas exigências de um aparelho de poder especial que a deslança, que leva a desterritorialização ao absoluto mantendo-a no negativo. Mas caímos na nostalgia do retorno ou da regressão quando opomos a cabeça humana, espiritual e primitiva, ao rosto inumano. Na verdade, não há senão inumanidades, o homem é somente feito de inumanidades, mas bastante diferentes, e segundo naturezas e velocidades bastante diferentes. (DELEUZE, 1995, p. 61).

Contudo, o desafio está em abrir-se a um devir-clandestino, seja no virtual ou no presencial. A essência está em o sujeito fazer girar a máquina abstrata que desterritorializa e reterritorializa, constituindo rizomas vivos e intensos, que buscam na estrutura e no acontecimento, as singularidades para as atualizações da sua própria construção na existência, possibilitando ao indivíduo-face transpor-se ao sujeito – rosto.

4 ESTRUTURA / ACONTECIMENTO: SINGULARIDADE

Segundo Pêcheux (2008), a materialidade discursiva de um enunciado pode determinar um acontecimento, porém, levando em consideração sua equivocidade, ou seja, as discursividades que trabalham em um acontecimento. A enunciação, sendo o lugar em que se instauram os sentidos dos enunciados, é desencadeada por acontecimentos que se dão no interior das formações discursivas e que estão/são regulados por ela – a (FD).

Falávamos, no capítulo anterior, sobre o processo de rostificação, ou seja, sobre a transposição da face-indivíduo para o rosto-sujeito, e sobre o funcionamento da desterritorialização e reterritorialização, no sentido de permitir o vir a ser, o devir, que se dá exatamente nas posições que interpelam o sujeito.

Para Deleuze (2009), podemos considerar uma série de acontecimentos que se efetuam, a partir da posição-sujeito, mas não podemos deixar de discutir a respeito do que move um acontecimento, ou, do que colabora para que um acontecimento se instaure.

O acontecimento é um enunciado posto numa dada discursividade que fez com que se tornasse outro, que buscou um sentido outro numa dada enunciação, justamente porque se dá no interior das formações discursivas.

Segundo Deleuze (2009, p. 9),

[...] o futuro e o passado, o mais e o menos, o muito e o pouco, o demasiado e o insuficiente *ainda*, o já e o *não*: pois o acontecimento, infinitamente divisível, é sempre *os dois ao mesmo tempo*, eternamente o que acaba de se passar e o que vai se passar, mas nunca o que se passa.

Sob a perspectiva de Deleuze (2009), o acontecimento é uma superfície que emerge dos efeitos entre os corpos na enunciação, ou ainda, da atualização de significantes em significados, o que gera um efeito de sentido na superfície (no discurso). Analogamente, como um *iceberg*, cuja ponta (superfície) é uma pequena parte do que se esconde no fundo: muito mais amplo, completo, forte e dinâmico; também no acontecimento há uma estrutura que sustenta, que vibra, que ressoa para que ele se efetue.

Seria supor que o sujeito ocupa uma posição discursiva em função do ressoar do fundamento que constitui o acontecimento, ao mesmo tempo em que é tomado pelo sentido peculiar da formação discursiva que acolhe, que concede, que regula o que pode e o que não pode ser dito. O dizer é justamente o ponto de convergência da atualidade e da memória, e isto subentende que todo discurso se instaura numa estrutura e num acontecimento.

A estrutura, segundo Deleuze (2009),

[...] é designada por duas séries heterogêneas: o significante e o significado. “O significante é a proposição em seu conjunto, na medida em ela comporta dimensões de designação, de manifestação, de significação no sentido estrito; e o significado é o termo independente que corresponde a essas dimensões, isto é, o conceito, mas também a coisa designada ou o sujeito manifestado. Finalmente, o significado é a única dimensão da expressão, que possui com efeito o privilégio de não ser relativa a um termo independente, uma vez que o sentido como expresso não existe fora da expressão; e então o significado é designação, a manifestação ou mesmo a significação, no sentido estrito, isto é, a proposição enquanto o sentido ou o expresso dela se distingue. (DELEUZE, 2009, p. 40 e 41)

O acontecimento, segundo o mesmo autor, é decorrente do ressoar das séries, “[...] não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. [...] Ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece”. (DELEUZE, 2009, p. 152)

E no momento que em que se efetuam acontecimentos, cada sujeito seria como um espelho em que se condensam singularidades, ou seja, “cada mundo uma distância no espelho”. (DELEUZE, 2009, p. 184).

4.1 A ESTRUTURA

Para Deleuze (2009), há duas condições mínimas para que se instaure uma estrutura, quais sejam:

1ª) é necessário que tenhamos duas séries heterogêneas, sendo que uma delas será o significante, a que Deleuze atribui um oportuno adjetivo, qual seja “flutuante”. Na verdade, o faz em função de que considera como significante o que Pêcheux (1997) chama de pré-construído, ou seja, a virtualidade sempre já “lá”, que fornece possibilidades de sentidos e também de acontecimentos múltiplos.

Podemos, segundo Pêcheux (1997, p. 156), considerar o pré-construído

[...] como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que é “sempre-já sujeito”, destacando essa discrepância (entre a estranheza familiar desse fora situado antes, em outro lugar, independentemente, e o sujeito identificável, responsável, que dá conta dos seus atos) funciona “por contradição”, quer o sujeito, em toda sua ignorância, se submeta a ela, quer, ao contrário, ele a apreenda por meio de sua agudeza de “espírito” [...].

Logo, Pêcheux (1997) considera o pré-construído como o interdiscurso, ou seja, todas as possibilidades de dizeres que se instauram, conforme as formações discursivas e a

historicidade ideológica que as caracterizam, nas enunciações (acontecimentos) que se estabelecem, atravessando os enunciados e determinando as posições que o sujeito assume (o dizer propriamente). Segundo Pêcheux (1997, p. 167),

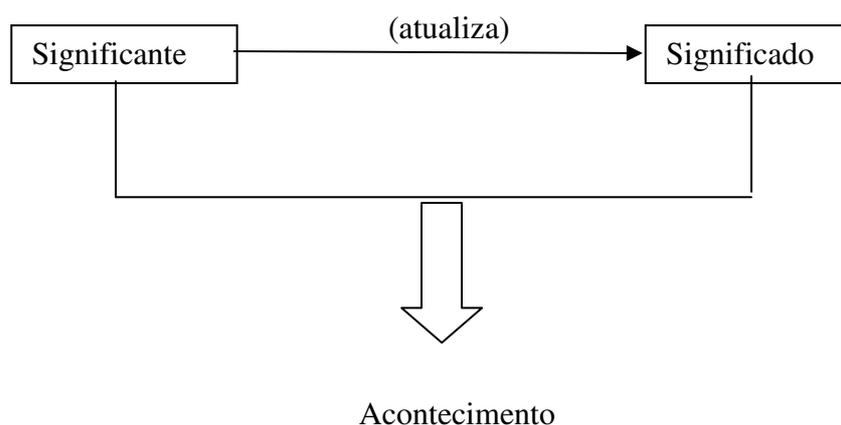
[...] o interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita.

2ª) Cada uma dessas séries (significante / significada) é composta por termos que, a priori, não existem, mas passam a ter sua existência marcada a partir do momento em que se relacionam e se instauram discursivamente. É exatamente no ponto em que as relações entre significante e significado convergem que se atualizam os acontecimentos, marcados por singularidades muito particulares.

Cabe esclarecer que, a partir da relação (significante / significada) atualizada em acontecimento, tem-se o discurso instaurado ou, conforme explica Pêcheux (1997, p. 166), a efetuação do intradiscurso:

[...] designaremos pela expressão *intradiscurso*, isto é, o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que disse *antes* e ao que eu direi *depois*; portanto, o conjunto dos fenômenos de “co-referência” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito).

Figura 8 – As séries significante e significada e sua atualização em acontecimento



Fonte: Autora, 2013

Assim, o ressoar das séries significante (interdiscurso) e significada, efetuada em um discurso (intradiscurso), é o próprio acontecimento.

No livro *A escritura e a diferença*, Jacques Derrida (1995) denomina jogo da estrutura essa relação que se estabelece entre as séries, doravante significante e significada, conforme demonstra a figura 8. Segundo Derrida (1995, p. 230), para se estabelecer um acontecimento há um jogo da estrutura, ou seja, “é certo que o centro de uma estrutura, orientando e organizando a coerência do sistema, permite o jogo dos elementos no interior da forma total”. De acordo com Derrida (1995), há que se buscar a origem da estrutura, antes mesmo do que define a própria episteme, isto é, a ciência e a filosofia ocidental, e mergulhar no que considera a raiz de toda a estrutura, qual seja a estruturalidade.

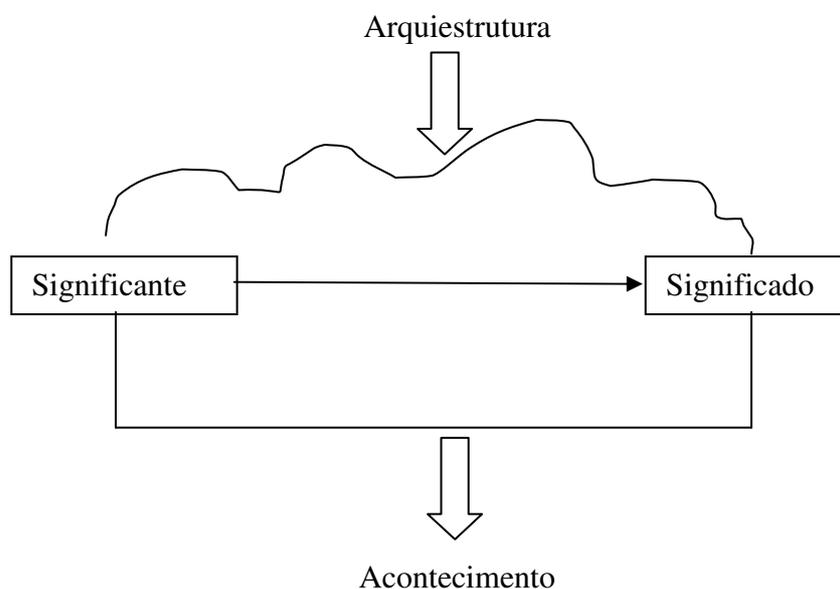
Para Derrida (1995), há uma estruturalidade que é anterior à estrutura (as possibilidades do jogo), mas que sempre é neutralizada justamente pela necessidade da própria episteme em buscar um centro de partida para explicar e teorizar a respeito do mundo.

A estruturalidade anterior à estrutura não tem somente a função de organizar o jogo, mas, sobretudo, de limitar a sua atualização, de permitir que no auge da sua transcendência, seja potência para o jogo. “É certo que o centro de uma estrutura, orientando e organizando a coerência do sistema, permite o jogo dos elementos no interior de forma total. E ainda hoje uma estrutura privada de centro representa o próprio impensável.” (DERRIDA, 1995, p. 230).

A estruturalidade está antes da própria estrutura, é o que torna possível uma estrutura vibrar. Nessa tese, denominaremos “arquiestrutura” a potência que provoca e permite ao jogo (entre significante e significado) se instaurar e, por assim dizer, que vai além da e, sobretudo, antes da estrutura.

O fluxo da figura 9 representa essa dinâmica que provoca as atualizações sucessivas de acontecimentos.

Figura 9 – A estruturalidade como Arquiestrutura



Fonte: Autora, 2013

Como centro, é correto observarmos que o jogo entre significante e significado, que determina a estrutura e se atualiza em acontecimento, encerra um jogo que abre e torna possível outros acontecimentos, ou seja, ele (o acontecimento), uma vez atualizado, não pode mais ser substituído.

Para Derrida (1995, p. 230),

Sempre se pensou que o centro, por definição única, constituía, numa estrutura, exatamente aquilo que, comandando a estrutura, escapa à estruturalidade. Eis por que, para um pensamento clássico na estrutura, o centro pode ser dito, paradoxalmente, *na* estrutura e *fora* da estrutura. Está no centro da totalidade e contudo, dado que o centro não lhe pertence, a totalidade tem o seu *centro noutra lugar*. O centro não é o centro. (Grifos do autor).

Enquanto não se tem a estrutura, definida e determinada em acontecimentos únicos, há somente a estruturalidade (que denominamos Arquiestrutura), ou seja, virtualidades inapreensíveis, transcendentais, que quando se organizam em estruturas, aí sim, representam potências de significações e se organizam em formações discursivas (dinamizam a atualização dos significados a partir dos significantes), conforme mostra a figura 9.

A estrutura é, portanto, próprio de uma formação discursiva, um jogo de presença e ausência, pois a infinitude de potências (presença – significante) tende a suprir uma falta (ausência- significado), que no momento em que se atualiza em acontecimento, renova-se em outras faltas sucessivas, produzindo, assim, efeitos de sentido em cada acontecimento

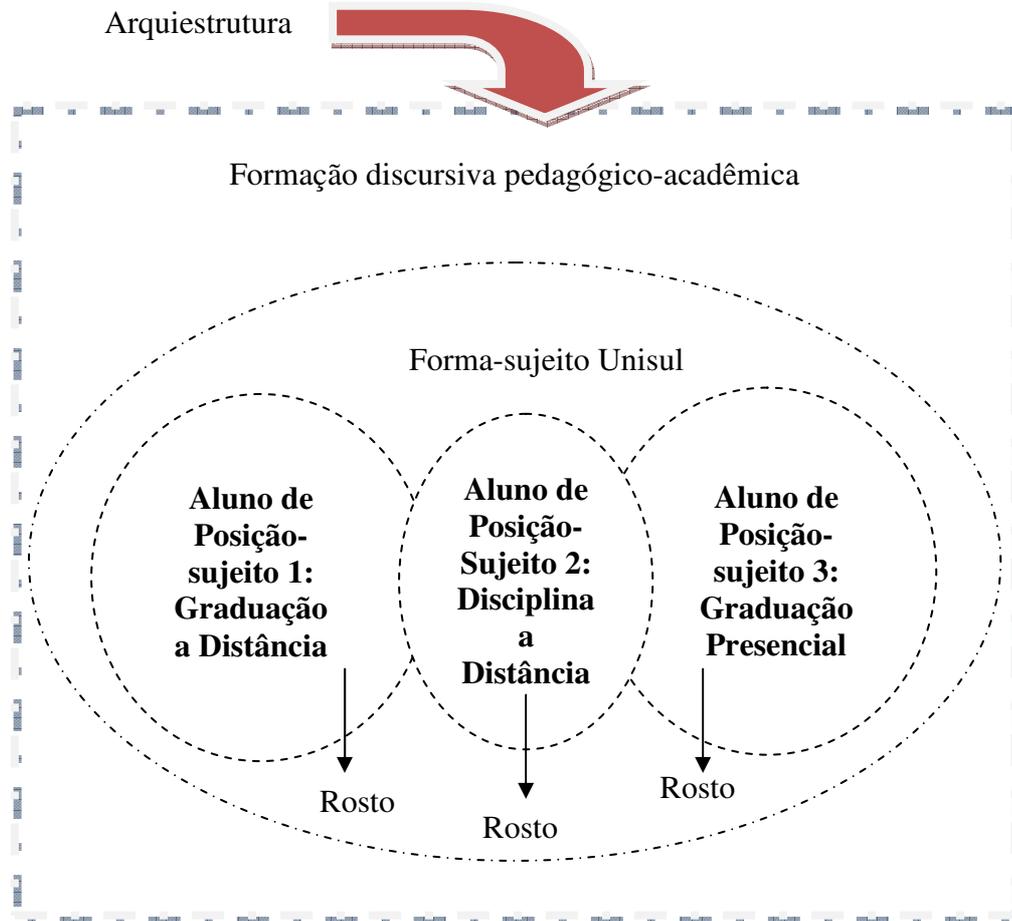
atualizado. Para entender melhor essa dinâmica constante dos acontecimentos, bastaria que colocássemos aqui uma série de repetições da figura 9, sendo que uma seria antecessora de outra, sucessiva e infinitamente, tanto quanto se atualizarem os acontecimentos.

O jogo da presença e da ausência está diretamente relacionado com o jogo do virtual e do real. Enquanto ausência, permanece a potência na virtualidade; enquanto presença, traduz-se em função da atualização de uma potência, que produz um efeito de sentido no acontecimento, dado na enunciação. Afirma-se, então, que, a série significante representa todas as possibilidades da língua, enquanto a série significada representa as “totalidades produzidas” (DELEUZE, 2009, p. 51). Para que uma estrutura se efetive, é necessário que essas séries diferentes sejam determinadas em um acontecimento, conforme mostra a figura 9.

Dessa forma, para Deleuze (2009, p. 53) “uma estrutura comporta um registro de acontecimentos ideais, isto é, toda uma história que lhe é interior”. A partir das relações entre significante e significado (as séries heterogêneas às quais Deleuze (2009) se refere) têm-se as constituições de termos que passam a existir, decorrentes das interações entre as duas séries.

Ao observar a figura 10, a seguir, podemos compreender que há uma arquiestrutura, anterior à formação discursiva, que dinamiza e faz vibrar as estruturas das formações discursivas, permitindo que as virtualidades transcendentais (significantes) possam se efetuar nos significados e produzir um acontecimento filiado às enunciações próprias de cada formação a partir da qual se produz um discurso.

Figura 10 – A arquiestrutura na *forma-sujeito* Unisul.



Fonte: Autora, 2013

Assim, compreende-se que a estrutura mantém uma íntima relação com a enunciação, já que os enunciados produzidos são atualizados a partir das forças-potências que transcendem a *forma-sujeito* e se efetuam nas posições-sujeito da formação discursiva.

Há que se observar, ainda, que a arquiestrutura está para as formações discursivas que se filiam o sujeito, assim como a *forma-sujeito* está para as posições-sujeito. Ou seja, a arquiestrutura dinamiza a estrutura, segundo o funcionamento da formação discursiva, mas ela não é específica de uma única FD, ao contrário, ela dinamiza as formações discursivas justamente para que, num efeito de contraidentificação com os saberes designados por uma FD, o sujeito possa fazer funcionar a “desidentificação, isto é, [...] uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação/deslocamento da *forma-sujeito*”. (PÊCHEUX, 1997, p. 217).

Essa desidentificação com a *forma-sujeito* de uma FD é que desloca o sujeito para outras formações discursivas e suas respectivas formas-sujeito. No entanto, esse

deslocamento só é possível porque, segundo Derrida (1995, p. 230) “o centro não é o centro”, ou seja, existe uma arquiestrutura sem centro, que não está focada em dinamizar essa ou aquela formação discursiva, especificamente, mas em fazer vibrar as possibilidades de deslocamento do sujeito, segundo sua identificação com outras formas-sujeito, nas possibilidades múltiplas de formações discursivas.

A arquiestrutura ressoa na transcendência das possibilidades das formações discursivas, funcionando quase como um ímã, que atrai formações e engloba, por consequência, formas-sujeito correspondentes a essas formações discursivas. Esse magnetismo da arquiestrutura não conserva “centro”, mas mantém a estrutura dinâmica que faz ressoar o significante na casa “vazia” (significado), permitindo que se efetuem acontecimentos em cada FD.

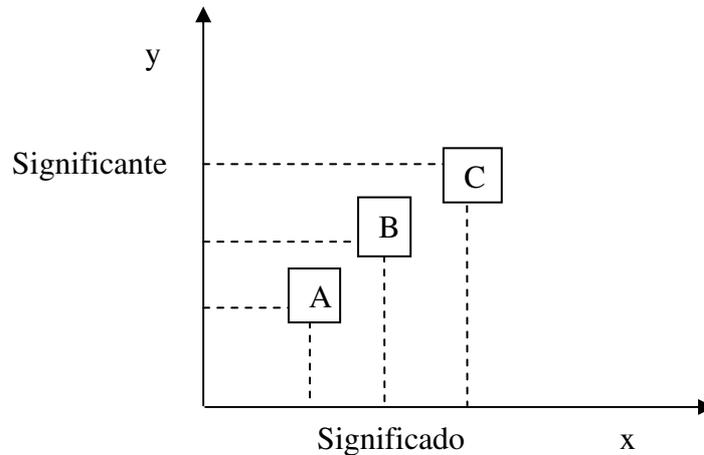
É por isso, que no caso da formação pedagógico-acadêmica, no que tange à *forma-sujeito* Unisul, temos posições-sujeito diferentes (1, 2 e 3), mas elas não se evadem da formação discursiva que se filiam, ou seja, elas seguem suas regularidades e seu funcionamento, conforme estabelece a *forma-sujeito* Unisul.

A falta de identificação de um aluno com as posições-sujeito da *forma-sujeito* Unisul não vai originar outra posição-sujeito, visto que essas são as estabelecidas para essa forma, mas vai provocá-lo a se filiar em outras *formas-sujeito*, correspondentes a outras formações discursivas. Esse deslizamento somente será possível porque existe uma força sem centro, que faz vibrar as estruturas de outras formações e é capaz de abrigar outras *formas-sujeito*, isto é, a possibilidade do deslocamento advém da arquiestrutura.

Mas como visualizar essa estrutura na *forma-sujeito* Unisul?

O gráfico matemático talvez possa deixar isso mais claro, pois, segundo Deleuze (2009, p. 39), “já é assim em matemática, onde uma série construída na vizinhança de um ponto não tem interesse a não ser em função de outra série, construída em torno de outro ponto e que converge ou diverge da primeira.”, conforme a figura 11:

Figura 11– O cálculo matemático para designar a estrutura e o acontecimento



Fonte: Autora, 2013

As séries heterogêneas (significado e significante) são determinadas no gráfico pelos eixos x e y , respectivamente.

De acordo com o gráfico que ora propomos, a cada junção de pontos entre significante e significado temos a constituição de um termo (estrutura – ponto A, B, C, no gráfico).

Segundo Deleuze (2009, p. 53),

[...] aos valores destas relações, correspondem acontecimentos muito particulares, isto é, singularidades designáveis na estrutura: exatamente como no cálculo diferencial, onde repartições de pontos singulares correspondem aos valores das relações diferenciais.

Cada elemento que se forma a partir destas séries (seja A, B ou C), é o que Deleuze (2009, p. 53) chama de “diferenciante”, ou seja, o princípio da emissão das singularidades de cada um dos pontos da série. Ou seja, o elemento A não pertence nem a série significante, nem à série significada. Assim também para os pontos B ou C. Mas esses elementos pertencem às duas séries ao mesmo tempo.

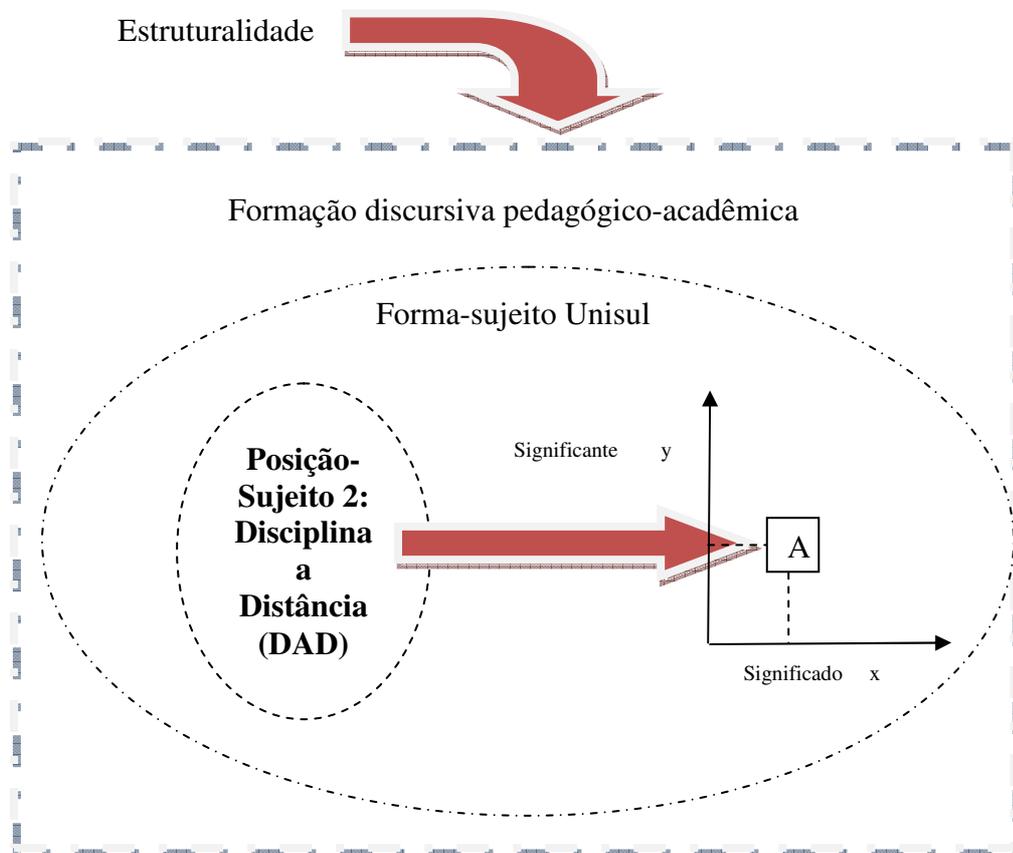
Esses pontos têm a propriedade de estarem fora do seu lugar de origem, eles se deslocam a todo instante, desequilibram-se, ao tempo em que precisam desse movimento para fazer as séries se comunicarem, coexistirem.

Determinar como significante a série em que aparece como excesso, como significada aquela em que aparece correlativamente como falta e, sobretudo, assegurar a doação do sentido nas duas séries, significante e significada. Pois o sentido não se confunde com a significação mesma, mas ele é o que se atribui de maneira a determinar o significante como tal e o significado como tal. Concluímos que não há estrutura sem séries, sem pontos singulares correspondendo a estas relações; mas, sobretudo, não há estrutura sem casa vazia, que faz tudo funcionar. (DELEUZE, 2009, p. 54).

Tomemos o fragmento acima “não há estrutura sem casa vazia, que faz tudo funcionar”. Percebemos, logo, que não há estrutura sem efetuação de um acontecimento, ou seja, para que haja convergência entre os pontos (que dá origem, no gráfico, aos pontos A, B, C) é preciso que se atualize um acontecimento discursivo.

Observemos a figura 12, a seguir, cujo intuito é demonstrar essa estrutura na posição-sujeito 2, da *forma-sujeito* Unisul, como se pudéssemos explodir a efetuação de um discurso nessa posição e visualizá-la na ressonância entre significante e significado:

Figura 12 - A estrutura em funcionamento na posição-sujeito 2



Fonte: Autora, 2013

A figura 12 demonstra a efetuação de um acontecimento no ponto “A” do gráfico matemático, ou seja, ele é o ponto de convergência (de efetuação) do discurso que atualizou segundo a presença transcendente do significante que resvalou na ausência de significado (falta).

Enfatiza-se o fato de que o acontecimento se relaciona diretamente com o aqui (espaço) e o agora (tempo). Ou seja, o discurso se efetua num determinado espaço, num determinado tempo, numa determinada enunciação e, assim, sucessivamente. O ponto “A” do

gráfico exprime um discurso enunciado (um acontecimento), marcado em um lugar que já não é, mas que foi efetuado. Da mesma forma, a estrutura continua ressoando, preparada para um discurso que pode vir, um devir, um vir a ser.

Por essa perspectiva, tem-se que um acontecimento se efetua na multiplicidade dos discursos enunciados, razão pela qual não é uma realidade em si, pois a simultaneidade lhe é intrínseca, mas produz um efeito de real a cada vez que é atualizado discursivamente, ou seja, a atualização é, em cada caso, diferente e singular, assim como o discurso.

Na prática, é pertinente compreender como o discurso se efetua numa sala virtual de aprendizagem, por exemplo. Assim, podemos exemplificar com o seguinte comentário do aluno S9, na ferramenta “professor” da disciplina de Filosofia – DAD – 2012-1:

- Enviada por S9 em 26/04/2012 (21:25)

Boa noite, Prof. João.

Em relação ao item 2 da questão 3 da AD1, não foram consideradas as premissas implícitas, cujo exemplo consta na página 44, Unidade 2 do livro?

Pelo que eu entendi, deveriam ser consideradas as duas premissas implícitas também (1) Os leões são vertebrados; 2) Os vertebrados têm sangue vermelho.).

Nos comentários que o professor fez, a resposta certa seria 3 premissas. E quanto às duas implícitas, não contariam na questão?

Aguardo resposta.

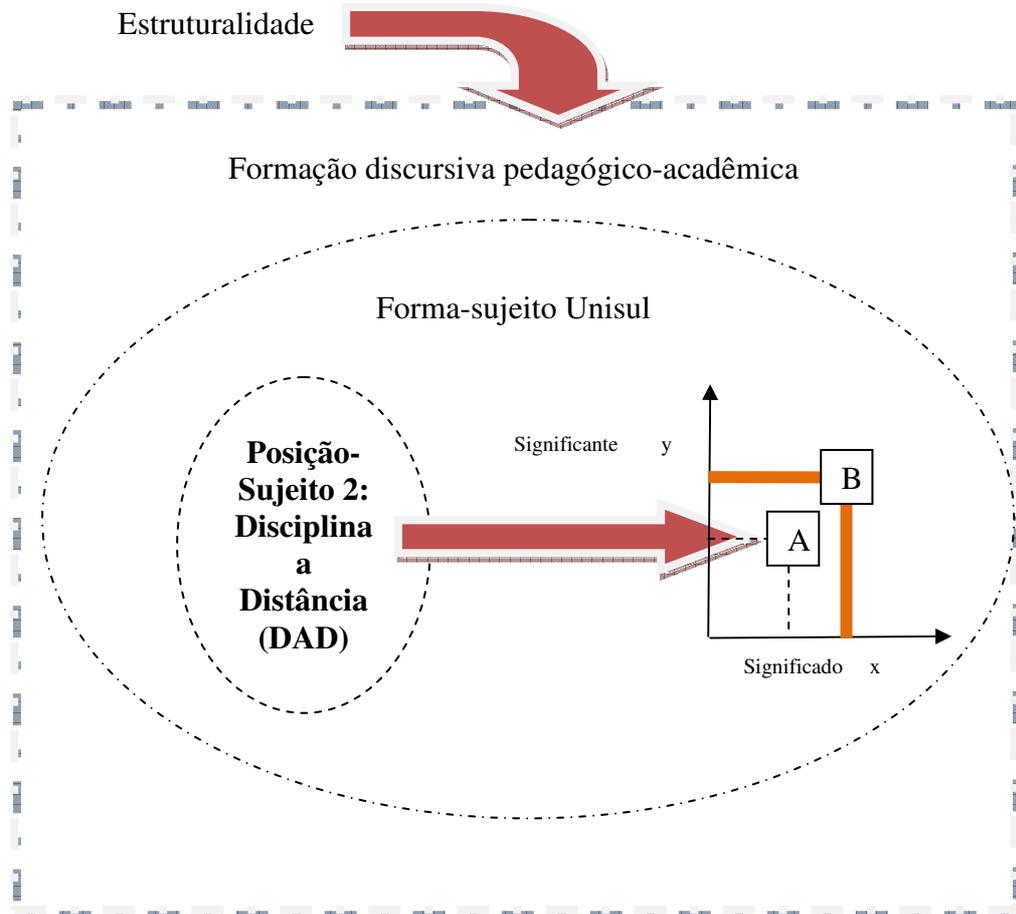
Desde já agradeço à atenção dispensada.

S9

O aluno, enunciador, efetua um discurso em função da estrutura, ou seja, dá ao significante (possibilidades da transcendência) um significado no/pelo discurso, assumindo uma posição-sujeito.

Diz-se, então, que o enunciado do sujeito S9 compreende o ponto A da figura 12 – o ponto A é um acontecimento, ou seja, há um sujeito que enuncia em um tempo e em um lugar. No entanto, se após o retorno do professor, em resposta a sua pergunta, o aluno publica um novo comentário na ferramenta “professor”, podemos inferir que um novo ponto se convergirá entre o significante e o significado, de forma que teremos um novo discurso efetuado em ponto “B”, conforme demonstra a figura 13:

Figura 13 - A estrutura em novo funcionamento na posição-sujeito 2



Fonte: Autora, 2013

Assim, em resposta ao que postou o professor, o aluno S9 efetua um novo discurso, descrito na figura 13 como ponto “B”, conforme reportado logo abaixo:

Enviada por S9 em 28/04/2012 (08:10)

- “Boa noite, Prof. João.
Na verdade, havia entendido sobre o prisma da premissa implícita, e aí, nesse caso, teríamos 3 premissas, realmente.
Como entendi equivocadamente, peço desculpas. Obrigado.
S9”

O que se observa, seja no ponto A ou no ponto B da figura 19, é que a estrutura comporta o registro dos acontecimentos ideais.

Segundo Deleuze (2009, p. 54), a estrutura tem por finalidade,

Articular as duas séries uma à outra, refletí-las uma na outra, fazê-las comunicar, coexistir e ramificar; reunir as singularidades correspondendo às duas séries em uma “história embaralhada”, assegurar a passagem de uma repartição de singularidades à outra, em suma, operar a redistribuição dos pontos singulares; determinar como

significante a série que aparece como excesso, como significada aquela em que aparece correlativamente como falta e, sobretudo, assegurar a doação do sentido das suas séries, significante e significada. Pois o sentido não se confunde com a significação mesma, mas ele é o que se atribui de maneira a determinar o significante como tal e o significado como tal.

Para cada ponto de convergência das séries (significante e significada), temos um ponto (no caso, A e B) e, em cada ponto, a efetuação das virtualidades numa significância que dá origem a um acontecimento. No entanto, tem-se um acontecimento quando essa convergência suscita uma posição-sujeito que traz para a identidade (constituída na *forma-sujeito*) um efeito de sentido em um discurso.

Reportamo-nos ao comentário primeiro do aluno S9, quando fez uma inserção na ferramenta “professor”, ele questiona e diz: “não foram consideradas as premissas implícitas, cujo exemplo consta na página 44, Unidade 2 do livro?”.

A discussão sobre “premissas implícitas”, ou seja, sobre interpretações que foram apropriadas pelo aluno na análise de uma proposição, leva o sujeito (S9) a atualizar um acontecimento, ou seja, a efetuar uma materialidade discursiva na posição-sujeito assumida.

Em um outro caso, numa atividade avaliativa da disciplina de Leitura e Produção Textual – DAD 2012-1, por exemplo, a proposta era os alunos debaterem na ferramenta “fórum¹⁹” a seguinte temática:

- Proposta da atividade: “Walcyr Carrasco em seu texto “O dente e a criatura” apresenta um diálogo entre a “criatura” e um outro personagem. http://revistaepoca.globo.com/vida/walcyr-carrasco/noticia/2012/04/o-dente-e-criatura.html#header_comentarios. Nesse diálogo, podemos comprovar, a partir da expressão – O que vale é o seu espírito - que a “criatura” demonstra ter valores que extrapolam as aparências externas e que não há abismo entre as gerações. Entretanto, o texto foi finalizado com as seguintes afirmações: “Se conto a minha saga é porque ela é universal.” “Na batalha entre o corpo e o espírito, algumas vezes o espírito pode vencer. Mas só algumas vezes.” A partir do exposto, comente o porquê de tais conclusões.”

¹⁹ Ferramenta para interação assíncrona entre alunos e professores, cujo objetivo é promover um debate entre os participantes, sobre uma determinada temática. No caso das disciplinas a distância (DAD), a proposta de debate corresponde a uma avaliação a distância (obrigatória), com critérios avaliativos preestabelecidos.

A partir dessa proposta, é possível observar acontecimentos efetuados, conforme seguem as publicações realizadas pelos alunos:

- S15: AD2 - Comentário - O dente e a criatura. - 06/06/2012 (01:21): “Bem, me empolguei com o texto do Walcyr e decidi postar todo o comentário que elaborei; mas quanto á avaliação do texto, por favor, considerem apenas a parte em negrito. A idade chega para todos os vivos. A pele desce, as rugas vêm, o cabelo muda e o corpo físico sucumbe passo a passo ás voltas dadas pelo ponteiro do relógio. Mas nem tudo se perde. Os pensamentos evoluem, crescem, a mente continua uma máquina que trabalha incessantemente em busca de melhores ares aos quais se vincular. Pensamentos de um jovem podem sim harmonicamente se encaixarem com alguém de mais idade. O mundo é mundo, ambos vivem no mesmo planeta, assistem TV, acessam a internet e leem livros; tudo pode sim fazer algum sentido quanto ao intelecto de dois estranhos, independente da idade. Mas nem tudo são flores. Mesmo que num plano 'além' as coisas façam sentido, o físico continua condizente com as leis do universo, o que pode levar a algum desequilíbrio quanto ao relacionamento de duas pessoas vindas de calendários tão distantes um do outro. Assim como aconteceu com o Walcyr, o encanto quanto à 'criatura', apenas durou enquanto o jornalista continuava consagrado, escrevendo textos maravilhosos e diálogos novelescos de caráter profundo e inspirador; tudo a uma boa distância dela, em um lugar onde a mente fértil apenas permitia que finais de semana com um cinquentão intelectual pudessem ser mais que um sonho adolescente febril. Em nenhum momento a culpo ou julgo mal. Com toda a certeza, as coisas são diferentes quanto ao convívio online e ao real, cara a cara. Somos seres humanos, todos temos defeitos, somos reparadores, julgamos com uma facilidade imensa, gostamos e desgostamos dos outros e SIM, nos decepcionamos. Relacionamentos entre pessoas com uma diferença de idade grande existem. Não acredito que todos estes sejam verdadeiros ou intensos, mas se o amor, a afinidade e o companheirismo servirem como venda intensa que se adeque e filtre o julgamento da sociedade e ás consequências do tempo, com toda a certeza pode ser algo duradouro. Walcyr definitivamente se deu mal. Jogou-se na onda errada, apressou-se, como o próprio menciona no texto, e deu no que deu. A admiração e o 'espírito' não foram mais fortes que os traços entalhados pelo tempo entre os dois. Mas em meio ao extraordinário mundo de solteiros, com toda a certeza coexiste algum que

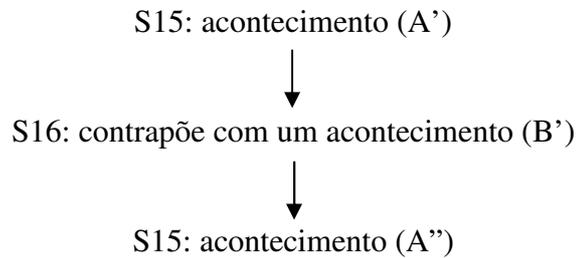
desbanque a teoria de Carrasco e possa confirmar pra ele que o amor não faz tantas objeções e quem sabe nem precise de dentes.”

- S16: Concordo em termos. 16 - 06/06/2012 (09:22): “Gostei muito do que você escreveu S15, concordo contigo em grande parte do texto, mas ainda assim acho que o amor faz objeções, acredito que pode quebrar barreiras sim, porém para despertar nosso interesse inicial deve existir, mesmo que inconscientemente, algo que nos chame a atenção, que nos atraia, somos seres humanos e somos seletivos. Ora, é hipocrisia afirmar por exemplo que uma bela mulher não se atraiu por um jogador de futebol pelo seu dinheiro e status, e sim pelo seu talento futebolístico. É preconceito, mas sabemos que muito dos casos são assim. Afinal, cada um escolhe o que considera melhor para si, seja um amor verdadeiro e correspondido ou alguém que lhe dê conforto e comodidade.”
- Réplica - S15 - 06/06/2012 (13:33): “Sim, S16. Com toda a certeza o amor faz objeções, por esta razão escrevi 'tantas' em relação a isso. Mas voce mencionou algo que com toda a convicção eu acredito sim. Para despertar-nos um primeiro interesse, é necessário algo visível aos olhos, a não ser que de uma simples amizade, surja um sentimento real. Sem dúvida nenhuma nossa seletividade estraga muita coisa que poderia ser boa.”

O que se pode perceber, nos dizeres ora referenciados, é que, na “medida em que os acontecimentos-efeitos não existem fora das proposições que os exprimem” (DELEUZE, 2009, p.25), a sequência discursiva entre S15 e S16 representa acontecimentos efetuados pelos/nos sujeitos (S15 e S16), ao assumirem posições e serem interpelados pelo efeito de real no discurso.

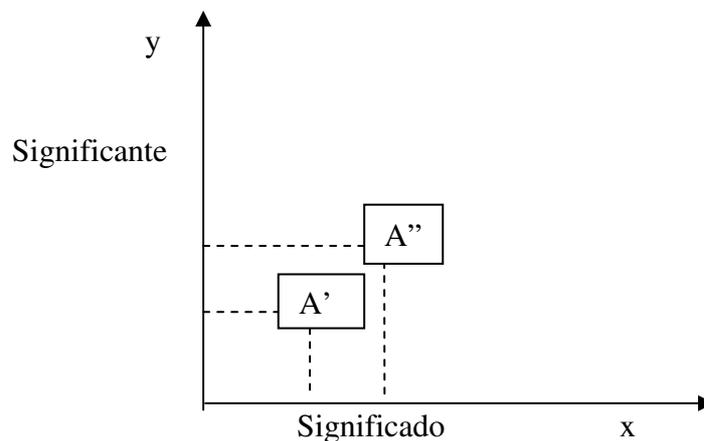
O efeito de real (atualização) provocado pela interseção entre significante e significado, em um discurso atualizado, dá origem a um acontecimento que, por sua vez, instaura-se em um espaço (ambiente virtual de aprendizagem – EVA) e um tempo (cada um a seu tempo – observe os horários dos comentários publicados por S15 e S16). Por conseguinte, a inferência leva a crer que, na modalidade a distância, os efeitos de real se produzem quando se instaura um acontecimento, mas o mesmo não é verdadeiro para a modalidade presencial, já que outros eventos podem marcar esse efeito de real de que tratamos.

Retornemos à sequência discursiva em que os alunos S15 e S16 respondem a atividade de fórum proposta. Pois bem, temos o seguinte fluxo:



Para o aluno S15, poderíamos ter o seguinte gráfico de acontecimentos:

Figura 14 - O acontecimento para o aluno S15



Fonte: Autora, 2013

A arquiestrutura (jogo das estruturas), que provoca a dinâmica entre significante e significado, faz ressoar as atualizações em acontecimentos, gerando o efeito de real, conforme demonstra a sequência discursiva entre S15 e S16. Essa mesma arquiestrutura estimula o movimento vibrante entre o significante e o significando, tornando possível o efeito de real num determinado acontecimento – A' e A'', demonstrados na figura 14. Por essa razão, é oportuno que façamos um aprofundamento sobre esse ponto: o acontecimento.

4.2 O ACONTECIMENTO

Após compreender a função da arquiestrutura (jogo da estrutura), pode-se perceber o acontecimento como um campo do possível (do devir), ou seja, como um campo de efetuação de uma dada atualização, produzida pelo movimento dinâmico e transcendente de um significante e um significado. Nessa perspectiva, o que se pretende nesta tese é compreender o acontecimento para além do discursivo, isto é, para além do feito/dito no discurso, mas com vistas ao acontecimento enquanto efeito de real, enquanto potência virtual numa atualização sincrônica no tempo.

O acontecimento é a possibilidade da presença (virtualidades) em atualizações diversas e ao mesmo tempo únicas (significados), que determinam o efeito de real. Há sempre um jogo, como diz Derrida (1995), que faz com que a infinitude de significantes consiga suprir uma falta e evidenciar um acontecimento que, uma vez atualizado, não pode ser substituído.

Há sempre um devir que, em essência, não tem, necessariamente, uma relação com o passado ou com o futuro (*aion*²⁰), ou seja, é atualização pura num não-tempo, que marca uma diferença subjetiva entre os sujeitos: ele não é o mesmo que efetuou um acontecimento, ele é sempre outro, a partir das sucessivas efetuações.

Segundo Deleuze (2009, p. 97), “o acontecimento é submetido a uma dupla causalidade, remetendo de um lado às misturas de corpos que são a sua causa, de outro lado, a outros acontecimentos que são a sua quase-causa. É por isso que Deleuze (2009, p.97) utiliza o conceito de “dupla causalidade”, ou seja, de um lado está toda a transcendência significativa (potência), de outro lado está a dimensão da significação (atualização), mas não é somente isso, isto é, há também a dimensão de manifestação, “no posicionamento de um sujeito transcendental que conserva a forma da pessoa, da consciência pessoal e da identidade subjetiva e que se contenta em decalcar o transcendental a partir dos caracteres empíricos” (DELEUZE, 2009, p. 101).

A transcendência significativa é sempre presente, enquanto a dimensão da manifestação está sempre em falta (ausência), e é justamente essa dinâmica que dá origem aos sucessivos acontecimentos.

²⁰ Segundo Deleuze (1995, p. 64), considera como *aion* “o passado e o futuro essencialmente ilimitados, que recolhem à superfície os acontecimentos incorporais enquanto efeitos”. Opõe-se a *Chronos*, que designa o tempo cronológico, em que o antes se ordena ao depois.

Cabe observar uma sequência discursiva obtida na disciplina de Filosofia – DAD – 2012-1, ferramenta Fórum, em que se tem um tema para ser debatido entre os alunos da turma, sendo essa uma atividade avaliativa (Avaliação a distância 2 – AD2), em que a proposta era a seguinte:

- Atividade fórum: Tema do fórum: O Mito da Caverna

Na disciplina de Filosofia você está estudando as ideias de alguns pensadores que se destacaram no decorrer da história da Filosofia.

Entre os Filósofos estudados tem um que nos oferece um clássico que é o Mito da Caverna. O nome dele é Platão. Acesse os links sugeridos, assista aos vídeos e leia o texto de Marilena Chauí (O mito da caverna²¹) e em seguida elabore um posicionamento pessoal de 10 a 15 linhas respondendo como este mito está relacionado a Sócrates e aos Sofistas. Diga também quem são os sofistas atualmente a partir do que diz o mito da caverna. Depois de digitar seu comentário principal, faça mais um comentário a respeito de uma resposta já publicada.

Links para serem assistidos: http://www.youtube.com/watch?v=_cCWozfq7Pk

http://www.youtube.com/watch?v=I9qPYb_N3ng

Os alunos abaixo referenciados por S17, S18, S19, S20 e S21, em resposta à atividade, publicaram a seguinte sequência:

- S17 - O Mito da Caverna - 04/06/2012 (11:49)

Nº de Visualizações: 54

“Podemos relacionar esta história do Mito da Caverna com as ideias de Sócrates e dos Sofistas, pois ela busca conhecer a realidade e descobre sua ignorância perante o novo mundo, é o próprio Sócrates questionando a moral tradicional. A parte onde todos acreditam cegamente que as sombras projetadas na parede são mais verdadeiras do que a realidade do próprio mundo, são as concepções mitológicas dos Sofistas. Hoje nós vivemos em uma sociedade que preza muito pela informação da mídia, não nos dando o trabalho de nos informarmos sobre um determinado acontecimento visto na televisão. Grande parte da população encara como verdade o posicionamento político que foi visto nos veículos de comunicação, sem fazer nenhum questionamento aos fatos mostrados. Os Sofistas são pessoas que ocupam os cargos políticos, que se julgam sabedoras, que possuem dinheiro, poder de persuasão, eles estão todos os dias nos comunicando sobre as suas "notícias", que dizem

²¹ Texto disponível no anexo B desta tese.

serem fatos verídicos, enquanto que nós estamos acreditando sem nem ao menos procurar verificar se essas tais "notícias" tem procedência, ficamos de mãos atadas, esperando que mais informações e falsas verdades sejam mostradas na mídia.”

- S18 - O mito da Caverna - 05/06/2012 (17:19)

Nº de Visualizações: 17

“Acho que o S17 generalizou demais quando se referiu aos sofistas como políticos. A vários tipos de sofista na nossa sociedade, várias pessoas, mídia, pastores, políticos, famosos, tentando passar certos tipos de informações, nem todas de má índole. As informações que o sofistas tentam passar restringem o pensamento das pessoas, e elas vão continuar sempre presentes na nossa sociedade. Cabe as pessoas que estão a receber esse conhecimento saber julgar o que é conveniente para ele e buscar querer sempre conhecer mais, não se restringindo a idéia de ditos sábios.”

- S19 - Os dois lados da caverna. - 05/06/2012 (00:42)

Nº de Visualizações: 20

“É visível a presença dos chamados sofistas no mais variados meios de comunicação disseminando a persuasão a todos os tipos de pessoas. Sejam em telenovelas, jornais, horários reservados à propaganda eleitoral, e até mesmo jogos de futebol presencia-se este fato. De fatos são meios que tornam o receptor cada vez dependente deste tipo de informação, ou seja, é um circulo vicioso. Entretanto não quer dizer que a busca do conhecimento está e abolir este tipo de canal informativo de vez do cotidiano, mas sim usar como medida de conhecer o problema e usar de aprendizado para buscar o conhecimento universal. A consciência é um grande passo para liberta-se desta "caverna da ignorância". Sócrates defende isso ao dizer que todos são ignorantes e os que tem conhecimento da própria ignorância são os mais preparados para se lança em busca do conhecimento verdadeiro.”

- S20 - O mito da caverna - 04/06/2012 (21:20)

Nº de Visualizações: 33

“Concordo com a opinião do colega S19 quanto à comparação entre o mito da caverna e as ideias de Sócrates e dos Sofistas. No mundo em que vivemos hoje, as pessoas aceitam facilmente as ideias e posicionamentos impostos pela mídia e alguns governantes, assim como os sofistas colocavam suas ideias e, por serem pessoas de poder, também eram aceitas como verdade. O mesmo ocorre no mito da caverna, onde os indivíduos preferem acreditar que as

sombras no interior da caverna são o mundo real, ao invés de investigar qual é a verdadeira verdade. E quando um deles sai da caverna e descobre a verdade, os demais o ridicularizam e até o agridem, como muitas vezes vimos quando alguém se opõe ao poder nos dias de hoje.”

- S21 - O Mito da Caverna - Discordo - 04/06/2012 (21:20)

Nº de Visualizações: 30

“Discordo do colega S17 quando diz "Os Sofistas são pessoas que ocupam os cargos políticos (...)", pois os políticos mentem sobre suas verdades, mas estão cientes do que estão falando. Comparando com o Mito da Caverna e o vídeo em forma de charge que mostra a evolução do mito da caverna, podemos concluir que os Sofistas foram aqueles que permaneceram dentro da caverna, porém, eles não sabem qual era a verdadeira vida, mas acreditavam naquilo que estavam vendo, ou seja, o reflexo na parede de toda a imagem projetada pelo lado de fora da caverna, sendo assim, hoje, os Sofistas são as pessoas que acreditam em tudo que os políticos falam.”

A sequência discursiva publicada pelos alunos na sala virtual permite compreender as atualizações em forma de postagens, ou seja, que se dá por acontecimentos decorrentes dos enunciados formulados em cada enunciação que ocorre no momento em que cada aluno logado à plataforma escreve e se inscreve em seu dizer. A sequência ou sucessão de acontecimentos formam uma teia que produz uma outra materialidade (diferente daquela postada pela Universidade – professores). Essa outra materialidade é o discurso em si, justamente por ser o produto e a coadunação dos acontecimentos.

A proposta da atividade provocou a dinâmica entre significantes e significados para cada um dos sujeitos envolvidos. Além disso, para cada transcendência significativa (de S17, S18, S19, S20 e S21), teve que haver a dimensão da significação, cuja interseção com a dimensão significativa fez ressoar a dimensão da manifestação, única, irrepetível, para cada um dos sujeitos envolvidos.

A presença significativa se fundiu à ausência (falta - em primeira instância – ponto de partida – “casa vazia” (DELEUZE 2009, p. 54)), na dimensão de significação de cada um dos sujeitos (S17, S18, S19, S20 e S21). A partir do momento em que o significante ressoou sobre o significado, eclodiu a dimensão da manifestação, que, justamente, dá origem à sequência discursiva ora discutida.

Observe que, para S17, “Os Sofistas são pessoas que ocupam os cargos políticos, que se julgam sabedoras, que possuem dinheiro, poder de persuasão, eles estão todos os dias

nos comunicando sobre as suas "notícias", que dizem serem fatos verídicos, enquanto que nós estamos acreditando sem nem ao menos procurar verificar se essas tais "notícias" tem procedência, ficamos de mãos atadas, esperando que mais informações e falsas verdades sejam mostradas na mídia”.

Já para S21, “Discordo do colega S17 quando diz "Os Sofistas são pessoas que ocupam os cargos políticos (...)", pois os políticos mentem sobre suas verdades, mas estão cientes do que estão falando. Comparando com o Mito da Caverna e o vídeo em forma de charge que mostra a evolução do mito da caverna, podemos concluir que os Solfistas foram aqueles que permaneceram dentro da caverna, porém, eles não sabem qual era a verdadeira vida, mas acreditavam naquilo que estavam vendo, ou seja, o reflexo na parede de toda a imagem projetada pelo lado de fora da caverna, sendo assim, hoje, os Solfistas são as pessoas que acreditam em tudo que os políticos falam.”

É nesse jogo de presenças e ausências que se constituem os acontecimentos como atualizações que se efetuam no sujeito, que se espera e se aspira nele.

Segundo Deleuze (2009, p. 151),

Chegar a esta vontade que nos faz o acontecimento, tornar-se a quase-causa do que se produz em nós, o Operador, produzir as superfícies e as dobras em que o acontecimento se reflete, se reencontra incorporal e manifesta em nós o esplendor neutro que ele possui em si como impessoal e pré-individual, para além do geral e do particular, do coletivo e do privado – cidadão do mundo.

Assim, há uma pertinente interrogação: o que faz com que um acontecimento se suceda a outros, compatíveis ou incompatíveis?

A simples causalidade, ou seja, a relação de efeitos entre si não é a resposta mais apropriada para essa indagação, justamente porque não são as relações de causa e efeito que determinam acontecimentos. Deleuze (2009, p. 176) responde a essa pergunta afirmando que é através de “um conjunto de correspondências não-causais, formando um sistema de ecos, de retomadas e de ressonâncias, um sistema de signos, em suma, uma quase-causalidade expressiva, não uma causalidade necessitante”, que um acontecimento se sucede a outro que lhe é anterior.

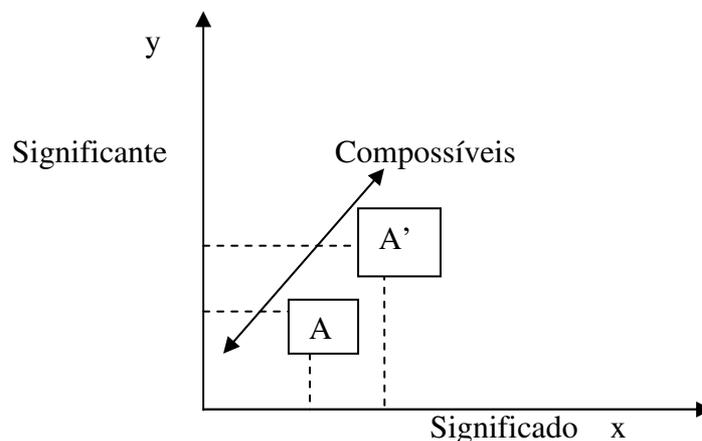
Para esse autor, foi Leibniz que se constituiu no grande teórico do acontecimento, quando afirmou que os acontecimentos podem ser possíveis e impossíveis.

Dois acontecimentos são possíveis quando as séries que se organizam em torno de suas singularidades se prolongam umas às outras em todas as direções. Impossíveis quando as séries divergem na vizinhança das singularidades componentes. A convergência e divergência são relações completamente originais que cobrem o rico domínio das compatibilidades e incompatibilidades, alógicas e com isso formam uma peça essencial da teoria do sentido (DELEUZE, 2009, p. 178).

Assim, no enunciado publicado pelo sujeito S17, temos o seguinte dizer como resposta à atividade solicitada (fórum – AD2 – Filosofia): “a maioria dos seres humanos hoje se contenta com o que é exposto pela mídia, o chamado comodismo está tomando conta das pessoas, aliado a ignorância e a falta de vontade, faz com que sejamos eternos prisioneiros de notícias, verdades que são inquestionáveis, visto em jornais, revistas, nos veículos de comunicação, ditas pelos Sofistas de hoje. Estamos sendo manipulados por esses Sofistas, que ocupam os cargos políticos e colocam falsas verdades em nossa mente, enquanto não sairmos da caverna e mudarmos a nossa postura, viveremos sempre a mercê desses Sofistas de hoje, seremos sempre manipulados e alvos fáceis para a mídia. Infelizmente isso é culpa do descaso que a humanidade tem com ela mesma.”

Ou seja, o acontecimento atualizado, que tornou possível a emergência do enunciado em pauta, é compossível porque se prolonga do enunciado anterior, também possível em função de outro acontecimento atualizado; há singularidades que emanam da dimensão da manifestação que se estendem do primeiro (A) para o segundo comentário (A') de S17, conforme demonstra a figura a seguir:

Figura 15 - Acontecimentos compossíveis de S17



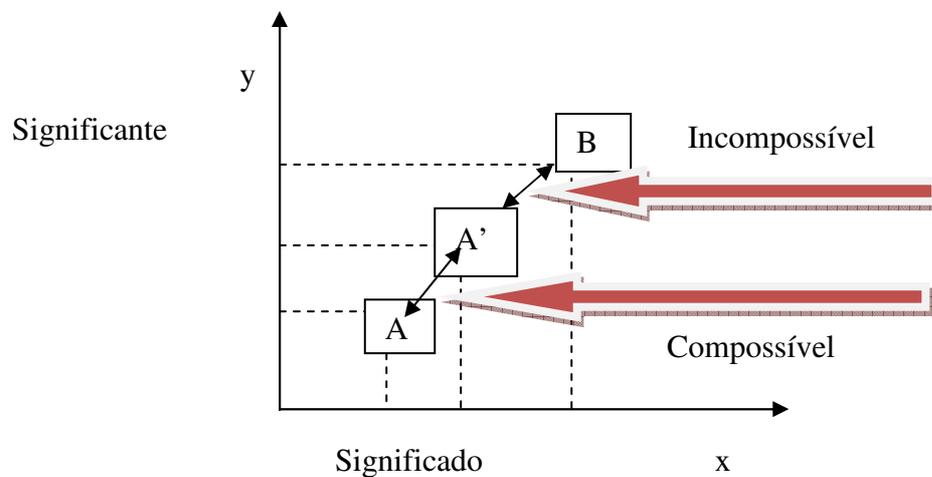
Fonte: Autora, 2013

No entanto, supondo-se que esse mesmo sujeito (S17) se desloque da sua formação discursiva de origem (pedagógico-acadêmica) para outra FD. Por exemplo, suponhamos que o sujeito (S17) se torne, eventualmente, um representante político eleito (vereador, prefeito, deputado, etc.). Nessa posição, seu discurso deslizaria da FD de origem para uma nova formação, qual seja, uma FD Política.

Constituindo-se nessa nova formação, o seu dizer assumiria uma nova *forma-sujeito* e, por conseguinte, o sentido do discurso mudaria conforme essa nova forma, assumindo uma posição divergente àquela de origem. O novo dizer do sujeito (S17), a partir de uma nova posição (*forma-sujeito* da FD Política), representado na figura 16 por “B”, se constituiria em um acontecimento impossível.

O gráfico da figura 16 demonstra o acontecimento impossível (A' para B) para o sujeito S17:

Figura 16 - Acontecimentos possíveis e impossíveis do sujeito S17



Fonte: Autora, 2013

Assim, segundo Leibniz (apud DELEUZE, 2009), a possibilidade de divergência singular de um acontecimento torna possível que uma enunciação se instaure sem estar diretamente relacionada com o acontecimento que lhe é anterior. O acontecimento A' é instaurado sem nenhuma relação com o acontecimento B, para o sujeito S17. A essa relação Deleuze (2009) denomina disjunção, ou seja, há uma disjunção entre os acontecimentos A' e B.

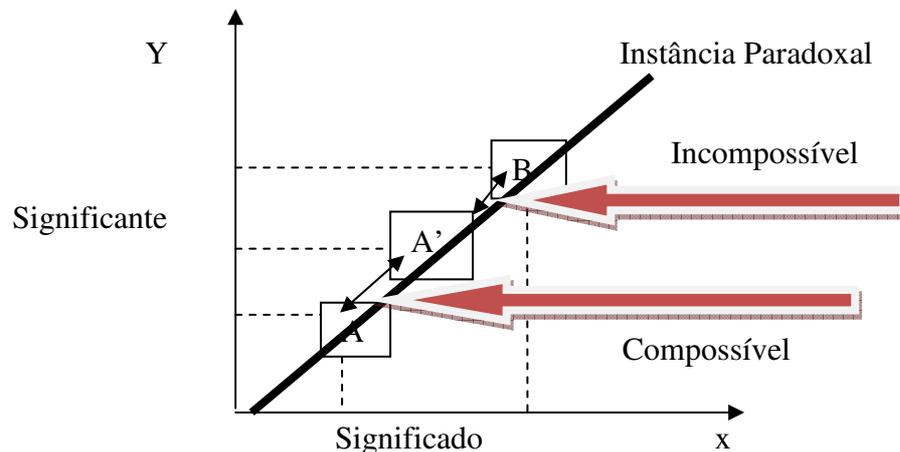
Na verdade, o que Deleuze (2009) enfatiza é que, embora possa haver divergência entre dois acontecimentos, esse processo é salutar para que se mantenha entre eles uma distância positiva, no sentido de que, na medida em que o primeiro se afasta do segundo, o segundo é afirmado pelo primeiro e, assim, sucessivamente, formando a instância paradoxal, determinada por Deleuze (2009) como uma historicidade emanada das sucessões de acontecimentos.

Observemos o seguinte fragmento, citado por Deleuze (2009, p. 179), que exemplifica tal afirmação:

Nietzsche nos exorta a viver a saúde e a doença de tal maneira que a saúde seja um ponto de vista vivo sobre a doença e a doença um ponto de vista vivo sobre a saúde. Fazer da doença uma exploração da saúde, da saúde uma investigação da doença: “observar enquanto doente conceitos mais sadios, valores mais sãos, depois, inversamente, do alto de uma vida rica, superabundante e segura de si, mergulhar olhares no trabalho secreto do instinto da decadência, eis a prática à qual eu me adestrei mais longamente, eis o que faz minha experiência particular e em que fui aprovado como mestre, se é que existe alguma matéria em que o seja. Agora sei a arte de inverter as perspectivas...”

A instância paradoxal do sujeito S17, a partir dos acontecimentos ora relatados, poderia ser expressa conforme se destaca na figura do gráfico a seguir:

Figura 17 - Instância Paradoxal do sujeito S17.



Fonte: Autora, 2013

Conforme demonstra a figura 17, a historicidade do sujeito S17 vai se delineando conforme a sucessão de acontecimentos compossíveis e impossíveis que vão compondo sua instância paradoxal. A instância paradoxal, em verdade, irá registrar os acontecimentos compossíveis e impossíveis, marcando, assim, os deslizamentos do sujeito a partir das *formas-sujeito* que constituirão os seus dizeres em sua história ideológica.

Mas dessa regra da impossibilidade, Leibniz se serve para excluir os acontecimentos uns dos outros: da divergência ou da disjunção, ele faz um uso negativo ou de exclusão. Ora, isto não é justificado senão na medida em que os acontecimentos já são apreendidos sob a hipótese de um Deus que calcula e escolhe, do ponto de vista de sua efetuação em mundos ou indivíduos distintos.[...] Em regra geral, duas coisas não são simultaneamente afirmadas senão na medida em que sua diferença é negada, suprimida de dentro, mesmo se o nível desta supressão é supostamente incumbido de regulamentar a produção da diferença tanto quanto seu desvanecimento. (DELEUZE, 2009, p. 178)

Ou seja, a impossibilidade dos acontecimentos (disjunção) mantém uma distância entre eles, mas não justifica um contrário, apenas mantém um espaço suficiente para estabelecer uma relação entre manifestações (enunciações) que, por natureza, são diferentes e únicas.

A disjunção não é, em absoluto, reduzida a uma conjunção; ela continua sendo disjunção uma vez que recai e continua recaindo sobre uma divergência enquanto tal. Mas esta divergência é afirmada de modo que o *ou* torna-se ele próprio afirmação pura. Em lugar de um certo número de predicados serem excluídos de uma coisa em virtude da identidade de seu conceito, cada “coisa” se abre ao infinito dos predicados pelos quais ela passa, ao mesmo tempo em que ela perde seu centro, isto é, sua identidade como conceito ou como eu. À exclusão dos predicados se substitui a comunicação dos acontecimentos. (DELEUZE, 2009, p. 180).

É oportuno observar que, embora haja a impossibilidade dos acontecimentos, que uma enunciação possa se suceder de outra não compatível com a primeira, há uma linha tênue entre eles (os acontecimentos), uma linha flexível, que permite ao sujeito ocupar diferentes posições e emanar suas manifestações (enunciações) segundo as transcendências significantes de cada uma das formações discursivas que ocupa. Assim, há uma diferença entre o enunciado e os sentidos dele decorrentes de enunciações a partir de acontecimentos que, mesmo distintos, mantêm relações de similitude.

Nem sempre é fácil romper-se numa transcendência de significantes para irromper em outra; portanto, não é tarefa simples suceder acontecimentos (enunciações) que podem emergir de lugares diferentes (posição-sujeito em formações discursivas a que se filia). Há uma disjunção que, para se afirmar, precisa manter uma identidade infinita entre os contrários (dos acontecimentos). Por isso cabe aqui voltar a outra indagação da introdução desta pesquisa: O aluno do curso presencial (que por sua faixa etária caracteriza o que alguns autores tratam como geração Y²²), que vivencia no seu cotidiano os acessos aos mais diferentes recursos tecnológicos, não se sente motivado a estudar a distância, através de um ambiente *e-learning*²³?

O que se pode perceber, através do conceito da disjunção, não é uma falta de motivação do aluno para se deslocar da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2, mas é uma dificuldade (não geral para todos os sujeitos, daí os pontos de vistas bem distintos constantes nos resultados do Relatório de Autoavaliação Institucional – DAD – 2012-1 e já evidenciados

²² A geração Y se caracteriza pelas pessoas que desde o início da vida escolar aprenderam a conviver com os recursos tecnológicos e tem uma grande facilidade de focar em muitas coisas simultaneamente.

²³ Segundo Moore (2007), o termo e-Learning corresponde a um modelo de ensino não presencial, possível em função dos recursos tecnológicos, configurando um ambiente online, aproveitando as capacidades da Internet para comunicação e distribuição de conteúdos.

nesta tese) de sintetizar essa disjunção, entre os acontecimentos provenientes das duas posições-sujeito, e convertê-los a uma mesma instância paradoxal, própria de cada um.

Segundo Deleuze (2009, p. 180), há “três espécies de síntese: a síntese conectiva (se..., então) que recai sobre a construção de uma só série; a síntese conjuntiva (e), como procedimento de construção de séries convergentes; a síntese disjuntiva (ou) que reparte as séries divergentes”.

O sujeito que ocupa uma posição-sujeito 3 encontra-se centrado em perspectivas de sínteses conectivas: se, sala de aula, então, professor presente; se, sala de aula, então, horário preestabelecido; se, sala de aula, então, a “face” transparece (o rosto, não necessariamente). Da mesma forma, a síntese conectiva é a tônica desse mesmo sujeito, se for acessar uma formação discursiva de redes sociais: se, conectado, então, acesso às redes sociais; se, conectado, então, emerge um rosto; se, conectado, então, diversão e lazer. De repente, quando ele (sujeito) se desloca da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2, há uma síntese disjuntiva atuando nas enunciações provenientes dessas posições. Não é mais uma estrutura lógica quanto o era na síntese conectiva, justamente porque será necessário romper paradigmas, até então estabelecidos.

Na posição-sujeito 2, estar conectado à internet não é simplesmente uma lógica que corresponde a divertimento, por exemplo. O sujeito estará conectado a um espaço virtual de aprendizagem (com direitos e deveres a serem cumpridos, regras estabelecidas); estar em uma sala de aula virtual, não implica numa lógica de que somente a face irá transparecer.

Assim, percebe-se que há muitas disjunções que precisam ser efetuadas e que, ao serem, provocarão sentidos diferentes para as enunciações que se estabelecerem nessa nova posição-sujeito, dentro da *forma-sujeito* Unisul.

Na síntese disjuntiva, “tudo se faz por ressonância dos disparates, ponto de vista sobre o ponto de vista, deslocamento da perspectiva, diferenciação da diferença e não por identidade dos contrários.” (DELEUZE, 2009, p. 181). E ainda, para que se perceba o quão sacrificante é esse rompimento, Deleuze (2009, p. 181), complementa:

[...] quando a disjunção acede ao princípio que lhe dá um valor sintético e afirmativo nela mesma, o eu, o mundo e Deus conhecem uma morte comum, em proveito das séries divergentes enquanto tais, que transbordam agora de toda exclusão, de toda conjunção, toda conexão.

Deleuze (2009) faz referência a uma “morte”, ou seja, a um rompimento para efetuação da identidade do contrário, para dar vazão às disjunções que são consequência do deslocamento da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2.

Ainda, segundo Deleuze (2009), o sujeito é interpelado pelo sentido numa determinada atualização (acontecimento), fato este que faz com o que o tempo tenha outra conotação, que não aquela mantida e preservada no senso comum.

O fato é que a representação do sujeito é sempre ainda futuro e já passado, enquanto sua representação é impassível e se divide, se desdobra sem se romper, sem agir nem padecer. É neste sentido que há um paradoxo do comediante: ele permanece no instante, para desempenhar alguma coisa que pára de se adiantar e de se atrasar, de esperar e de lembrar. O que ele desempenha não é nunca um personagem: é um tema (o tema complexo do sentido) constituído pelos componentes do acontecimento, singularidades comunicantes efetivamente liberadas dos limites dos indivíduos e das pessoas (DELEUZE, 2009, p. 153).

Logo, identificar o passado, o presente e o futuro num todo único significa generalizar um tempo que, equivocadamente, no senso comum, é tratado coletivamente, como se o passado, o presente e o futuro estivessem num mesmo tempo, para todas as pessoas.

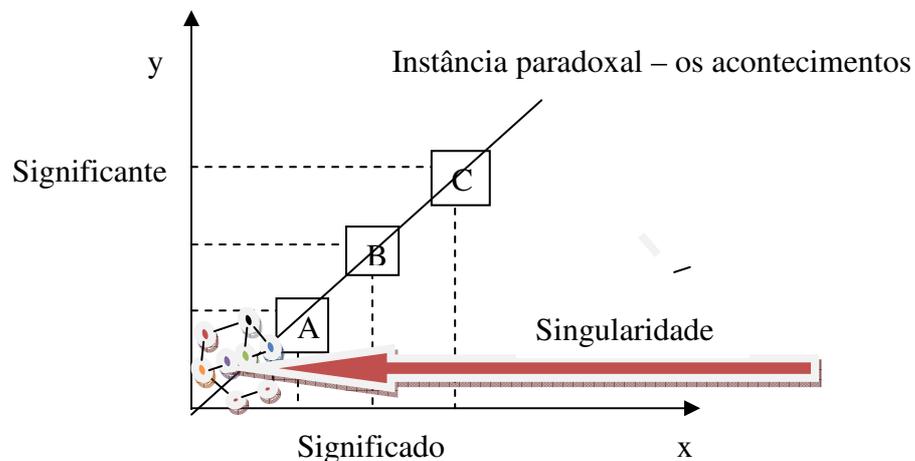
Os acontecimentos, segundo esse mesmo autor, é que marcam o tempo, pois eles se encarnam num estado de coisas, num sujeito. Assim, o passado de um acontecimento não pode ser julgado em outra instância, senão no sujeito que o encarnou. Portanto, ele (o acontecimento) é livre, não está preso às limitações do estado das coisas, mas é apropriado pelo sujeito em enunciações convergentes e divergentes (não somente nesta ordem, mas em várias combinações possíveis²⁴) mantidas constituintes da instância paradoxal por uma distância que permite as afirmações dessas enunciações.

Deleuze (2009) relembra o pensamento estoíco, que atribuía ao destino a efetivação de todo acontecimento, negando a própria necessidade do sujeito. No entanto, para ele, “entre acontecimentos parece se formar relações extrínsecas de compatibilidade e de incompatibilidade silenciosas, de conjunção e de disjunção, muito difíceis de apreciar.” (DELEUZE, 2009, p. 176).

Se tomarmos novamente o gráfico em questão, perceberemos que a estrutura que provoca o acontecimento do ponto A desencadeia singularidades provenientes das séries e, ao mesmo tempo, permite que essas singularidades se desloquem, desapareçam por vezes, ou transformem-se em outras (em caso de necessidade convergente ou divergente). Na sequência, pode-se observar os pontos flutuantes que ilustram, na figura 18, a singularidade e o movimento que faz, desfaz, entrelaça, e que pertence ao acontecimento do ponto A.

²⁴ Combinações possíveis no sentido de que podemos ter acontecimento convergente, seguido de outro convergente e outro divergente, e divergente novamente, e assim em infinitas possibilidades, marcando a existência do sujeito.

Figura 18 - a singularidade na estrutura e no acontecimento



Fonte: Autora, 2013

Um acontecimento agrupa um conjunto de singularidades que partem das duas séries. O ponto A, por exemplo, na figura 18, tem origem nas singularidades das séries significantes e significada e dá origem a um acontecimento.

Mas como destaca Deleuze (2009, p. 55),

[...] tais singularidades não se confundem, entretanto, nem com a personalidade daquele que se exprime em um discurso, nem com a individualidade de um estado de coisas designado por uma proposição, nem com a generalidade ou a universalidade de um conceito significado pela figura ou curva. A singularidade faz parte de uma outra dimensão, diferente das dimensões da designação, da manifestação ou da significação. A singularidade é essencialmente pré-individual, não-pessoal, aconceitual.

Ainda, segundo Deleuze (2009, p. 59),

[...] as metamorfoses ou redistribuições de singularidades formam uma história; cada combinação, cada repartição é um acontecimento; mas a instância paradoxal é o acontecimento no qual todos os acontecimentos se comunicam e se distribuem, o Único acontecimento de que todos os outros não passam de fragmentos e farrapos.

Na demonstração da figura 18, identificamos essa instância paradoxal como a reta que se define em função dos acontecimentos ilustrados pelos pontos A, B, C, ou seja, originários do cruzamento das séries heterogêneas (significante – significado). Salientamos que todas as singularidades decorrentes do cruzamento dos pontos entre as séries estão emaranhadas para determinar a instância paradoxal do “acontecimento”.

Contudo, somente percebê-la na figura 18 não dará conta de compreendê-la no sentido mais amplo, que dá vazão às fronteiras da estrutura e do acontecimento, conforme explicita o item a seguir.

4.3 A SINGULARIDADE NA ESTRUTURA E NO ACONTECIMENTO

Segundo Deleuze (2009, p. 103),

[...] se a batalha não é um exemplo de acontecimento entre outros, mas o Acontecimento na sua essência, é sem dúvida porque ela se efetua de muitas maneiras ao mesmo tempo e que cada participante pode captá-la em um nível de efetuação diferente no seu presente variável.[...].

É por isso que o acontecimento não pode ser atualizado senão pela vontade própria que inspira ao anônimo e, de outro lado, pela sua neutralidade com relação a todas as efetuações temporais, é “nunca presente, sempre ainda por vir e já passado” (DELEUZE, 2009, p. 103), no que tange à sua efetuação. A essa “vontade própria” de atualização, Deleuze (2009, p. 104) dá o nome de “intuição volitiva, isto é, pela vontade que faz para ele, o acontecimento, distinta de todas as intuições empíricas que correspondem ainda a tipos de efetuação”²⁵.

A singularidade é um campo transcendente de energia potencial que se distribui entre as séries (significante e significada) e que se atualiza em um acontecimento, na efetuação de uma cena enunciativa, justamente porque é pré-individual. Não está no sujeito, mas está na enunciação.

Como se atualiza em um acontecimento, a singularidade é neutra, tais são as variações de atualizações que se pode ter em diferentes efetuações nos sujeitos de uma enunciação. Por outro lado, e também por decorrência da sua neutralidade, ela é energia potencial que sobrevoa as dimensões da significação, e que está “sobre uma superfície inconsciente e goza de um princípio móvel imanente de auto-unificação por *distribuição nômade*, que se distingue radicalmente das distribuições fixas e sedentárias como condições das sínteses de consciência.”(DELEUZE, 2009, p. 105)

Essa “distribuição nômade”, à qual se refere Deleuze (2009), explica justamente a energia potencial de uma singularidade de se atualizar em acontecimentos múltiplos, tal a multiplicidade de sujeitos que, inconscientemente, deixam-se atualizar por suas efetuações.

A figura 18 ilustra visualmente a forma como podemos compreendê-la no contexto enunciativo (no acontecimento).

²⁵ De acordo com Deleuze (2009, p. 104), “Georges Gurvitch empregava a palavra “intuição volitiva” para designar uma intuição cujo dado não limita a atividade; ele a aplicava ao Deus de Duns Escoto e de Descartes, à vontade de Kant, ao ato puro de Fichte [...]. Parece-nos que a palavra convém antes a uma vontade estoica, vontade de acontecimento, ao duplo sentido do genitivo”.

A singularidade é por Deleuze (2009, p. 105) definida como

[...] um campo transcendental impessoal e pré-individual, que não se parece com os campos empíricos correspondentes e que não se confunde, entretanto, com uma profundidade indiferenciada. [...] O que não é nem individual nem pessoal, ao contrário, são as singularidades enquanto se fazem sobre uma superfície inconsciente e gozam de um princípio móvel imanente de auto-unificação por *distribuição nômade*, que se distingue radicalmente das distribuições fixas e sedentárias como condições de sínteses de consciência. As singularidades são os verdadeiros acontecimentos transcendentais [...].

Assim, ao se considerar a singularidade como um campo transcendente, importa destacar algumas premissas para compreendê-la ainda melhor:

1º) As singularidades correspondem a uma energia potencial, anterior à efetuação do acontecimento, ou seja, da atualização, mas potencial para o seu existir (efeito de real);

2º) As singularidades se fazem, desfazem, movem-se e são agrupadas em um processo de autounificação móvel e deslocado, na medida em que são atualizadas em acontecimentos múltiplos.;

3º) Elas estão na superfície, ou seja, potencializando a atualização do acontecimento, ligadas à sua formação e re formação, promovendo, singularizando cada um deles. “Tudo se passa na superfície em um cristal que não se desenvolve a não ser pelas bordas” (DELEUZE, 2009, p. 106);

4º) A superfície que a singularidade ocupa é o lugar do sentido, ou seja, um signo não tem sentido até que ocupe um lugar na superfície, até que se atualize. “Os signos permanecem desprovidos de sentido enquanto não entram na organização de superfície que assegura a ressonância entre as duas séries” (DELEUZE, 2009, p. 107). Portanto, a singularidade é energia potencial para a efetuação de sentido em um acontecimento.

5º) O mundo dos sentidos é justamente problemático porque as singularidades, a priori, não têm direção. A multiplicidade de atualizações da energia potencial (singularidade) dá vazão a diferentes efetuações, já que são indeterminados os caminhos e o tempo dessas atualizações. Ora, sabemos, pois, que o sentido muda conforme mudam as posições dos sujeitos.

A singularidade é, portanto, o campo do sentido. Mas a questão é saber como esse campo transcendente é determinado.

Segundo Deleuze (2009, p. 108),

Parece-nos impossível lhe dar, à maneira Kantiana, a forma pessoal de um Eu, de uma unidade sintética de apercepção, mesmo se conferimos a esta unidade um alcance universal; [...]. Mas não é, igualmente, possível conservar-lhe a forma de uma consciência, mesmo se definimos esta consciência impessoal por

intencionalidades e retenções puras que supõem ainda centros de individuação.[...] A dupla série do condicionado, isto é, da consciência empírica e de seus objetos, deve pois ser fundada numa instância originária que retém a forma pura da objetividade (objeto = X) e a forma pura da consciência e que constitui aquela a partir desta. [...] O que é comum à metafísica e à filosofia transcendental é primeiramente esta alternativa que elas nos impõem ou um fundo indiferenciado, sem-fundo, não-ser informe, abismo sem diferenças e sem propriedades.

E ainda complementa, dizendo que

[...] enquanto o sentido é posto como originário e predicável, importa pouco saber se é um sentido divino esquecido pelo homem ou então um sentido humano alienado em Deus. [...] Mas, mesmo fazendo falar o fundo informe ou o abismo indiferenciado, com toda sua voz de embriaguez e cólera, não saímos da alternativa imposta pela filosofia transcendental tanto quanto pela metafísica: fora da pessoa e do indivíduo, não *distinguireis* nada... assim a descoberta de Nietzsche está alhures, quando, tendo se livrado de Schopenhauer e de Wagner, explora um mundo de singularidades impessoais e pré-individuais, mundo que ele chama agora de dionísico ou da vontade de potência, energia livre e não ligada. Singularidades nômades que não são mais aprisionadas na individualidade fixa do Ser infinito (a famosa imutabilidade de Deus) nem nos limites sedentários do sujeito finito (famosos limites do conhecimento). (DELEUZE, 2009, p. 109-110)

Deleuze (2009, p. 110) faz questão de enfatizar que a singularidade é uma “máquina dionísica de produzir o sentido e em que o não-senso e o sentido não estão mais numa oposição simples, mas copresentes um ao outro em um novo discurso”. Dessa forma, a singularidade pode ser entendida em função da sua existência (enquanto energia potencial), mas também nas suas repartições múltiplas, que se prolongam e se estendem nas atualizações de acontecimentos.

No entanto, é relevante compreender que há um mundo infinito de singularidades que, em sua infinitude, são selecionadas pelos indivíduos que as encarnam (efetua). Isso significa dizer que

[...] um indivíduo está sempre em um mundo como círculo de convergência e um mundo não pode ser formado e pensado senão em torno de indivíduos que o ocupam ou o preenchem. A questão de saber se o próprio mundo tem uma superfície capaz de reformar um potencial de singularidades é geralmente resolvida pela negativa. Um mundo pode ser infinito em uma ordem de convergência e, no entanto, ter uma energia finita, e esta ordem ser limitada. (DELEUZE, 2009, p. 114)

Se relembrarmos o conceito de formação discursiva, formulado por Pêcheux (1997) e já discutido mais pontualmente nesta tese, veremos que é possível fazer algumas inferências e também relações entre esses conceitos e o que Deleuze (2009, p. 114) chama de “mundo com círculo de convergência”, com possibilidades múltiplas e, paradoxalmente, singulares de efetuações.

Relembremos que, para Pêcheux (1997, p. 161), “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos do seu discurso), pelas formações discursivas que

representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Ao fazermos uma relação desse conceito com o “mundo com círculo de convergência”, citado por Deleuze (2009, p. 114), veremos que, embora tenhamos em primeira instância a perspectiva da Análise do Discurso e, em segunda instância, a perspectiva de um contexto filosófico, essa noção de Deleuze (2009) de que os indivíduos se constituem a partir do mundo e da superfície (singularidade) que os preenchem, parece se aproximar, e muito, dos indivíduos que se constituem como sujeitos a partir das formações discursivas em que estão inscritos e, cuja “superfície” de sentidos limita o que pode e deve ser dito.

A verdade é que, por inferência, tanto Deleuze (2009) quanto Pêcheux (1997), seja no campo da Filosofia ou da Análise do Discurso, respectivamente, parecem convergir para a compreensão de que há uma energia potencial que se instaura na enunciação e que se atualiza no acontecimento, por efeito de uma singularidade (no caso de Deleuze (2009)) ou de um sentido (no caso de Pêcheux (1997)) e que se encarna no indivíduo por consequência da sua posição discursiva.

Reportemo-nos novamente ao fragmento em que Deleuze (2009, p. 110), ainda que do lugar da filosofia, afirma que “o não-senso e o sentido não estão mais numa oposição simples, mas co-presentes um ao outro em um novo discurso.” Além disso, há uma outra relação que se pode estabelecer entre os autores, na perspectiva de Pêcheux (1997), no que tange às possibilidades de deslocamento do sujeito de uma formação discursiva para outra, filiando-se a novos saberes pertencentes a uma *forma-sujeito* que se identifica numa nova FD e, na perspectiva de Deleuze (2009), quando explica os acontecimentos possíveis e impossíveis, conforme já descrevemos anteriormente.

Segundo Deleuze (2009, p. 114, grifos do autor),

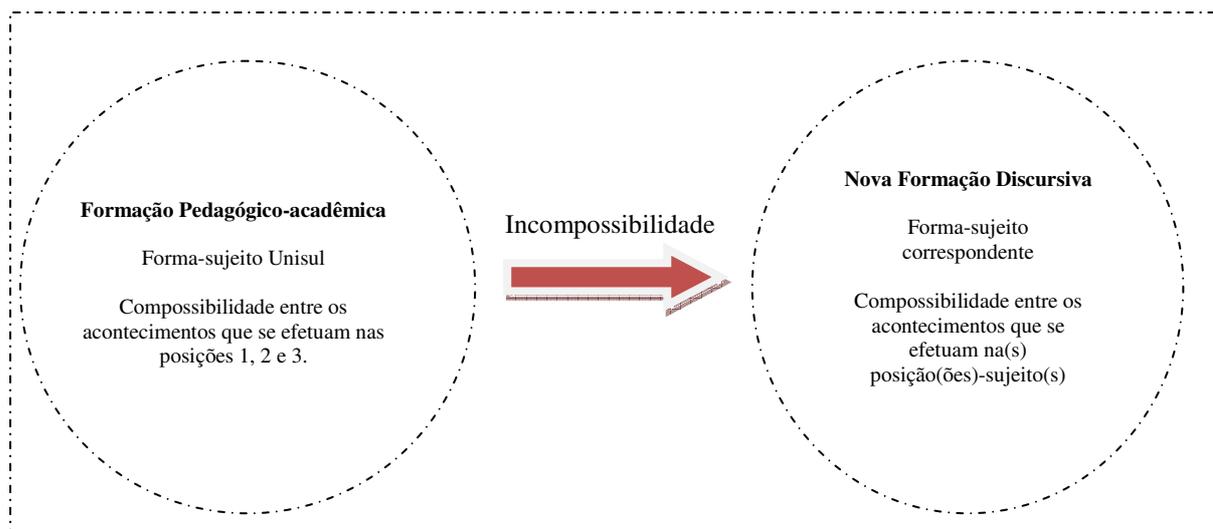
O mundo expresso é feito de relações diferenciais e de singularidades adjacentes. Ele forma precisamente um mundo na medida em que as séries que dependem de cada singularidade convergem com aquelas que dependem das outras: *é esta convergência que define a “compossibilidade” como regra de uma síntese de mundo.* Lá onde as séries divergem começa um outro mundo, impossível com o primeiro. A extraordinária noção de compossibilidade se define pois como um *continuum* de singularidades, a continuidade tendo por critério ideal a convergência das séries.

Assim como para Pêcheux (1997), que define a história ideológica do sujeito a partir das posições-sujeito a que está submetido o seu dizer, assumindo o sentido das formações discursivas a que se filia (*forma-sujeito*), para Deleuze (2009), em que a definição da instância paradoxal comporta os acontecimentos possíveis e impossíveis da história ideológica do sujeito, há um *continuum* que comporta os acontecimentos possíveis,

aqueles aos quais as singularidades de cada um são adjacentes aos outros, e os acontecimentos impossíveis, em que as relações de singularidade são diferenciais.

Simplificando, há uma relação entre a compossibilidade/impossibilidade dos acontecimentos e as formações discursivas, conforme demonstra a figura abaixo:

Figura 19 - Compossibilidade/Impossibilidade e as formações discursivas



Fonte: Autora, 2013

Voltemo-nos para o problema desta pesquisa e centremos a reflexão na formação pedagógico-acadêmica, cuja *forma-sujeito* Unisul se constitui por três posições-sujeito.

Conforme demonstra a figura 19, os acontecimentos que se atualizam nas posições sujeito 1, 2 ou 3 são todos compossíveis, visto que são atravessados pelos saberes e regularidades da FD pedagógico-acadêmica. Considerando que há compossibilidade entre os acontecimentos, podemos dizer que a singularidade que emerge das efetuações desses acontecimentos se estende por toda a vizinhança das atualizações, fazendo ressoar as séries *significante* e *significada*, num *continuum* de convergências.

Segundo Deleuze (2009, p. 115),

[...] vemos que o continuum de singularidade é completamente distinto dos indivíduos que o envolvem em graus de clareza variáveis e complementares: as singularidades são pré-individuais. Se é verdade que o mundo expresso não existe senão nos indivíduos e aí existe como predicado, ele subsiste de uma maneira completamente diferente, como acontecimento ou verbo, nas singularidades que presidem à constituição dos indivíduos [...].

No entanto, se há uma impossibilidade, configura-se uma disjunção de acontecimento, portanto, as singularidades que atualizaram esse acontecimento disjuntivo são

outras, pertencentes à nova série de significantes e significados de uma nova FD, ou melhor, de um novo mundo, para ser fiel a Deleuze (2009). Assim, conforme afirma Deleuze (2009, p. 119), “cada pessoa é único membro de sua classe e, no entanto, é uma classe constituída pelos mundos, possibilidades e indivíduos que lhe cabem”. Cabe reforçar que, para Pêcheux (1997), esses “mundos” seriam as formações discursivas pelas quais desliza o sujeito na sua história ideológica.

Ao voltarmos para outros dois questionamentos inquietantes que norteiam esta tese – Os sujeitos se constroem de maneiras diferentes no ensino de graduação a distância e DAD? Ou ainda, quais singularidades estariam presentes nessas 2 modalidades enunciativas? Veremos que o aprofundamento sobre a singularidade dá conta de responder a essas perguntas.

Parece que o sentido, na sua organização de pontos aleatórios e singulares, de problemas e de questões, de séries e de deslocamentos, é duplamente gerador: ele não engendra somente a proposição lógica com suas dimensões determinadas (designação, manifestação, significação), mas também os correlatos objetivos desta proposição que foram primeiramente eles próprios produzidos como proposições ontológicas (o designado, o manifestado, o significado). (DELEUZE, 2009, p. 125)

Há um sujeito que se constrói na formação discursiva pedagógico-acadêmica, em função das posições que ocupa nas enunciações provenientes dessa FD. Na verdade, ao sucumbir à *forma-sujeito* dessa FD, o sujeito está à mercê de um “complexo constitutivo do sentido e que funda ao mesmo tempo o conhecimento e o conhecido, a proposição e seus correlatos.” (DELEUZE, 2009, p. 125) Em razão disso, não há uma forma diferente de o sujeito se constituir na posição-sujeito 1, 2 ou 3 da *forma-sujeito* Unisul.

É a relação do problema com suas condições que define o sentido como verdade do problema enquanto tal. [...] A determinação das condições implica de um lado um espaço de distribuição nômade em que se repartem as singularidades (*topos*); de outro lado, um tempo de decomposição pelo qual este espaço se subdivide em subespaços, cada um sucessivamente definido pela adjunção de novos pontos que asseguram a determinação progressiva e completa do domínio considerado (*Aion*). (DELEUZE, 2009, p. 125)

As condições para a enunciação, seja na posição-sujeito 1, 2 ou 3, são dependentes das singularidades da *forma-sujeito* Unisul, o que significa, por decorrência, entender que as singularidades que fazem ressoar as séries significante e significada, para quaisquer dessas posições (graduação a distância, disciplinas a distância DAD ou graduação presencial, respectivamente) são as mesmas. Ou seja, a energia potencial, ao qual a dimensão significante está associada, é a mesma para a formação discursiva pedagógico-acadêmica, e a *forma-sujeito* Unisul se delinea a partir dessa dimensão.

As posições-sujeito 1, 2 e 3 apenas marcam lugares de significância cujo sentido se alonga de uma para outra posição, isto é, conforme afirma Deleuze (2009), são compossíveis em função do *continuum* de singularidades, a continuidade tendo por critério ideal a convergência das séries (significante/significada).

“Em cada mundo, as mônadas individuais exprimem todas as singularidades deste mundo – uma infinidade – como em um murmúrio ou em um desvanecimento; mas cada uma não envolve ou não exprime “claramente” senão um certo número de singularidades.” (DELEUZE, 2009, p. 115)

Em cada formação-discursiva temos um mundo de singularidades, mas esse mundo se estende pela vizinhança de posições, tantas quantas ela pode comportar, cabendo a cada uma delas (as posições) permitir a apropriação de determinadas singularidades, próprias dessa ou daquela posição.

Segundo Deleuze (2009, p. 115),

O primeiro nível de efetuação produz correlativamente mundos individuados e eu individuais que povoam cada um destes mundos. Os indivíduos se constituem na vizinhança de singularidades que eles envolvem; e exprimem mundos como círculos de convergência das séries dependendo destas singularidades.

Na verdade, o desdobramento das posições-sujeito da *forma-sujeito* Unisul ocorre em função de dispositivos distintos, que fazem diferenciar essas posições. São esses dispositivos que fazem o sujeito deslizar de posição, mesmo estando filiado a uma mesma FD.

Segundo Agamben (2009), os pontos de convergência das séries (significante/significada) são determinados por esses dispositivos, conforme já discutimos.

Para Foucault (1999, p. 244),

[...] aquilo que procuro individualizar com este nome [dispositivo] é, antes de tudo, um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, escrituras arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em resumo: tanto o dito como não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se estabelece entre estes elementos [...].

Agamben (2009, p. 29), por sua vez, resume o contexto exposto por Foucault e diz:

dispositivo é, brevemente: a) um conjunto heterogêneo, lingüístico e não lingüístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos; b) o dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve numa relação de poder; c) como tal, resultado do cruzamento de relações de poder e de relações do saber.

O sujeito que se inscreve na posição-sujeito 2 e que se desloca entre o presencial e o virtual, ou seja, ao tempo em que frequenta uma aula presencial, também integra-se ao

contexto virtual através das disciplinas a distância, constitui-se por dispositivos que também deslizam entre o presencial e o virtual. Talvez daí decorra uma fala sempre muito presente do sujeito desta formação discursiva, que diz: “mas eu me matriculei no ensino presencial, por que preciso estar no ensino virtual?”.

Essa fala transcreve bem o sujeito que, a priori, rejeita se abrir para um assujeitamento diferente daquele que já o constitui no ensino presencial. Os fundamentos da análise do discurso nos permitem perceber as marcas que estão na opacidade da linguagem e, por assim dizer, remetem-nos a compreender, segundo Agamben (2009, p, 41), que o sujeito resulta “da relação do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos”.

Esse impasse com os dispositivos virtuais que se atravessam nos dispositivos presenciais e exigem do sujeito um deslocamento de posição (da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2) constante, causa-lhe um desconforto significativo, uma vibração de significantes que se atravessam entre uma e outra posição e que se efetuam em acontecimentos possíveis.

Se buscarmos no capítulo anterior o conceito de rosticidade e a composição do rizoma, vamos perceber que os dispositivos que regem uma ou outra posição-sujeito da *forma-sujeito* Unisul são agentes significativos e partícipes ativos/vivos, para fazerem funcionar a máquina abstrata da qual resultam a desterritorialização e a reterritorialização do sujeito.

O gráfico matemático com que analogamente Deleuze (2009) busca significar a estrutura, o acontecimento e a singularidade, torna-se, também, efetivo quando refletimos que os dispositivos que geram a efetuação dos acontecimentos no ensino presencial e no ensino virtual são desencadeados por singularidades vizinhas, que se alongam de uma para outra posição.

Se a singularidade é pré-individual e representa o campo transcendente de sentido para o acontecimento, ramificando-se e reorganizando-se (rizomaticamente, também), o simples fato de acesso²⁶ ao contexto virtual e ao presencial já desencadeia uma reflexão sobre os desdobramentos singulares de cada lugar, que ao mesmo tempo em que se constituem, constituem por igual o próprio sujeito na enunciação.

Os dispositivos do ensino a distância, a priori, podem ser compreendidos pela própria metodologia dessa modalidade. A cena enunciativa se dá por características que

²⁶ Acesso aqui no sentido literal, de entrar num lugar: seja uma sala de aula, seja um espaço virtual de aprendizagem.

fundamentam um ensino a distância, conforme já comentamos, e que difere do ensino presencial. Por isso, não há como imaginar que as singularidades significantes, que fazem preencher a “falta” da significação, serão comuns às posições-sujeito da *forma-sujeito* Unisul, muito embora estejam na mesma dimensão, enquanto formação discursiva.

Na verdade, a vizinhança em que se efetua o acontecimento, apesar de regida pelos mesmos saberes, difere na energia potencial de significantes, ora da modalidade a distância, ora da modalidade presencial. Portanto, o que ocorre com o sujeito que desliza da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2 é uma dificuldade natural em se inscrever em acontecimentos que estão sujeitos a potências significantes que se alternam entre uma e outra modalidade.

A presença e a ausência são marcadas de maneiras diferentes no ensino a distância e no ensino presencial, assim como a face e o rosto e também as desterritorializações e reterritorializações, necessárias para a constituição da máquina abstrata que faz dinamizar a subjetividade do indivíduo. A singularidade, portanto, age (produz) na subjetividade, pois segundo Agamben (2009, p. 41),

[...] ao ilimitado crescimento dos dispositivos no nosso tempo corresponde uma igualmente disseminada proliferação de processos de subjetivação. Isso pode produzir a impressão de que a categoria da subjetividade no nosso tempo vacila e perde consistência; mas se trata, para ser preciso, não de um cancelamento ou de uma superação, mas de uma disseminação que leva ao extremo o aspecto de mascaramento que sempre acompanhou toda identidade pessoal.

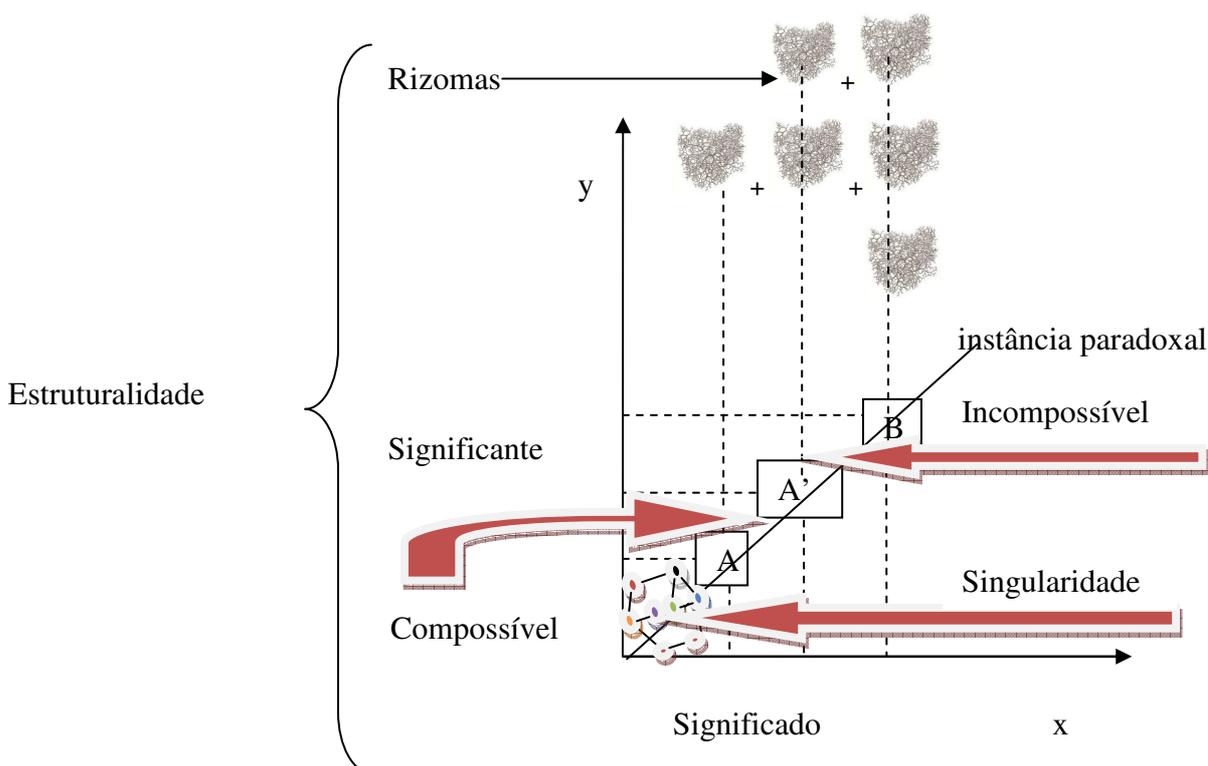
Seja na posição-sujeito 1, 2 ou 3, é fato que existem dispositivos que determinam estratégias de relações de força e que condicionam certos tipos de efetuações, condizentes com as posições-sujeito e que, justamente, são condicionados por eles (os dispositivos). Nesse contexto, é pertinente “atualizar” o gráfico que se desenha nesta tese, na perspectiva de que os conceitos já discutidos no capítulo anterior podem se unir aos que apresentamos até aqui e, juntos, podem caracterizar com maior evidência a estrutura, o acontecimento e as singularidades que emergem na atualização dos acontecimentos, por efetuações nas posições-sujeito 1, 2 e 3, da *forma-sujeito* Unisul.

Portanto, uma nova informação a se acrescentar: a instância paradoxal do sujeito é rizomaticamente configurada, ou seja, é produto da desterritorialização e da reterritorialização, numa dinâmica que permite o movimento do sujeito entre os acontecimentos, determinando-os e evoluindo com traços vivos (rizomáticos) e tornando possível crescer – evoluir intelectualmente, evadindo-se da face e constituindo sua rosticidade.

Com a figura 20 buscamos demonstrar, de forma gráfica, a evolução rizomática através das enunciações. Em cada interseção determinada pelos pontos A, A' e B, o rizoma se expande em função dos acontecimentos que movem o sujeito.

Há uma estruturalidade que impulsiona o jogo entre significante e significado; há um sujeito que se constrói em cada acontecimento (compossível ou incompossível); há processos singulares que se instauram e constituem-se nos acontecimentos; há um rizoma que se cria e se recria em si mesmo, numa crescente contínua, que não se permite voltar atrás ou desfazer-se. “É porque o rosto é uma organização forte. Pode-se dizer que o rosto assume em seu retângulo ou em seu círculo todo um conjunto de traços, traços de rusticidade, que ele irá subsumir e colocar a serviço da significância e da subjetivação.” (DELEUZE, 1995, p. 58).

Figura 20 - As singularidades nos processos de reterritorialização/desterritorialização



Fonte: Autora, 2013

Assim, fazemos uma leitura da figura 20: para que o acontecimento A (numa dada enunciação) fosse instaurado, foi necessário que o sujeito buscasse na totalidade (significante), isto é, no interdiscurso, uma significação para a atualização (intradiscurso).

Nessa totalidade significativa temos a dimensão da singularidade, ou seja, uma superfície de sentido, um campo transcendente de energia (potência) para a efetuação do acontecimento.

No entanto, o gráfico também demonstra que, entre os acontecimentos A e A' existiu um efeito de compossibilidade, ou seja, indicando que o sujeito ocupou posições numa mesma formação discursiva, inscrito numa *forma-sujeito* definida pela própria FD. O mesmo não ocorreu entre os acontecimentos A' e B, ou seja, tivemos um efeito inverso de impossibilidade, indicando que o acontecimento B se atualizou em função de outras singularidades, uma nova superfície de sentido que se efetuou no acontecimento B.

Para esse jogo de estruturas funcionar, coexistir, segundo Derrida (1995), foi necessária uma estruturalidade anterior (arquiestruturalidade), que por sua vez, constitui-se em virtualidades que absorvem do centro da estrutura o seu próprio centro. Essa virtualidade é também potência – dispositivo para desencadear a estrutura atual (jogo – significante/significado), que provoca a desterritorialização/reterritorialização do sujeito.

Observamos que é na arquiestrutura que está a potência para a roscidade, para a desterritorialização/reterritorialização que vai constituir o cerne do rizoma, na medida em que as enunciações emergem e se instauram, produzindo acontecimentos. O sujeito se move na instância paradoxal por uma ação da arquiestrutura, que permite ao sujeito se inscrever nos acontecimentos atualizados em diferentes formações discursivas, quantos forem os deslizamentos dele próprio (do sujeito) diante das contraposições com os saberes reguladores das FDs em que se instauram as cenas enunciativas.

Segundo Deleuze (2009, 125),

Há sempre um espaço que condensa e precipita as singularidades, como um tempo que completa progressivamente o acontecimento por fragmentos de acontecimentos futuros e passados. Há pois uma autodeterminação espaço-temporal do problema, no curso da qual o problema avança preenchendo a falta e prevenindo o excesso de suas próprias condições. É aí que o verdadeiro se torna sentido e produtividade. As soluções são precisamente engendradas ao mesmo tempo em que o problema se determina.[...] É por um processo próprio que o problema se determina ao mesmo tempo no espaço em o tempo e, determinando-se, determina as soluções nas quais persiste. É a síntese do problema com suas condições que engendra as proposições, suas dimensões e seus correlatos.

Esse espaço que precipita as singularidades é o momento da efetuação do acontecimento, que se dá segundo a posição-sujeito ocupada numa determinada formação discursiva. Mas a efetuação se dá continuamente e ao mesmo tempo, em formações discursivas dinâmicas e porosas, que se relacionam entre si, preenchendo vazios e reordenando-se em função das contradições diante dos saberes que são questionáveis, a todo instante.

O instante é sempre um presente que passa, um passado e um futuro que se efetuou ou se efetuará, respectivamente. É por isso que o tempo não pode ser um contínuo constante, ou seja, ele não tem um início nem tampouco um fim, porque não é único, mas muitos, ao mesmo tempo, conforme veremos no capítulo seguinte.

5 O TEMPO

Para Agamben (2009, p. 9), “uma autêntica revolução não visa apenas a mudar o mundo, mas, antes, a mudar a experiência do tempo”, que por sua vez, está implícita na concepção de história. As imagens espaciais são necessárias para que a mente humana possa conceber o tempo através destas representações, dado que ele (o tempo), por si só, não é representável.

Segundo Bergson (2006, p. 51)),

[...] o tempo se confunde com a continuidade de nossa vida interior. O que é essa continuidade? A de um escoamento e de uma passagem que se bastam a si mesmos, uma vez que o escoamento não implica uma coisa que se escoar e a passagem não pressupõe estados pelos quais se passa: a coisa e o estado não são mais que instantâneos da transição artificialmente captados; e essa transição, a única que é naturalmente experimentada, é a própria duração.

Ao nos depararmos com o mundo material, temos a impressão de que o externo está em nós e fora de nós ao mesmo tempo, dando a ideia de simultaneidade entre a vida interior e a vida que se passa no mundo, como se houvesse uma película de consciência entre aquilo que está fora e aquilo que pertence à mente em construção.

De acordo com Bergson (2006, p. 52), seria desse modo que nasce a ideia de uma “duração do universo, isto é, de uma consciência impessoal que seria o traço-de-união entre todas as consciências individuais, assim como entre essas consciências e o resto da natureza”. Mas essa duração não pode estar dissociada de uma memória interior, visto que é essa memória que permitirá a ligação entre os instantes, do “que não é mais no que é” (BERGSON, 2006, p. 57). Essa duração seria, portanto, consciente.

Segundo Deleuze (2009), as leituras do tempo se opõem entre *Cronos* e *Aion* e, de acordo com o primeiro, a duração seria o próprio presente que, por sua vastidão, inclui o passado e o futuro, ou seja, somente o presente existe no tempo. O autor ainda segue na perspectiva de *Cronos*, quando afirma que o presente “é de alguma maneira corporal. O presente é o tempo das misturas ou das incorporações, é o processo da própria incorporação”. (DELEUZE, 2009, p.167) Mas por outro lado, quando Deleuze (2009, p. 169) se refere ao *Aion*, tem-se uma mudança no que tange ao entendimento de passado e futuro. “Segundo *Aion*, somente o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo”.

Em essência, os acontecimentos não têm tempo presente, não têm existência pura, senão nas próprias efetuações que lhes resguardam o sentido singular. Entretanto, na antiguidade greco-romana, a representação do tempo se dava num *continuum* pontual e

homogêneo, concepção da qual Aristóteles compartilhava. Se assim o fosse, teríamos a concepção de um tempo que não tem início, um centro, ou tampouco, um fim, ou seja, propriamente um *continuum* circular, que nesse movimento sem direção, torna impossível dizer o que é anterior ou posterior a algum acontecimento.

Segundo Agamben (2005, p. 113),

O tempo é assim definido por Aristóteles como <<número do movimento conforme o antes e o depois>>, e a sua continuidade é garantida pela sua divisão em instantes (to nyn, o agora) inextensos, análogos ao ponto geométrico (stigmé). O instante, em si, nada mais é que a continuidade do tempo (synécheia chrónou), um puro limite que conjunge e, simultaneamente, divide passado e futuro. Como tal, ele é algo que não pode ser aferrado, cujo paradoxal caráter nulificado é expresso por Aristóteles na afirmação de que o instante é sempre <<outro>> na medida em que divide o tempo ao infinito, e, contudo, sempre o mesmo, na medida em que une o porvir e o passado garantindo a sua continuidade.

Por outro lado, para o conceito cristão, o tempo, em vez de se configurar num círculo contínuo (representação clássica), representa-se numa linha reta, em que os acontecimentos se sucedem sem se repetir: o universo iniciou e também acabará no tempo, ou seja, possui direção definida e finita. Agamben (2005) remete a Santo Agostinho a concepção de que o tempo está no instante presente, e por isso, neste presente, ele é mensurável, sendo o passado e o futuro incomensuráveis.

Quer seja pensado como um círculo, quer como linha, o caráter que domina toda concepção ocidental do tempo é a pontualidade. Representa-se o tempo vivido mediante um conceito metafísico-geométrico (o ponto-instante inextenso) e então se procede como se este próprio conceito fosse o tempo real da experiência (AGAMBEN, 2005, p. 122).

O tempo presente dá a sensação de desaparecer no passado, como se fosse uma tira de filme, que se movimenta em direção ao passado, e não se pode parar.

Justamente em Deleuze (2007), há um entrelaçamento do tempo com o movimento da imagem, tal qual no cinema, em que a imagem é desenrolada no meio histórico e geográfico (espaço) em que acontece e, ainda, esse tempo é descontínuo. Assim, diverge da concepção greco-romana, cujo tempo é um continuum sem início e sem fim.

Entretanto, essa descontinuidade referida por Deleuze (2007) não representa uma quebra ou um corte, mas sim, um todo que é simultâneo em diversos acontecimentos.

Segundo Deleuze (2007, p. 103)

A única subjetividade é o tempo, o tempo não-cronológico apreendido em sua fundação, e somos nós que somos interiores ao tempo, não o inverso. Que estejamos no tempo parece um lugar-comum, no entanto é o maior paradoxo. O tempo não é o interior em nós, é justamente o contrário, a interioridade na qual estamos, nos movemos, vivemos e mudamos. Bergson está bem mais perto de Kant do que pensa: Kant definia o tempo como forma de interioridade, no sentido em que somos interiores ao tempo (só que Bergson concebe essa forma bem diferente de Kant).

A todo instante, há um todo que atualiza um presente, que busca na virtualidade a atualização para um efeito de real. O real se estabelece num determinado tempo (passado, presente ou futuro), mas ele é descontínuo no sentido de que, se é presente para um, pode ser passado para outro e, assim, sucessivamente.

Assim, “o que é atual é sempre um presente” (DELEUZE 2007, p. 99). Mas, justamente, o presente muda ou passa. Pode-se sempre dizer que ele se torna passado quando já não é, quando um novo presente o substitui.

Para Deleuze (2007, p. 99),

[...] o passado não sucede ao presente que ele não é mais, ele coexiste com o presente que foi. O presente é a imagem atual, e *seu* passado contemporâneo é a imagem virtual, a imagem especular. [...] Nossa existência atual, na medida em que se desenrola no tempo, se duplica assim de uma existência virtual, de uma imagem especular. Logo, cada momento de nossa vida oferece estes dois aspectos: ele é atual e virtual, por um lado percepção e por outra lembrança. [...] Aquele que tomar consciência do contínuo desdobramento de seu presente em percepção e em lembrança [...] será comparável ao ator que desempenha automaticamente seu papel, se escutando e olhando encenar.

Segundo Bergson (2006), a imagem virtual é uma lembrança-pura, justamente para diferenciá-la das imagens mentais, aquelas que são subjetivas e que se confundem com a virtualidade-potência para atualização. Essa imagem virtual é discutida em Deleuze (2007, p. 100), justamente no intuito de compreendê-la como pura virtualidade,

[...] não é um estado psicológico ou uma consciência: ela existe fora da consciência, no tempo, e não deveríamos ter mais dificuldade de admitir a insistência virtual de lembranças puras no tempo do que a existência atual de objetos não-percebidos no espaço.

Assim, o tempo é o tempo da atualização, ou seja, é a efetuação do presente-instante (imagem-cristal) nas necessidades momentâneas da consciência subjetiva.

Mas se perguntarmos *onde* a consciência vai procurar tais imagens-lembrança, imagens-sonho ou devaneio que ela evoca segundo seus estados, seremos levados às puras imagens virtuais, das quais estas são apenas modos ou graus de atualização. (DELEUZE, 2007, p. 101)

Por isso, para Deleuze (2007), o tempo é uma multiplicidade. Esse conceito de multiplicidade se deve ao fato de que um acontecimento pode estar em atualizações diferentes, de forma que o tempo e o real são, por assim dizer, dependentes das atualizações plurais, que não cessam de acontecer (o tempo não para), e não para de produzir efeitos de realidades outras.

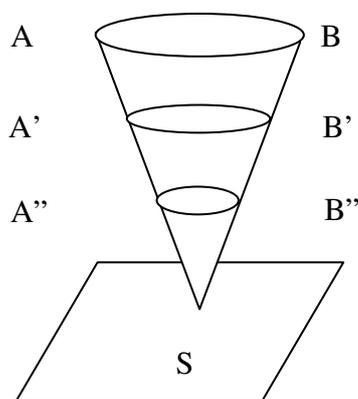
A imagem atual e sua imagem virtual constituem, portanto, o menor circuito interior, em última análise, uma ponta ou um ponto, mas um ponto físico que não deixa de ter elementos distintos (um pouco como o átomo epicuriano). Distintos, mas indiscerníveis, assim são o atual e o virtual, que não param de se tocar. Quando a

imagem virtual se torna atual, então é visível e límpida, como num espelho ou na solidez do cristal terminado (DELEUZE, 2007, p. 90).

A questão do tempo (presente, passado, futuro), para Bergson (*apud* DELEUZE, 2007, p. 101) fica mais evidente na concepção de um cone, que denominou cone de MM.

É no passado tal como ele é em si, tal como se conserva em si, que iremos procurar nossos sonhos ou nossas lembranças, e não o inverso. É somente sob esta condição que a imagem-lembrança portará o sinal do passado que a distingue de outra imagem, ou da imagem-sonho, o sinal distintivo de uma perspectiva temporal: sinal que retiram de uma “virtualidade original”. Por isto, anteriormente, podíamos assimilar as imagens virtuais a imagens mentais, imagens-lembranças, sonho ou devaneio: eram todas soluções insuficientes, mas a caminho da boa solução. (grifo do autor)

Figura 21 - Concepção do cone MM



Fonte: Bergson *apud* (DELEUZE 2007, p. 101).

O ponto S, descrito na figura 21 é justamente a atualização de um dado acontecimento. Figurativamente, ele representa um ponto, mas na realidade, ele é somente um presente que já foi (passado depois de atualizado), uma imagem atual do que fora uma imagem virtual. “Os pontos determinados por A, B, A', B', A'' e B'' são respectivamente o que Bergson denomina “lembrança pura”, ou seja, circuitos virtuais, que são potência para o jogo da estrutura que remete à Derrida (1995).

Essas lembranças puras, cada uma delas, atualizam-se em função de jogo entre significante e significado, e determinam um presente numa enunciação.

A imagem virtual (lembrança pura) não é um estado psicológico ou uma consciência: ela existe fora da consciência, no tempo, e não deveríamos ter mais dificuldades para admitir a insistência virtual de lembranças puras no tempo do que a existência atual de objetos não-percebidos no espaço. O que nos engana é que as imagens-lembrança, e mesmo as imagens-sonho ou devaneio, freqüentam uma consciência que necessariamente lhes dá um aspecto caprichoso ou intermitente, já que se atualizam segundo as necessidades momentâneas da consciência. Mas, se

perguntarmos onde a consciência vai procurar tais imagens-lembrança, imagens-sonho ou devaneio que ela evoca segundo seus estados, seremos levados às puras imagens virtuais, das quais estas são apenas modos ou graus de atualização. (DELEUZE, 2007, p. 100)

Assim, ao observarmos o cone e identificarmos nele uma atualização de um presente “S” que agora é passado, veremos que esse próprio passado se certifica num instante em que passamos de S para S’, ou seja, para uma nova atualização presente (S’) temos o passado “S”. O fato é que as lembranças-puras estão sempre lá (na transcendência), ou seja, elas sempre estão na virtualidade (como potência) que não é nem passado nem presente, ou ainda, o é na mesma proporção.

Conforme Deleuze (2007, p.44),

Eis agora nosso problema: como vai a lembrança pura adquirir uma existência psicológica? – como vai esse puro virtual atualizar-se? Impõe-se a pergunta, pois um apelo parte do presente. Damos o ‘salto’: instalamo-nos não só no elemento do passado em geral, mas em tal ou qual região, isto é, em tal ou qual nível, que, em uma espécie de Reminiscência, supomos corresponder às nossas necessidades atuais.

Observemos um exemplo prático desse contexto, a partir de um fórum proposto na disciplina DAD de Leitura e Produção Textual (2012-1), cujo tema de proposição era:

- Avaliação a distância 2: “Walcyr Carrasco em seu texto “O dente e a criatura” apresenta um diálogo entre a “criatura” e um outro personagem. http://revistaepoca.globo.com/vida/walcyr-carrasco/noticia/2012/04/o-dente-e-criatura.html#header_comentarios. Nesse diálogo, podemos comprovar, a partir da expressão – O que vale é o seu espírito - que a “criatura” demonstra ter valores que extrapolam as aparências externas e que não há abismo entre as gerações. Entretanto, o texto foi finalizado com as seguintes afirmações: “Se conto a minha saga é porque ela é universal”; “Na batalha entre o corpo e o espírito, algumas vezes o espírito pode vencer. Mas só algumas vezes”; A partir do exposto, comente o porquê de tais conclusões.

A partir do tema, os alunos foram convocados a discorrer sobre suas respostas, das quais trazemos abaixo um fragmento para análise:

- S22 - A beleza é fundamental? - 06/06/2012 (23:36)

Nº de Visualizações: 3

“Com o texto pode-se perceber que em um primeiro momento a garota não se importa com a fisionomia do autor e fala a seguinte frase: “O que vale é o seu espírito!”, porém após ver e constatar realmente como ele era e juntamente com a queda de seu dente , foi totalmente contraditória. Sendo assim , pode-se afirmar que atualmente para a sociedade não adianta ser inteligente , ter caráter e ser uma boa pessoa , a beleza exterior e os bens materiais são as principais maneiras de se conquistar , deixando de lado a busca pelo amor verdadeiro. Portanto sim, a beleza infelizmente é fundamental.”

- S23 - Amor versus aparência - 06/06/2012 (23:36)

Nº de Visualizações: 2

“Nos dias de hoje é difícil as pessoas não pararem para prestar atenção na aparência do outro. É triste infelizmente esta conclusão, mais não temos como negar a dura realidade. Cada dia que passa mais pessoas frequentam academias, ortomoleculares, nutricionistas entre tantos outros métodos para deixar o corpo em forma para agradar as outras pessoas, mas felizes são estas que procuram ajuda de profissionais qualificados para tal evitando assim mais problemas que soluções. Triste é saber que muitos assim como a menina do texto deixam de ter um bom relacionamento com pessoas com um intelecto maravilhoso e apaixonante por causa da aparência, que muitas vezes sabemos que apenas nós iremos reparar nesse pequeno detalhe, ou melhor, deslize.”

- S24 - Eterno conflito - 06/06/2012 (23:06)

Nº de Visualizações: 7

“Ler o texto de Walcyrr Carrasco e sentir-se espantado pela situação ali apresentada seria de uma certa hipocrisia, visto que o mundo de uma forma mais generalizada, descartando as exceções como toda regra, é guiado sobretudo por valores estéticos, menosprezando assim a personalidade de outrem, que sem dúvida vai muito além de sua fisionomia. Ao dizer que sua saga é universal, o autor sugere explicitamente a posição da sociedade, de uma forma geral. Uma sociedade que vive as margens de um conflito direto entre valores estéticos e valores morais, predominando a supervalorização da beleza. Em continuidade o autor prossegue seu discurso sobre este conflito permanente entre corpo (beleza) e espírito (valores morais, íntimos) e se posiciona de tal forma que nem sempre o "fator determinante" é a beleza, em alguns casos, a personalidade sai triunfante da batalha, evidenciando que o homem não é sempre suscetível a falsa impressão causada pelo corpo e que o que realmente importa é o

espírito. E com a sua licença, permita-me um comentário para reflexão; já dizia o velho ditado popular, beleza não põe mesa. Fica a proposta para avaliar sua posição sobre o assunto.”

- S25 - Sociedade - 06/06/2012 (22:56)

Nº de Visualizações: 8

“Nossa sociedade julga as pessoas pela sua aparência e não pelo seu caráter, esquecendo sua verdadeira essência. O que nos impulsiona são os padrões de beleza, o que levou as pessoas a humilharem umas as outras. Mais o que nos decepciona é que em quase sempre a aparência vence e o caráter é deixado para trás, como se isso fosse o mais importante, com isso acabamos perdendo pessoas importantes das nossas vidas, deixando muitas vezes de aproveitar coisas maravilhosas da vida.”

- S24 - Comentário: Redescobrimo valores - 06/06/2012 (23:17)

Nº de Visualizações: 4

“De fato, o mundo consolidado nos padrões atuais tem predominado a aparência como principal ferramenta de avaliação do indivíduo, menosprezando suas características mais íntimas. Com esse padrão de visualização do homem surgem, sem dúvida, as decepções, em virtude de um julgar precipitado, que só enxergou a extravagante beleza e não observou os defeitos mais íntimos que são impossíveis de serem distinguidos pelos mais perspicazes olhos, o que nos sugere que aprendamos errando e que dessa forma possamos definir o que de fato nos importa, para convivermos da melhor forma com o outro, valorizando aspectos que vão além da fisionomia.”

- S26 - A importância das diferenças - 06/06/2012 (22:11)

Nº de Visualizações: 5

“O autor quer dizer com as seguintes frases "se conto a minha saga é porque ela é universal." e "Na batalha entre o corpo e o espírito, algumas vezes o espírito pode vencer. Mas só algumas vezes.", é que realmente ocorre o envolvimento de pessoas mais velhas com pessoas mais novas, ou seja, esse não é um caso isolado. Porém, nem sempre esses casos dão certo, devido às diferenças de idade, à aparência física, certas atitudes, enfim, diferenças as quais geralmente as pessoas tentam fingir não se importar citando frases bonitas, como a própria "criatura" mencionou -"o que importa é o espírito!", e acabam esquecendo que as mínimas diferenças, em certos momentos, podem se tornar gigantes, a ponto de impedir um relacionamento futuro.”

- S27 - Um sorriso representa tudo? - 06/06/2012 (21:22)

Nº de Visualizações: 6

‘Todos sabemos que vivemos em um mundo onde a beleza, a riqueza são mais importantes que qualquer outro fator que represente nossa vida social. Um mundo onde o feio se torna belo apenas por possuir mais, um mundo onde o preconceito, infelizmente, ainda invade todas as sociedades. Walcyr Carrasco, em seu texto "O dente e a criatura", expõem a situação que descrevi acima, afirmando ainda que isso é um caso universal ("Se conto a minha saga é porque ela é universal). Walcyr ainda destaca que existe uma batalha entre o corpo e o espírito, evidenciado quando somos surpreendidos pela extrema ganancia e preconceito que existe. E assim como o autor destaca "Na batalha entre o corpo e o espírito, algumas vezes o espírito pode vencer, mas só algumas" sabemos que é isso o que ocorre.’

- S26 - A beleza e a ganancia - 06/06/2012 (22:46)

Nº de Visualizações: 4

“Concordo com os fatos mencionados. Hoje em dia não são mais os valores e o caráter que são levados em conta, e sim a beleza e a conta bancária. Tornando assim uma sociedade preconceituosa e egoísta, onde o feio não anda com bonito e o mais rico não ajuda o mais pobre. Porém as pessoas deveriam ter consciência de que os dentes e toda a aparência física não são tudo em uma pessoa, e o dinheiro não compra felicidade e momentos inesquecíveis, ele compra apenas a comodidade. “

Os alunos S22, S23, S24, S25, S26 e S27 postaram seus comentários na ferramenta fórum da sala virtual no intuito de refletir sobre a proposição da temática. Cabe-nos, entretanto, perceber que para cada enunciado, temos uma atualização efetuada em um acontecimento e, ainda, o aluno, ao escrever se inscreve no acontecimento.

O comentário de cada um dos alunos é a efetuação do discurso, a atualização do acontecimento que advém de uma virtualidade de “lembranças-puras”, conforme diria Bergson (2006). Essas lembranças-puras se efetuem em imagens-cristais, conforme preconiza Deleuze (2007), e dá origem ao discurso do enunciador, ora compreendido nos comentários de cada um dos alunos na sala virtual. Em outras palavras, é a virtualidade significante que é potência para atualizações significadas e, ainda, efetuada segundo um campo transcendente singular, que dá sentido ao discurso materializado nos comentários descritos.

Se formos observar os horários em que os comentários foram publicados no Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem, conforme registros identificados, veremos inclusive que os alunos S22 e S23 apresentam a mesma hora de registro de postagem, o que significaria dizer que, cronologicamente, o tempo foi o mesmo para os dois sujeitos. Contudo, não é desse tempo cronológico que estamos tratando, até porque, esse permite efetuações múltiplas em diversos sentidos, todos quantos são comportados pelo instante da simultaneidade no mundo. Estamos tratando do tempo que é atualizado em acontecimentos, de tal forma que podemos desconsiderar o horário, e focar tão somente nas efetuações em si, no discurso materializado, que dá origem à atualização das virtualidades-potência e que faz ressoar as séries significante e significada.

Assim, reportamo-nos ao que Bergson apud (DELEUZE, 2007, p. 101) identifica como o cone de MM, em que

[...] os circuitos mais ou menos amplos e sempre relativos, entre o presente e o passado, remetem, por um lado, a um pequeno circuito interior entre um presente e seu próprio passado, entre uma imagem atual e sua imagem-virtual; e por outro, a circuitos virtuais mais e mais profundos, que a cada vez mobilizam todo o passado mas nos quais os circuitos relativos banham ou mergulham para se desenhar atualmente e trazer sua colheita provisória.

Para isso, observemos especialmente que temos dois alunos que fazem duas postagens de comentários na ferramenta fórum: o aluno S24, cujos comentários são publicados, no que tange ao tempo cronológico, no dia 06/06/2012, às 23:06h e 23:17h. E o aluno S26, cujos comentários são publicados também no dia 06/06/2012, porém, às 22:11h e 22:46h, conforme registros do Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem.

Mas, novamente, esqueçamos o tempo cronológico e foquemos somente nos enunciados materializados, atualizados em “tempos” diferentes. Veremos que, para S24 ou S26, houve uma atualização que registrou o discurso materializado em enunciado e, de forma possível, conforme diria Deleuze (2009), o primeiro se configurou passado do novo acontecimento que, por sua vez, atualizou-se em outra efetuação e produziu um outro enunciado, no caso de ambos os alunos.

Há, portanto, um presente que é passado de outras e sucessivas efetuações, atualizadas nos acontecimentos inúmeros que compreendem a instância paradoxal do sujeito que enuncia. A propósito, Lévy (1996, p. 22) diz que “assim que a subjetividade, a significação e a pertinência entram em jogo, não se pode mais considerar uma única extensão ou uma cronologia uniforme, mas em quantidade de tipos de espacialidade e de duração”. Os

sujeitos se constituem no seu tempo, num tempo que ao ser atualizado e efetuado nos acontecimentos, lhe é subjetivo e único.

5.1 O VIRTUAL, O ATUAL E O REAL

A agitação do mundo contemporâneo, a competitividade acirrada pelo saber, é capaz de desencadear processos múltiplos e infinitos de atualizações no mesmo tempo, com uma aceleração tal que nos faz ter a ilusão de que o calendário “corre” mais do que assegura o tempo cronológico. Não é o tempo que passa mais rápido, mas são atualizações que se efetuam ao nosso redor a todo instante, numa doce ilusão de que o tempo é mais rápido do que antigamente.

Nesse contexto, pergunta-se: seria a virtualização um fenômeno da sociedade contemporânea? Não fosse considerar que o virtual já existia muito antes dos aparatos tecnológicos, certamente a resposta a essa pergunta seria afirmativa. Mas cabe aqui uma reflexão acerca do virtual. Alliez (1996, p. 20), numa obra em que tenta discutir e compreender algumas das tantas teorias inspiradas por Gilles Deleuze, afirma que

[...] a igualdade entre o ser e a diferença só será exata se a diferença for diferenciação, isto é, processo e criação, individuação como processo (élan vital); e se, a partir de um virtual que, sem ser atual, possui enquanto tal uma realidade intensiva (quantidade intensiva abstrata) dotada de uma potência de singularização por pontos relevantes, atingir-se a essência pura de um Tempo não cronológico. (“É o presente que passa, que define o atual”, implica indivíduos já constituídos; mas “é no virtual que o passado se conserva”.) Tempo-potência contra Estado-dos-lugares, a distinção entre o virtual e o atual corresponde à cisão mais fundamental do Tempo. Estabelecendo uma relação de imanência do virtual com sua atualização, isto é, uma maneira de cristalização entre o virtual e o atual quando não há mais limite identificável entre os dois, surge a imagem cristal, o cristal de tempo descoberto por Deleuze no cerne da criação cinematográfica, na imagem da Dama de Xangai...

O virtual sempre coexistiu na natureza humana (concomitante ao real), ou seja, corrobora o atual. A própria linguagem pode ser um exemplo de virtualização, dado que foi concebida como forma de significar, tornar possível a atualização das representações e, por conseguinte, dar sentido ao real. Assim, a linguagem passa a ser real no momento em que produz efeitos, sem ser “efeito”.

E, ainda, para certificar o que havíamos comentado no final do capítulo anterior, tomemos um fragmento da citação de Alliez (1996, p. 20) que diz: “e se, a partir de um virtual que, sem ser atual, possui enquanto tal uma realidade intensiva (quantidade intensiva abstrata) dotada de uma potência de singularização por pontos relevantes”, perceberemos que a

estruturalidade, definida por Derrida (1995) e denominada nesta tese “arquiestrutura”, encontra aqui um reforço para sua existência, qual seja “quantidade intensiva abstrata”, reforçada pelo fato de que essa arquiestrutura é anterior ao jogo da estrutura. Ou seja, “dotada de uma potência de singularização por pontos relevantes”, isto é, significante/significado. Nesse contexto, há que se considerar que a singularidade emerge na enunciação, no movimento do jogo das estruturas (significante/significado), para atravessar uma atualização.

Se voltarmos à figura 20 desta tese, veremos que o acontecimento A é marcado/atravessado por uma série de singularidades que se desdobram. Essas singularidades são descritas em função da convergência das séries significantes e significadas referenciadas por Deleuze (2009).

Podemos inferir que o significante indicado por Deleuze se identifica com as virtualidades que podem se atualizar (significar), a cada acontecimento. Esse processo de atualização se configura num acontecimento. É esse acontecimento que faz com que o real se instaure. Por outro lado, a dualidade entre virtual-atual remete a uma outra, designada pelo possível – real. O possível remete a um real, mas em essência, ele não tem força para mudar o real, por exemplo: nevar é possível, e deixa de ser quando já é (neve). O possível não consegue mudar o real, ele simplesmente se concretiza nele (no real).

Entretanto, Deleuze (1993, p. 338) encontra uma diferenciação entre o possível e o virtual, quando diz:

O possível e o virtual se diferenciam, incluso, porque o primeiro remete à forma da identidade no conceito (o real e o possível possuem o mesmo conceito), enquanto o segundo designa uma multiplicidade pura na Idéia, que exclui radicalmente o idêntico como condição prévia.

Ou seja, o virtual vai além de um puro concretizar-se (diferente do possível), ele extrapola a concretude possível e invade um outro campo, designado pela atualização que, previamente, não está contida em um enunciado – não é automaticamente possível como a neve. Alliez (1996) complementa esse conceito, de forma a ficar mais explícita uma característica da singularidade que se institui a partir do processo entre o virtual (as multiplicidades que se dinamizam) e o atual. Diz ele,

[...] este complexo que será designado pelo nome de diferenciação impõe a virtualidade como objeto mesmo da teoria onde a práxis se deve instalar para promover um sujeito sempre nômade, “feito de individuações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais” (ALLIEZ 1996, p.22).

A singularidade aparece muito próxima do virtual, e segundo Deleuze (2009), as multiplicidades virtuais, ao serem invocadas pelo processo de atualização, tornam-se “práxis” ao tempo em que se instauram de maneira singular, impessoal. Assim, o virtual não é decorrente das novas tecnologias de informação (comunicação) e, deixando de lado a abrangência que o conceito possui nos dias atuais, compreenderemos que ele atravessa as enunciações que tornam possíveis as atualizações em descobertas e invocações.

Todo atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades, cada um deles emitindo um outro, e todos rodeando e reagindo sobre o atual. Em virtude da identidade dramática dos dinamismos, uma percepção é como uma partícula: uma percepção atual rodeia-se de uma nebulosidade de imagens virtuais que se distribuem sobre circuitos moventes cada vez mais distantes, cada vez mais amplos, que se fazem e se desfazem. São lembranças de ordens diferentes: diz-se serem imagens virtuais à medida que sua velocidade ou sua brevidade as mantém aqui sob um princípio de inconsciência (ALLIEZ, 1996, p.50).

O virtual é, portanto, potência. O conceito se origina justamente do latim *virtus*, que significa força, potência, e que dá origem à palavra virtual, *virtualis*, aquilo que existe em potência e não em ato, mas paradoxalmente, vincula a potência (*dynamis*) ao ato (*energeia*). Nesse entendimento, o virtual é aquilo que ainda não foi atualizado ou, ainda, aquilo que é na transcendência (enquanto potência) e muda sua natureza ao se atualizar, torna-se outra coisa, isto é, passa a ser o núcleo de toda atualização. Por ironia, o virtual tende a desaparecer naquilo que ele promove – a atualização.

Nesse sentido, Pierre Lévy (1996, p. 12) compartilha desses conceitos e ainda propõe,

[...] defender uma hipótese diferente, não catastrófica: entre as evoluções culturais em andamento nesta virada do terceiro milênio [...] exprime-se a uma busca de hominização. [...] Ora, a virtualização constitui justamente a essência, o ponto final, da mutação em curso. Enquanto tal, a virtualização não é nem boa nem má, nem neutra. Ela se apresenta como o movimento do “devenir outro” – ou heterogênese – do humano.

O virtual é um “vir a ser”, ou como se refere Alliez (1996, p. 50), “lembrança de ordem diferente”, uma força-potência com tendências dinâmicas que buscam uma cristalização, sendo esta, a própria atualização. Portanto, o virtual e o atual se atravessam numa força contínua: um virtual está no atual, assim como o atual remete a virtuais atualizados. Tem-se a impressão de que o virtual clama por uma completude, que é a própria atualização. É justamente nesse ponto que respondemos a uma outra indagação desta tese: qual relação se pode estabelecer entre o virtual, o atual e o real na efetuação dos acontecimentos?

Voltemos para o exemplo do fórum da disciplina de Leitura e Produção Textual (2012-1), em que extraímos alguns comentários de alunos. Veremos que, para a efetuação de cada um dos discursos materializados na ferramenta fórum, houve uma atualização de virtualidades que lhe foram anteriores. Para a materialização de cada um dos discursos (S22, S23, S24, S25, S26 ou S27), os sujeitos buscaram na transcendência de virtualidades, potências para fazer ressoar as séries que convergiram em acontecimentos.

O espaço virtual de aprendizagem constituiu-se no lugar da enunciação, no espaço enunciativo para a atualização dos discursos, advindos da posição-sujeito 2. Desta forma, o movimento entre virtual e o atual é contínuo, e produz acontecimentos estruturados nessa dinâmica de multiplicidades.

Pensar o virtual como produto das novas tecnologias da informação (comunicação) seria reduzi-lo a somente um acontecimento, que se atualiza em função das singularidades pré-instauradas (pré-individuais).

O atual é o complemento ou o produto, o objeto da atualização, mas esta não tem por sujeito senão o virtual. A atualização pertence ao virtual. A atualização do virtual é a singularidade, ao passo que o próprio atual é a individualidade constituída (DELEUZE, 1996, p.51).

Assim, a dinâmica entre o atual e o virtual se interpola em múltiplos contínuos de maneira singular, e no momento em que se atualiza, passa a ter a individualidade instaurada – a cristalização.

A relação do atual com o virtual constitui sempre um circuito, mas de duas maneiras: ora o atual remete a virtuais como a outras coisas em vastos circuitos, onde o virtual se atualiza, ora o atual remete ao virtual como a seu próprio virtual, nos menores circuitos onde o virtual cristaliza com o atual (DELEUZE, 1996, p.56).

Segundo Deleuze (1996), quando o virtual se aproxima do atual, tem-se o objeto atual e sua imagem virtual. Em outras palavras, encontra-se aqui uma aproximação com a teoria de Derrida (1995), em afirmar que há estruturalidade (virtualidade) que é potência para o jogo das estruturas (significante/significada), para produzir atualizações.

Essa troca infinita entre o objeto e sua imagem (significante) é um cristal. No tempo em que a cristalização ocorre, transpõe-se a singularidade à individuação. Assim, há: singularização – atualização / individuação – cristalização.

Se a singularidade se instaura a partir do processo dinâmico entre o virtual e o atual, pode-se considerar que numa dada enunciação, ela percorre o acontecimento até a cristalização efetiva, fazendo emergir a individuação / subjetividade, por intermédio do funcionamento da linguagem, a partir do momento em que os interlocutores referem e

correferem na atribuição de sentido às palavras. Assim, o discurso é a cristalização da linguagem e a cristalização, por sua vez, embute o sentido da enunciação, a partir da posição-sujeito.

Assim, novamente reportemos aos discursos materializados pelos alunos (S22, S23, S24, S25, S26 ou S27) na ferramenta fórum da disciplina de Leitura e Produção Textual (2012-1), pois eles são os exemplos concretos das cristalizações.

Para cada um dos alunos, cujos discursos foram aqui apresentados, podemos dizer que houve um processo de individuação subjetiva, decorrente das cristalizações que foram efetuadas nas atualizações dos acontecimentos. Assim, o virtual é uma potência que, ao se cristalizar, condensa no atual aquilo que ele o requeria - enquanto que o real é a expressão das potências possíveis de uma existência. “O real, por sua vez, assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe” (LÉVY 1996, p. 17).

O tempo e o espaço inexistem para o virtual, ao passo em que ele somente se atualiza num determinado acontecimento. Portanto, ele passa a ter um espaço e um tempo a cada atualização e, nesse sentido, provoca a existência do real.

Ao serem cristalizados, os discursos materializados dos alunos (S22, S23, S24, S25, S26 ou S27) fizeram ressoar o efeito de real. Para aquele acontecimento, houve um efeito de real decorrente da sua própria efetuação. Portanto, um acontecimento é potência para um real, e se estabelece pelas atualizações provocadas pela virtualidade.

Vale considerar, numa outra vertente, que o surgimento dos computadores deixou transparecer muito mais o conceito de virtualidade e, até certo ponto, banalizou essa expressão à mera descrição da utilização de rede promovida pela internet.

A internet, metaforicamente, poderia ser vista como uma estruturalidade, capaz de potencializar um jogo de significações (significante/significado) e, ainda, em sua essência, tem um formato rizomático, traduzido nas possibilidades do hipertexto²⁷.

Embora o computador seja uma cristalização de uma virtualidade, ele é uma ferramenta que permite acesso a um mundo virtual, que passa a ser real na medida em que se atualiza em dados acontecimentos (enunciações – individuações). Os espaços virtuais de aprendizagem, por exemplo, existem no que se considera real, visto que nele as individuações se cristalizam, ou seja, os sujeitos buscam na virtualidade a atualização para seus discursos, que se configuram em materialidades discursivas.

²⁷ Segundo Koch (2005, p. 63), hipertexto é um suporte lingüístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas.

Entretanto, conforme Auroux (1998, p. 223),

[...] no estado atual da tecnologia, não tem sentido tratar um computador como se ele pudesse se empenhar em sustentar uma promessa ou se preocupar com seus negócios em andamento. Por trás da tela do computador, assim como por trás do texto escrito que Platão evoca, não há alguém suscetível de se empenhar ou de se preocupar. É um dos argumentos de Searle contra a possibilidade de construir uma simulação mecânica da comunicação lingüística humana: segundo ele, a promessa (por exemplo) é um ato de linguagem que os computadores nunca poderão efetuar, ainda que possam construir a frase “eu te prometo”.

E, nesse sentido, é importante destacar que a virtualidade, o atual e o real se estabelecem porque há sujeitos que se constituem a partir dos efeitos de sentidos provocados pela linguagem. Esses sujeitos são marcados pela sua incompletude, assim como são incompletos os discursos e os sentidos. A incompletude, segundo Orlandi (2001, p. 114),

[...] é o indício da abertura do simbólico, do movimento do sentido e do sujeito, da falha, do possível.[...] O sujeito pragmático que, como dissemos, vive em um mundo semanticamente normal, tem necessidade de administrar essa relação com a incompletude da linguagem: ele tem necessidade de um enunciado que acaba, de um texto com começo, meio, progressão e fim; faz também parte dessa necessidade que o sujeito possa colocar um ponto final, vírgulas, reticências. Um sujeito “semanticamente” normal, que fala (escreve) “normalmente”, “sabe” lidar com a pontuação.

Essa incompletude do sujeito, esse sentimento de “falta” que Lacan (1998) se refere na Psicanálise é que faz com que o sujeito desvende o mundo, crie e recrie sua história, através dos acontecimentos que se cruzam, entrelaçam-se durante toda a existência.

Iniciamos este capítulo dispondo no título “o tempo: virtual, atual e real”, e essa sequência é proposital, visto que entendemos que antes de qualquer realidade é preciso haver potência, ou seja, virtualidade e, somente apenas depois de posto na cena da enunciação – na atualização, temos os efeitos de sentido que produzem a realidade subjetiva (efeito de real). E, talvez esse efeito de real abra espaço para uma discussão que decorre desse efeito, e que determina uma reflexão sobre presença e ausência.

5.2 PRESENÇA E AUSÊNCIA

De acordo com Deleuze (2006, p. 230), “o que é atual é aquilo em que a estrutura se encarna, ou antes, aquilo que ela constitui encarnando-se. Em si mesma, porém, ela não é nem atual nem fictícia; nem real nem possível”.

Para esclarecer o que Derrida (1995) afirma no conceito de estruturalidade (potência virtual para desencadear o movimento das séries significante/significada), cita-se Deleuze (2006, p. 231) “extrair a estrutura de um domínio é determinar toda uma virtualidade

de coexistência que preexiste aos seres, aos objetos e às obras desse domínio. Toda estrutura é uma multiplicidade de coexistência virtual”. Então, pode-se afirmar que a noção de presença e de ausência é sempre muito relativa. Se considerarmos que a estruturalidade é uma potência para o movimento das séries, vamos concluir que nunca há ausência, ou seja, tudo está sempre lá, na transcendência, ocupando um espaço que não tem tempo, que não é marcado pelo presente ou pelo passado, e ao mesmo tempo, paradoxalmente, é potência para presente e é passado nas imagens atualizadas.

Para Derrida (1995), o jogo da estrutura, uma vez efetivado em acontecimento, não permite ser substituído. Somente a estruturalidade é potência para novos acontecimentos, para novas dinâmicas entre as séries heterogêneas que produzem significação: “a ausência de significado transcendental (estruturalidade) amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação” (DERRIDA, 1995, p. 232).

Talvez por isso, pensar num espaço virtual de aprendizagem como sendo um lugar em que há ausência e presença, seja um tanto quanto reducionista para um conceito que extrapola o físico e invade a transcendência.

No momento em que o sujeito se inscreve numa formação discursiva, ele passa a se constituir numa posição-sujeito, conforme a *forma-sujeito* dessa formação, ou seja, é atravessado por todas as regularidades e marcas dessa formação. Como já dissemos, estas formações incitam virtualidades, ou seja, integram-se de séries heterogêneas que estão sempre lá, potencializadas pela virtualidade que compõe a estruturalidade. O sujeito é, portanto, sujeito das atualizações possíveis, de um devir que se move pela força-potência da estruturalidade, dos dispositivos que o fazem cristalizar.

Isso significa dizer que há uma presença sempre velada, que nunca para de funcionar, de coexistir, que está sempre pronta para atualizar em função das singularidades que permeiam o acontecimento a ser efetivado (cristalizado). Então, seria apropriado dizer que essa presença (singularização) está sempre pronta para ser presença no sujeito (atualização), e a partir da sua efetividade, cristaliza-se na instância da individuação, produzindo efeitos de real.

Por outro lado, pode-se considerar que a ausência seja tão somente como um efeito da virtualidade, ou mais que isso, uma falsa impressão de que enquanto não individualizada – cristalizada, as coisas não existiram numa possibilidade singular, numa potência que está sempre lá. Desta forma, a ausência é puramente uma impressão reducionista no efeito de real, uma simplificação: o que não é atualizado, é ausente, não existe. A ausência

não existe, pois nada é ausente, tudo está sempre lá, na virtualidade transcendente, pronta para se atualizar em acontecimentos múltiplos.

Voltemos à posição-sujeito 2, da *forma-sujeito* Unisul, em que se inscrevem os alunos que se deslocam entre o virtual e o presencial: há uma perceptível (e falsa) sensação de que ao acessar o espaço virtual de aprendizagem, acessa-se sozinho - diferentemente do presencial em que, ao chegar em sala de aula, o sujeito se depara com seus pares. Na verdade, ao acessar/adentrar uma sala de aula, seja virtual ou presencial, os sujeitos se deparam com faces cobertas, opacas e não reveladas. Portanto, no que tange a rosticidade, não há presença nem no virtual nem no presencial. Ledo engano imaginar que, por ser presencial, as faces se desnudam.

Conforme já vimos nos capítulos anteriores, o sujeito passa a existir discursivamente no momento em que ocupa posições nas formações em que está inscrito. É na/ pela linguagem que o sujeito se constitui, e também é pelo discurso que o sujeito faz vibrar a constituição maquínica que faz ressoar no buraco negro (subjetividade), as virtualidades que ricocheteiam no muro branco, num processo de desterritorialização/reterritorialização.

O espaço virtual de aprendizagem e a sala de aula presencial convergem entre si, no que tange a compreendê-los como meros lugares de enunciação, para fazer vibrar toda essa engenhosidade que gera um efeito de real. Seja no virtual ou no presencial, as virtualidades nunca são ausentes, muito pelo contrário, elas estão sempre lá, prontas e na espera do ressoar que vibra e mantém viva a possibilidade contínua de presença marcada em acontecimentos.

Lembremos do que afirma Deleuze (1995, p. 36),

Do sistema corpo-cabeça ao sistema rosto, não há evolução, não há estados genéticos. Nem posições fenomenológicas. Nem integrações de objetos parciais, com organizações estruturais ou estruturantes. Tampouco remissão a um sujeito que já estaria presente, ou seria conduzido a sê-lo, sem passar por essa máquina própria da rosticidade.

A ausência do corpo físico (da face) não pode ser entendida como a ausência do sujeito. O sujeito é e se constitui em função do rosto, daquilo que se funda numa máquina abstrata, que não cessa de desterritorializar e reterritorializar, formando a sua rosticidade, o ser sublime, que constrói sua história e escreve sua memória numa instância paradoxal.

Entretanto, todo esse processo não ocorre sozinho, naturalmente sem esforço, sem uma dinâmica que se engendra no/pelo sujeito. Há que se considerar que,

[...] em última instância, nada há, salvo a vontade de potência, que é potência de metamorfose, potência de modelar as máscaras, potência de interpretar e de avaliar. [...] A crítica de todos os valores admitidos e a criação de valores novos, a desmistificação e a transvaloração não poderiam ser compreendidos e recairiam no

simples estado de proposições da consciência se não fossem reportados a uma profundidade original, ontológica – “caverna atrás de toda caverna”, “abismo abaixo de todo fundo”. (DELEUZE, 2006, p. 157)

Essa “profundidade original” (DELEUZE, 2006, p. 157) é o que se considera como vontade de potência. Mas não é uma vontade que subentende querer dominar, ou querer viver, porque isso já está intrínseco em quem vive e domina os saberes.

Segundo Deleuze (2006, p. 158),

A vontade de potência, em seu mais elevado grau, sob sua forma mais intensa ou intensiva, não consiste em cobiçar e nem mesmo em tomar, ma em dar e em criar. Seu verdadeiro nome, diz Zaratustra, é a virtude que dá. E que a máscara seja o mais belo dom, isso dá testemunho da vontade de potência como força plástica, como a mais elevada potência da arte. A potência não é o que a vontade quer, mas quem quer na vontade, isto é, Dionísio.

É a vontade de potência que faz com que as coisas sejam olhadas de baixo para o alto e do alto para o baixo. Observemos, pois, que a virtualidade está no alto, como potência para o acontecimento, que está embaixo. Do alto para o baixo, essa vontade de potência pode ser vista como possibilidade de se afirmar em função do jogo do significante, que vibra entre as transcendências todas. De baixo para o alto, a vontade de potência ocorre por negação ao que está atualizado, ou seja, tudo se inverte para novamente se efetuar.

Podemos perceber como esse conceito fica mais claro, quando Deleuze (2006, p. 158) afirma que “tudo o que é bom, tudo o que é nobre, participa do voo da águia: propende e desce. E os lugares baixos são bem interpretados apenas quando são perscrutados, isto é, atravessados, revirados e retomados por um movimento que vem do alto”.

Segundo os conceitos teóricos já discutidos nesta tese, poderíamos afirmar que é a vontade de potência que permite a compossibilidade ou a impossibilidade dos acontecimentos, de forma que, somente nessa dinâmica de vontade é que o sujeito se desloca de um para outro lugar, em enunciações diversas, que se convergem em efetuações e acontecimentos. É essa vontade de potência que se atravessa pelas contradições e dá vazão ao devir incerto, que fundamenta o discurso na efetuação de presenças contínuas, ainda que asseguradas por uma virtualidade invisível aos olhos do indivíduo que vê.

A ausência só é para esse indivíduo que somente vê a face. Para o sujeito que vai além da face e que consegue enxergar o rosto, e que se constitui no ensino a distância ou no ensino presencial, a ausência nunca é, ela inexistente. Há sempre uma presença que funda, que realiza, que permite. Uma presença que não domina, que não julga, que não escolhe, pelo contrário, que é dotada de uma virtude pura, que transcende e torna possível acontecer.

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa, no que tange aos delineamentos iniciais, partiu de inquietações da pesquisadora, ao assumir dois papéis diferentes e, ao mesmo, consequentes: primeiro, por atuar no ensino a distância da Unisul, mais precisamente na UnisulVirtual, como coordenadora das disciplinas a distância – DAD e como professora de disciplinas dos cursos totalmente a distância; segundo, por estar cursando o programa de pós-graduação, no Doutorado em Ciências da Linguagem e, evidentemente, propor-se a questionar e a se deixar inquietar pelos acontecimentos vizinhos, que se instauram nos atravessamentos pelos quais estamos/somos “sujeitos”.

Nessa perspectiva, alguns questionamentos iniciais foram o ponto de partida para refletir e alavancar as discussões referidas nesta tese. O primeiro deles versa sobre a seguinte interrogação: a construção do sujeito que está matriculado no ensino a distância é diferente daquela que está no ensino presencial?

Essa ideia inicial de que haveria construções diferentes, justamente porque se tinha um entendimento de que, por estarem em modalidades de ensino diferentes (virtual e presencial), os alunos pertenceriam a formações discursivas igualmente diversas, foi desconstruída ao longo do segundo capítulo da tese, que discutiu a questão da enunciação, com foco nas formações discursivas. Com base nos fundamentos teóricos discutidos ao longo do capítulo 2, percebemos que uma formação discursiva comporta uma respectiva *forma-sujeito* sobre a qual temos processos particulares de identificação do sujeito, decorrentes das diversas posições-sujeito ocupadas.

Nessa perspectiva, ao voltarmos o foco para o caso da Unisul, em que duas modalidades de ensino estão em vigência, constatamos que, ao invés de denotarmos formações discursivas diferentes, decorrentes das duas modalidades, o que se configura são identificações dos sujeitos com uma e outra modalidade no interior da mesma formação discursiva, de forma que, ao se constituírem, os sujeitos assumem posições-sujeitos diferentes, alinhadas à *forma-sujeito* da formação discursiva (FD), que no caso específico desta tese tratamos como pedagógico-acadêmica.

Assim, o sujeito não se constrói de maneira diferente na modalidade presencial ou na modalidade a distância, já que ele está regido pelos mesmos saberes que regulam o interior da mesma formação discursiva, qual seja, a formação pedagógico-acadêmica.

Outra indagação que fizemos na introdução da tese trata dos atravessamentos que marcam o sujeito de formações discursivas presenciais e virtuais, a partir do momento em que

ele pode se deslocar entre o presencial e o virtual, assumindo posições que deslizam e são marcadas pela heterogeneidade desses lugares.

Quanto a essa questão, será preciso, de antemão, retificá-la em sua concepção, visto que, conforme já dito, não se trata de formações discursivas diferentes, mas de posições-sujeito que se instauram a partir de uma mesma *forma-sujeito*, que comporta essas diferentes identificações, no interior de uma única FD (pedagógico-acadêmica). Portanto, o sujeito não desliza por formações discursivas distintas, mas por posições-sujeito marcadas por regularidades de uma FD (pedagógico-acadêmica).

De tal modo, é possível verificar que há atravessamentos pelos quais desliza o sujeito, em posições inerentes à *forma-sujeito* Unisul. Esses atravessamentos se delineiam, *a priori*, pela própria caracterização da cena enunciativa e pelas condições de produção do discurso nas posições designadas pela *forma-sujeito* correspondente.

A partir desse raciocínio, convém destacar que, na posição-sujeito 3, na graduação presencial, há a presença marcada de um “eu” e um “tu”, já que os alunos estão presencialmente no mesmo espaço físico. Já na posição-sujeito 2, há um “eu” que acessa o espaço virtual de aprendizagem e que, apesar de não encontrar o “tu” numa sincronidade, o encontra numa pressuposição assíncrona, ou seja, numa presença/ausente de que o outro está sempre lá. Essa relação, por si só, já afeta diretamente a cena enunciativa e a condição de produção dos dizeres, marcando uma distinção entre uma e outra posição-sujeito.

Cabe também ressaltar que os processos discursivos que decorrem da enunciação não têm sua origem no sujeito, mas se efetuam nele, em enunciados irrepetíveis. Embora pareça contraditório, o fato implica diretamente na constituição do sujeito e no seu assujeitamento frente às condições de produção dos enunciados: de um lado, o efeito do lugar em que advém o enunciador, do outro, a situação empírica do enunciador nesse lugar, isto é, o ambiente material, os papéis que estão em jogo (as condições de produção).

Assim, os atravessamentos que marcam o sujeito na modalidade presencial e a distância, exigem que ele (o sujeito empírico) assuma posições em um e em outro lugar, continuamente, pois ao se filiar à posição-sujeito 3 (Graduação Presencial), ele deve deslizar, por conseguinte, para as regularidades que marcam a posição sujeito 2 (Disciplinas a distância – DAD), conforme discutido no capítulo 2 desta tese.

Esse conflito de posições-sujeito, especialmente para o aluno que se matricula em um curso da modalidade presencial e é automaticamente inscrito também na modalidade a distância, demonstrou ser a premissa básica para fundamentar a resistência de se mover de um lugar escolhido (presencial), para outro não esperado e obrigatório (a distância).

Pelo contrário, os alunos que ingressam em um curso totalmente a distância e que assumem outra posição na *forma-sujeito* Unisul (posição-sujeito 1), constroem-se a partir de regularidades (esperadas) que regem essa e somente essa posição. Assim sendo, eles se constituem não por atravessamentos de posições, mas por acontecimentos atualizados sob a regência das potências transcendentais que percorrem a estrutura (significante/significado) nessa referida posição (posição-sujeito 1).

Nesse contexto, pode-se concluir que o aluno da posição-sujeito 3 que se vê deslocado para a posição-sujeito 2 perde uma referência de zona de frequência, determinada, inicialmente pela sua inscrição em um curso presencial, ou seja, posição-sujeito 3. Quando um aluno passa por todo o sistema de seleção (vestibular, classificação) para entrar em um curso de graduação presencial, ele o faz por opção, e espera encontrar as regularidades comuns a um ensino presencial.

O mesmo ocorre com um aluno que ingressa em curso totalmente a distância (posição-sujeito 1), ou seja, ele espera por regularidades marcadas pelo ensino a distância. Entretanto, ao se inscrever na *Forma-sujeito* Unisul (posição-sujeito 3), o aluno se defronta com o “não esperado”, isto é, um deslizamento para outra modalidade de ensino, não mais presencial, porém, a distância (posição-sujeito 2). Ou seja, o aluno, que passa a ocupar a posição-sujeito 2 é atravessado por um campo transcendente de significantes, virtualidades que, apesar de estarem na vizinhança do campo transcendente do presencial, não se igualam na sua totalidade, uma vez que estão em posições-sujeito diferentes.

Em face disso, há que se considerar que não temos simplesmente uma mera resistência a esse deslizamento, ou uma dificuldade sem fundamento, mas um problema cuja origem está no atravessamento de campos transcendentais que assumem as singularidades de cada posição e, por conseguinte, desestabilizam o sujeito que se vê alternando entre uma e outra (posição). Essas virtualidades, potências para fazer vibrar o jogo das estruturas e para permitir a atualização de acontecimentos, evadem-se de uma para outra posição-sujeito, de forma que as singularidades, imersas nos sentidos correspondentes a essas posições, diferem na mesma proporção.

Nessa perspectiva, o conflito de posições pode ser considerado natural e proveniente da alternância de singularidades. O mesmo se aplica, por exemplo, à comparação equivocada e paradoxal entre a desenvoltura que um aluno da posição-sujeito 2 (por sua característica que define a geração Y) possui para interagir nas redes e comunidades virtuais, com a resistência que apresenta para utilizar a internet para fins de aprendizagem (cursar disciplinas a distância, por exemplo). Percebemos que, nesse caso, o conflito vai além da

causa designada por diferenças nas posições-sujeito assumidas, mas se configura a partir do dizer regulado por formações discursivas diferentes, o que decorre de transcendências virtuais peculiares a cada uma das formações.

A *forma-sujeito* de uma formação discursiva de redes sociais é diferente da *forma-sujeito* da formação pedagógico-acadêmica, de maneira que não há termos de comparação entre as duas, visto que o jogo das estruturas se atualiza por potencialidades outras em uma e em outra formação. As regularidades do que pode e o que não pode ser dito, assim como as condições de produção divergem nas formações descritas, ou seja, reforça-se o equívoco da comparação, desfaz-se o paradoxo e, ainda, configura-se a relação de impossibilidade entre os acontecimentos atualizados na formação discursiva das redes sociais e os atualizados na formação discursiva pedagógico-acadêmica.

Aliás, essa relação de compossibilidade/impossibilidade entre os acontecimentos e as formações discursivas, que permite que os acontecimentos se sucedam na perspectiva de uma formação discursiva (compossível) ou que se evadam de uma formação discursiva de origem e se instaurem em outras formações (impossibilidade), designáveis por novas estruturas de significância, tornam perfeitamente plausível considerar que os sujeitos se constroem pelas mesmas virtualidades potenciais, seja na posição-sujeito 1, 2 ou 3 da *forma-sujeito* Unisul.

Relembremos a pergunta-problema desta tese: Como o sujeito se constrói no ensino a distância, na perspectiva das singularidades designáveis na estrutura e no acontecimento?

O sujeito se constrói a partir dos acontecimentos sucessivos que são atualizados e que delineiam sua própria instância paradoxal, conforme define Deleuze (2009). No caso especificamente tratado nesta tese, que se focou na FD pedagógico-acadêmica e cujo objetivo era analisar o sujeito que se constrói no ensino a distância, por meio de uma reflexão discursiva acerca das singularidades designáveis na estrutura e no acontecimento, vimos que a arquiestrutura, que faz vibrar as séries significante e significada (estrutura), mantém as transcendências potenciais para as atualizações de acontecimentos múltiplos que, ao se efetuarem discursivamente nas posições-sujeito, emanam as singularidades que corroboram o efeito de sentido dos enunciados.

As condições de produção para a enunciação, seja na posição-sujeito 1, 2 ou 3, são dependentes das singularidades da *forma-sujeito* Unisul, o que significa, por decorrência, entender que as singularidades que fazem ressoar as séries significante e significada, para

quaisquer dessas posições (graduação a distância, disciplinas a distância DAD ou graduação presencial, respectivamente) são as mesmas.

Vale dizer que a energia potencial, a que a dimensão significativa está associada, é a mesma para a formação discursiva pedagógico-acadêmica, e a *forma-sujeito* Unisul se delinea a partir dessa dimensão. As posições-sujeito 1, 2 e 3 apenas marcam lugares de significância cujo sentido se alonga de uma para outra posição, isto é, conforme afirma Deleuze (2009), são compossíveis em função do *continuum* de singularidades, a continuidade tendo por critério ideal a convergência das séries (significante/significada).

As singularidades que se potencializam no campo transcendente da formação discursiva pedagógico-acadêmica, na *forma-sujeito* Unisul, são designáveis em cada posição-sujeito (1, 2 ou 3), visto que os saberes são comuns à formação em que se instauram as estruturas correspondentes. Entretanto, ainda que comuns, as singularidades têm certos significantes que marcam uma e outra posição, visto que os dispositivos que desencadeiam as máquinas abstratas em cada uma das posições são diferentes, embora se instaurem a partir da mesma *forma-sujeito*.

O campo da singularidade é o campo do sentido e, de acordo com esse sentido, constituem-se os sujeitos, independente da modalidade em que estão: presencial ou virtual, mas em acordo com as posições-sujeito ocupadas e as formações discursivas às quais estão filiadas. Nesse contexto, cabe ao aluno a ação de movência, de abrir-se para o devir, de ousar descobrir, inventar e reinventar-se dentro da *forma-sujeito* Unisul, ocupando posições-sujeito dentro da FD pedagógico-acadêmica e evadindo-se dela, para tantas outras quanto possível. É por intermédio dessas posições ocupadas que o sujeito se constrói, permite-se observar para além do que a face pode transparecer: emerge o rosto, mundo de todas as verdades; efetua-se a instância paradoxal, linha da existência que se prolonga no infinito das atualizações compossíveis e impossíveis; ressoa a máquina abstrata, que desterritorializa e reterritorializa o sujeito em um devir-clandestino, possível num jogo de tempo múltiplo, que são todos sem ser nenhum.

Nesse jogo, não há um centro e, embora essa propriedade possa causar uma falsa impressão de lugar movediço e inseguro, representa, isso sim, um lugar de muitos lugares que podem se atravessar. Evadir-se de um e de outro, sujeitar-se ao jogo da arquitetura: esse é o sujeito que se constrói, que transforma suas vontades em potência para o devir - não importa o lugar, não importa a condição de produção - importa ele próprio em construção.

À Universidade, enquanto lugar de universalização do conhecimento, dos experimentos e da pesquisa científica, cabe mediar o jogo, fazer fluir a movência entre uma e

outra posição-sujeito dentro da forma que a constitui discursivamente. Para além disso, cabe também uma outra missão, tão ou mais nobre que a anterior, que é despertar e desvendar os rostos velados que se acanham nas faces transparentes; as faces sedentas, que um dia adentram os portões da Universidade, tomadas por um invólucro tímido e inquieto e, algum tempo depois, dissolvem-se na mesma proporção em que emergem rostos profundos, desterritorializados e reterritorializados por um devir maquínico, que, paradoxalmente, não aprisiona o sujeito ao seu jogo de estrutura, mas o liberta para outros e sucessivos jogos, possíveis pela “vontade de potência” do sujeito que ousa.

Ocorre, nesse momento, permeando outros ares da filosofia, que o próprio Nietzsche (2005), ao refletir sobre o conceito de “vontade de potência”, parece querer significar a vontade de movência do sujeito em um *continuum* de atualizações, em um devir incessante. Segundo Nietzsche (2005), é a vontade de potência que faz com que tudo possa ser possível, tudo quanto é. E, ainda, afirma:

[...] desejo imaginar tudo quanto existe; assim amo eu ao vosso desejo. Quereis tornar imaginável tudo quanto existe; porque duvidais com justa desconfiança que tudo seja imaginável. É preciso, porém, que tudo se amolde e curve perante vós! Assim o quer a vossa vontade. É mister que fique punido e submisso ao espírito como seu espelho sua imagem. Eis aqui toda a vossa vontade, sapientíssimos, como uma vontade de poder; isto ainda que faleis do bem e do mal e das apreciações de valores (NIETZSCHE, 2005, p. 95).

Enfatizamos o fragmento “assim o quer a vossa vontade” (NIETZSCHE, 2005, p. 95), ou seja, indicando que o sujeito é a própria força em movimento, é detentor de uma vontade que se atualiza em um devir possível, mas nunca previsível. E complementa, “[...] só onde há vida há vontade. Não vontade de viver, mas, como eu ensino, vontade de poder”. (NIETZSCHE, 2005, p. 108).

A Universidade é vida pulsante, é um campo de muitas vontades, é a porta para muitas potências que lhe são peculiares, mas é também a janela pela qual se vislumbram outros lugares de significação. A janela deve estar aberta, permitindo o exercício da liberdade plena, que faculta ao sujeito (aluno) a possibilidade de evadir-se de si mesmo (desterritorializar) e descobrir-se em outros mundos, com novas significâncias (reterritorializações) em atualizações impossíveis: a porta se abre, as singularidades emanam, o sujeito se constrói no ensino a distância.

Há uma janela, ela descortina um mundo – “sede apenas vosso rosto. Andai pelo limiar. Não permaneçais o sujeito de vossa propriedade ou faculdade, não remanesçais sob elas, mas evadi-vos com elas, nelas, para além delas” (AGAMBEN, 2011, p.1).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Il volto. In: **Mezzi senza fine**. Note sulla politica. Bollati Boringhieri: Torino, 1996.

_____. **O rosto**. Disponível em <http://www.polichinello2004.blogspot.com.br/>. Acesso em 05 nov 2011.

_____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92 p.

_____. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALLIEZ, Éric. **Deleuze filosofia virtual** / Éric Alliez ; tradução de Heloisa B.S. Rocha — São Paulo : Ed. 34, 1996. 80 p.

AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 127 p.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. V. I. Tradução de M.G.Novak e M.L.Salun. 5 ed. São Paulo: Pontes Editores, 2005.

_____. **O aparelho formal da enunciação**. In: Problemas de linguística geral. V.2, Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.

BERGSON, Henri. **Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein** / Henri Bergson; tradução Cláudia Berliner; revisão técnica Bento Prado Neto. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAZARIN, Ercília Ana. **Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo**. In: FERREIRA, M. C. e INDURSKY, F. (org). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. 400 p.

COURTINE, Jean-Jacques. **Définition d'orientations théoriques et construction de procédures em analyse Du discours. Philosophiques**, vol. IX, número 2, 1982.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido** / Gilles Deleuze: [tradução Luiz Roberto Salinas Fortes]. – 5. Ed – São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **A imagem-tempo**. Tradução Eloisa de Araujo Ribeiro; revisão filosófica Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **A ilha deserta**: e outros textos. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi – São Paulo: Iluminaturas, 2006. 1. Reimpressão.

_____. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. **O atual e o virtual**. In: Éric Alliez. Deleuze Filosofia Virtual. (trad. Heloísa B.S. Rocha) São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 3 v.

_____. **Différence et répétition**. Paris: PUF, 1993.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo, SP. Editora: 34. 1992.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. 252 p. (DebatesFilosofia ;49)

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT. M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. vol 1, Rio de Janeiro: Graal, 1999.

INDURSKY, Freda. **Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?** In: FERREIRA, M. C. e INDURSKY, F. (org). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. 400 p.

KOCH, I.G.V. **Texto e hipertexto**. In: *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2005. p.61-73

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 269 p.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996. 160p.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson, 2007. xxii, 398 p. ISBN

NELMA, Sara. **Rizoma**. 2010. Disponível em:
<<http://saranelma3caelum.blogspot.com.br/2010/05/rizoma.html>>.
Acesso em: 16 jul. 2013.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de Ciro Mioranza. 2. ed. São Paulo: Escala. 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formulação e circulação do sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense. 1983.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Trad. Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2008.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **A análise do discurso: Três Épocas (1983)**. In: GADET, F. & HAK T. **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: EDUNICAMP, 1990. p. 311-319.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise. & HAK, Tony. (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. Da UNICAMP, 2010. p. 163-252.

ANEXOS

ANEXO A – RELATÓRIO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL – DISCIPLINAS A DISTÂNCIA – SEMESTRE 2012-1

(Observação: abordagem das partes utilizadas para a tese)

RELATÓRIO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DISCIPLINAS A DISTÂNCIA SEMESTRE 2012.1

*Produzido por:
Assessoria de Inovação e Qualidade de EaD*

Palhoça, 30 de Julho de 2012

APRESENTAÇÃO

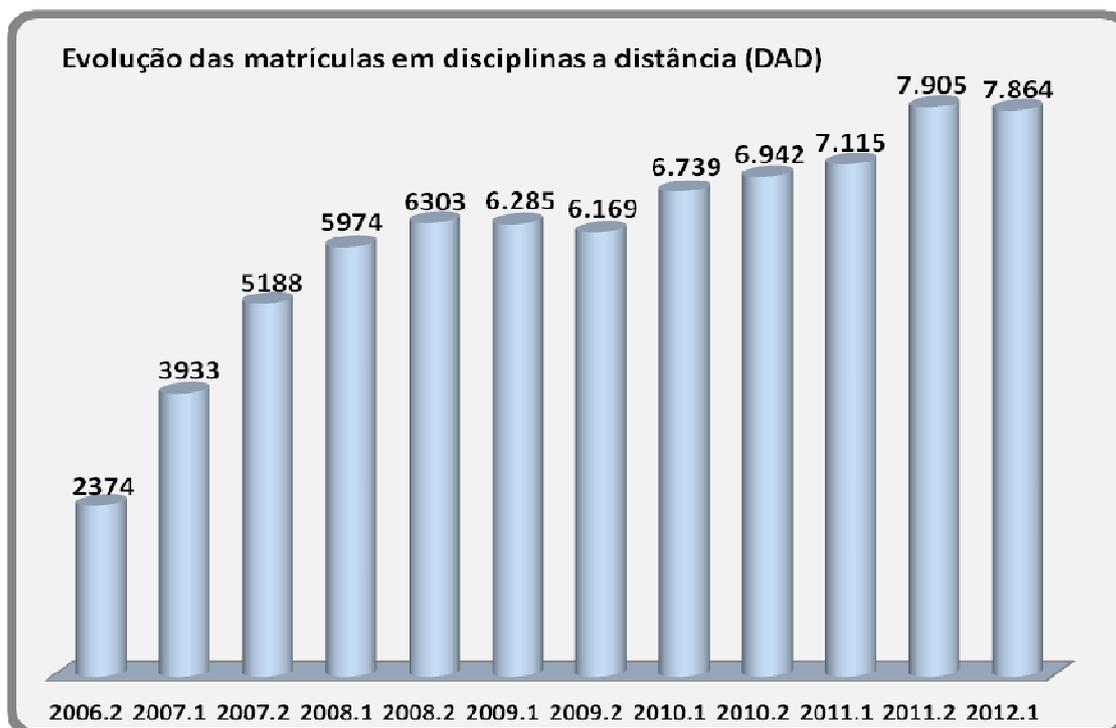
Este relatório visa apresentar um conjunto de informações que permitam aos gestores e coordenadores avaliar as disciplinas a distância da Unisul Virtual. Neste relatório serão apresentadas informações referentes à movimentação dos alunos (matriculas), ao desempenho acadêmico (índices de aprovação e reprovação) e os dados da Pesquisa de Autoavaliação Institucional.

A Pesquisa foi aplicada aos estudantes no período de 30/04/2012 à 25/07/2012, no qual foi disponibilizado um questionário junto ao EVA (Espaço Unisul Virtual de Aprendizagem) com a recomendação para que respondessem após a avaliação presencial, ou seja, ao final da disciplina. Na pesquisa foram extraídas informações sobre perfil dos alunos, materiais didáticos, sistema tutorial e de comunicação, metodologia da educação à distância e a avaliação geral da disciplina cursada.

Além da estruturação dos dados da pesquisa referente ao semestre de 2012.1, também será apresentado uma série histórica dos últimos três semestres, propiciando ao leitor uma comparação e melhor compreensão e análise da evolução dos indicadores.

Para o leitor desse relatório é oportuno esclarecer que as informações contidas a seguir não visam fornecer respostas concretas do sistema, mas sim, a partir de uma visão sistêmica, indicadores para futuras escolhas de estratégias e tomadas de decisões que promovam a melhoria contínua.

MOVIMENTAÇÃO DAS MATRÍCULAS



RELATÓRIO DA PESQUISA DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL 2012.1

A seguir apresentam-se a série histórica da oferta de disciplinas à distância e a representatividade dos alunos na Pesquisa de AI nos últimos dez semestres.

Semestre	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1
Quantidade de disciplinas	31	34	34	39	40
Total de matrículas (DAD)	6739	6942	7115	7.905	7.864
Total de questionários respondidos	700	730	496	708	870
Percentual de respondentes/matrícula	10%	11%	7%	9%	11%

A seguir são demonstrados os resultados obtidos ao questionário de Autoavaliação Institucional para o estudante conforme ordem sequencial.

INDIQUE O SEU PERFIL

1 – Faixa etária:

	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	
	%	%	%	%	Freq.	%
a - menos de 17 anos	0,0%	1,0%	0,4%	1,6%	14	1,6%
b - de 17 a 20 anos	29,0%	30,0%	30,6%	29,4%	344	39,5%
c - de 21 a 25 anos	42,0%	42,0%	36,3%	34,0%	283	32,5%
d - de 26 a 33 anos	17,0%	19,0%	20,8%	23,7%	154	17,7%
e - de 34 a 39 anos	7,0%	5,0%	6,3%	7,1%	36	4,1%
f - de 40 a 45 anos	4,0%	2,0%	3,4%	2,5%	24	2,8%
g - de 46 a 50 anos	1,0%	1,0%	1,2%	1,1%	7	0,8%
h - acima de 50 anos	1,0%	1,0%	1,0%	0,6%	8	0,9%

Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	870	100,0%
--------------	---------------	---------------	---------------	---------------	------------	---------------

5 – No momento da sua matrícula nesta disciplina, quais foram os motivos que levaram você a optar por cursar esta disciplina na modalidade à distância: (Múltipla escolha)

	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	
	%	%	%	%	Freq.	%
a - Conhecer uma nova modalidade de ensino	14,0%	15,0%	8,0%	13,1%	125	14,4%
b - Ter maior flexibilidade com horários de estudo	46,0%	45,0%	26,0%	42,5%	351	40,3%
c - Precisava trabalhar no horário de oferta da disciplina presencial	9,0%	12,0%	7,0%	9,9%	69	7,9%
d - Ganhar mais tempo livre	19,0%	19,0%	11,0%	16,7%	127	14,6%
e - Recebi orientação do coordenador de curso	14,0%	14,0%	8,0%	11,6%	68	7,8%
f - Indicação positiva de um colega	12,0%	13,0%	7,0%	8,6%	76	8,7%
g - Exigência do curso	35,0%	41,0%	24,0%	47,7%	463	53,2%
h - Desenvolver habilidade para uso da tecnologia da informação e comunicação	10,0%	10,0%	6,0%	5,2%	66	7,6%
i - Outros	3,0%	5,0%	3,0%	7,1%	53	6,1%

AVALIAÇÃO GERAL DO ESTUDO NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

33 – No geral, esta disciplina a distância atendeu as suas expectativas?

	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	
	%	%	%	%	Freq.	%
a - Em branco					29	3,3%
b – Ótimo	30,0%	29,0%	29,6%	25,4%	236	27,1%
c – Bom	48,0%	45,0%	44,8%	45,6%	393	45,2%
d - Regular					136	15,6%
e - Ruim					43	4,9%
f - Insuficiente					33	3,8%
TOTAL					870	100,0%

34 – Após ter realizado esta disciplina, você indicaria para um colega a opção de estudo nesta modalidade?

	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	
	%	%	%	%	Freq.	%
a - Em branco	5,0%	7,0%	5,2%	6,8%	49	5,6%
b - Sim	76,0%	73,0%	74,4%	71,2%	632	72,6%
c - Não	19,0%	20,0%	20,4%	22,0%	189	21,7%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	870	100,0%

35 – Você escolheria outras disciplinas para cursar nesta modalidade?

	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	
	%	%	%	%	Freq.	%
a - Em branco	11,0%	12,0%	12,7%	12,0%	101	11,6%
b - Sim	62,0%	61,0%	60,9%	57,6%	484	55,6%
c - Não	26,0%	27,0%	26,4%	30,4%	285	32,8%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	870	100,0%

36 - Comentários e sugestões (em cada disciplina comentada):

ANTROPOLOGIA CULTURAL

Acho interessante a divulgação de vídeos, fazendo com que o aprendizado seja mais leve e didático. O material didático é muito bom.

Ainda prefiro aula presencial...

Não gosto do método utilizado pelas disciplinas a distância, pois não estimulam o estudo. A professora xxxxx foi excepcional, muito atenciosa e sempre esteve disposta à qualquer assunto que se fosse tratar com a mesma. Gostaria de ter esta e outras matérias presenciais, já ouvi uma professora comentar: "Nas disciplinas à distância nós (os professores) fingimos que estamos ensinando e os alunos fingem que aprendem".

CIÊNCIA E PESQUISA

Acho que mais web conferencia separada facilitaria mais os estudos.

Acredito que aulas presenciais ainda é a melhor forma de aprender, tirar dúvidas, trocar informações, opiniões. Deveria ter mais web aula, pelo menos de uma a duas vezes por semana, o contato com o professor tutor deveria ser muito mais frequente, pois, às vezes, uma pergunta feita a ele demora uma semana para ser respondida. Todas as disciplinas que estão em oferta na modalidade à distância, deveriam, obrigatoriamente, estar, também, na modalidade presencial, cada aluno escolheria a forma que achar melhor para cursar tal disciplina. Entendo que a modalidade a distancia ajuda o aluno a ser mais responsável, pois é ele quem deve dedicar um tempo para seus estudos, não sendo a presença na sala de aula. Mas, pelo menos por enquanto, essas disciplinas estão “deixando a desejar”. Pelo menos no meu caso, tenho certeza que aprenderia muito mais se tivesse cursado Ciência e Pesquisa presencialmente.

Óbvio que eu não gostaria de cursar uma modalidade à distância, NÃO HÁ interação entre aluno-professor, não há informações adequadas, há muita demora e falta de compreensão.

Tenho dificuldade de aprendizagem, sou da época de escutar o professor na sala de aula para aprender, sozinho em cima de livros não dá.

COMÉRCIO ELETRÔNICO

Visão negativa sobre DAD, pois sempre tive problemas com envio das avaliações e já reprovei por conta disso. Entrega foi no prazo apareceu mensagem de envio concluído e depois de alguns dias aparecia que não havia feito. Falta de bom senso. Preferia poder ter feito às matérias todas presenciais.

FILOSOFIA DO DIREITO

Não gostei da disciplina nesta modalidade. Só fiz, pois é obrigatória, se houvesse presencial eu faria.

Concordo, quando essa disciplina a distância facilita o aluno, pois o mesmo não tem obrigatoriamente horário marcado para assistir aquela aula ou fazer aquela atividade, sendo que muitas pessoas trabalham. Mas, por um lado discordo, e acredito que não existe ensino em que se obtêm mais aprendizado, como o de frequentar todos os dias a sala de aula, pois os alunos vão ter um comprometimento em frequentar a mesma, e também se pode ter a absoluta certeza de que é o próprio aluno que fez aquela avaliação ou aquele trabalho. Sendo que terá a avaliação contínua do professor em relação ao aluno. Mas, cabe a cada pessoa fazer um bom uso dos conteúdos dispostos AD, pois não se sabe se é o aluno que fez aquela atividade AD, (Comentários, prova AD...). Para mim, essa disciplina AD foi muito benéfica, pois eu estudo o horário que quero o local... E a apostila, apresenta os conteúdos de forma bem clara, objetiva, com vários exemplos, o que para mim é muito bom, pois obtive muito conhecimento.

O uso da disciplina a distância não é um bom método de estudo. Retirar ao máximo esta modalidade da grade. Ela exige um tempo que ultrapassa as outras. Caso fosse presencial, e sou a favor desta ser presencial, ela seria muito mais proveitosa.

PROGRAMAÇÃO NUMÉRICA

A disciplina virtual não condiz com a disciplina ministrada em sala de aula.

SOCIOLOGIA

Gostei muito de ter a oportunidade de fazer essa disciplina a distância, foi bem interessante.

Em minha opinião as disciplinas virtuais não promovem grande conhecimento. No caso desta disciplina na forma presencial, garante maior interação entre os alunos em aulas discursivas e dialogadas.

**ANEXO B – RELATÓRIO D AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL
UNISULVIRTUAL**

(Observação: abordagem das partes utilizadas para a tese)

*RELATÓRIO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL
UNISULVIRTUAL
CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM FILOSOFIA
2012.1*

Palhoça, 10 de Outubro de 2012

APRESENTAÇÃO

Este relatório apresenta resultados dos indicadores de desempenho: movimentação acadêmica, aproveitamento escolar (índice de aprovados e reprovados por disciplina) e satisfação (Pesquisa de Autoavaliação Institucional) do Curso Superior de Bacharelado em Filosofia referentes ao 1º semestre de 2012. Nele está agrupado um conjunto de informações e avaliações relativas à instituição Unisul Virtual, dados acadêmicos, perfil dos alunos, materiais didáticos, sistema tutorial e comunicação, sistema de avaliação, autoavaliação da aprendizagem e a metodologia de avaliação à distância e a avaliação geral do curso.

As informações deste relatório foram levantadas a partir de dados coletados via Sistema PeopleSoft e questionários disponibilizados no EVA (Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem) de cada disciplina do curso, com a recomendação para que respondessem o mesmo no final de cada período, isto é, após a avaliação presencial.

Para o leitor deste relatório é oportuno esclarecer que as informações contidas a seguir não visam fornecer respostas concretas do sistema, mas sim, a partir de uma visão sistêmica, indicadores para futuras escolhas de estratégias e tomadas de decisões que promovam a melhoria contínua.

Para maiores esclarecimentos a equipe da assessoria de inovação e qualidade de EAD da Unisul está a sua disposição.

RESULTADOS DOS INDICADORES DE DESEMPENHO

Movimentação Acadêmica

	2008.1	2008.2	2009.1	2009.2	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1
Matriculas (acumulativa)	535	590	800	883	862	876	546	512	512
Ingressantes	179	190	388	305	246	266	132	125	146
Concluintes (Aptos a colar grau + Formados)	53	90	87	105	111	16	26	41	32
Evasão	80	89	94	174	151	117	102	129	102
Taxa de Evasão	15%	15%	12%	20%	18%	13%	19%	25%	20%

* Fonte: PeopleSoft (dados extraídos em diversas datas de acordo com os semestres)

** Evasão e Taxa de evasão em 2012.1 sujeitos a alteração de acordo com as atualizações do sistema.

Resumo da Pesquisa de Autoavaliação Institucional

Pesquisa realizada entre janeiro a junho de 2012, com os estudantes do Curso de Bacharelado em Filosofia revela um índice de satisfação elevado com o curso em geral, professores, materiais didáticos e a forma de aprendizagem.

Participaram da pesquisa o total de 188 alunos, que corresponde a 37% dos alunos matriculados no curso, deve-se considerar, todavia, que para ponderação dos resultados a amostra pode não ser consistente.

O objetivo foi o de avaliar a instituição, o perfil dos alunos, os materiais didáticos, o sistema tutorial e de comunicação, o sistema de avaliação, a metodologia de avaliação à distância e outros aspectos gerais do curso. Na maioria das vezes, somando-se as respostas: ótimo e bom, a satisfação nos diferentes itens levantados é em média 80%.

Ao considerar as respostas ótimo e bom, 93% dos entrevistados disseram estar satisfeitos com o curso, e 90,2% acham que suas expectativas estão sendo atendidas. Já 80,1% computaram como ótima ou boa a aplicabilidade dos novos conhecimentos no seu trabalho.

Nas questões que avaliaram os materiais didáticos disponibilizados, o índice de aprovação ficou na média de 85%. O livro didático com relação à linguagem adequada e clara mereceu ótimo de 49% e bom de 37,4%. Quanto ao conteúdo disponibilizado, se atendem aos objetivos propostos no plano de ensino e fundamentam o aprendizado, 48,1% disseram ser ótimo e outros 41,8% consideraram bom. Já as atividades de autoavaliação receberam à cotação ótimo de 43,5% dos entrevistados e bom de 43,3%. Com relação aos recursos multimídia disponibilizados no EVA os índices foram de 41,8% para ótimo e 42,7% para bom.

Outro grupo de perguntas avaliou o sistema de comunicação/interação e o sistema tutorial. Em relação à interação com o coordenador do curso, 35,2% consideraram ótima e 30,9% acharam boa e 21,4% não interagiram. Com a tutoria, os índices foram de 33,9%, 33,3% e 17,7%, e com a secretaria, 33,5%, 33,5% e 14,2%.

A mediação pedagógica do professor foi considerada ótima por 63,7% e boa por 29,1% dos pesquisados, considerando-se o conhecimento deles para ministrar a disciplina. A habilidade do professor em desenvolver a relação teoria-prática mereceu ótimo de 57,5% e bom de 31,1% dos entrevistados. Já a comunicação / assessoria pedagógica (professor / estudante) teve índices de 56,7% e 32,2% para ótimo e bom.

Com relação ao sistema de avaliação, 46% dos alunos responderam como ótima e 37,2% como boa a adequação das questões da (AP) em relação aos objetivos e conteúdos ministrados na disciplina. E 47% disseram ser ótimas e 35,7% como boas à clareza e adequação da linguagem das questões da (AP). As Condições ambientais na sala de aplicação da (AP) mereceram índice de 39,2% para ótima e 32,6% como boa na avaliação dos estudantes.

Os pesquisados em relação aos seus próprios métodos de estudo. À pergunta “como você avalia a sua dedicação e aprendizagem para os estudos”, 26,7% dos alunos responderam como ótima e 56,7% como boa. Já a convivência/interação com a turma mereceu 13,8% no índice ótimo e 39,8% de respostas no índice bom.

A – Dados de identificação:

Período de realização: **23/01/2012 a 23/06/2012**

Total de alunos matriculados: **512**

Representação de alunos na pesquisa: **188 = 37%**

Total de questionários validados preenchidos: **457**

B – Resultados apresentados:

Este relatório relaciona a satisfação dos alunos respondentes ao questionário, aplicado ao final de cada disciplina, junto ao EVA.

INDIQUE O SEU PERFIL

(Para os itens do perfil foram escolhidos aleatoriamente apenas um questionário de cada aluno, já que o mesmo pode responder um questionário por disciplina)

1 – Faixa etária:

	Filosofia		Média Ponderada Unisul Virtual 2012.1
	Frequência	Percentual	Percentual
a - Em branco	1	0,5%	0,6%
b - menos de 25 anos	10	5,3%	12,7%
c - de 25 a 33 anos	36	19,1%	34,5%
d - de 34 a 39 anos	29	15,4%	21,4%
e - de 40 a 45 anos	32	17,0%	14,5%
f - de 46 a 50 anos	29	15,4%	8,5%
g - acima de 50 anos	51	27,1%	7,7%
TOTAIS	188	100,0%	100,0%

41 – Comentários e sugestões por disciplina:

COMENTÁRIOS**CENÁRIOS CONTEMPORÂNEOS**

MATERIAIS DIDÁTICOS	Materiais muito bons!
	Se fosse possível mais vídeos explicativos por conteúdo estudo.
	Os materiais são ótimos. O que me falta é tempo suficiente para estudar.
SISTEMA TUTORIAL	A equipe pedagógica está de parabéns! Muito boa!
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	Os aplicadores precisam também desligar os seus celulares a fim de proporcionarem melhor ambiente de avaliação.
ESTUDO AUTÔNOMO	Neste período tive um pouco de dificuldade nos estudos, em relação ao tempo, em virtude dos meus compromissos.
COMENTÁRIOS CURSO	Estou muito feliz pelo curso que estou fazendo!

CENÁRIOS FUTUROS

MATERIAIS DIDÁTICOS	Para qualquer disciplina o grande problema do curso está no tempo disponibilizado para cada disciplina. Se tivermos quaisquer problemas com nossa agenda de trabalho, ficamos inteiramente atrapalhados com os cronogramas. Acho fundamental que a coordenação pense em alternativas para este problema. É um tempo que não possibilita a pesquisa e retomada de reflexões.
	Web conferência deve estar mais tempo no ar. Porque não?
	O material didático é bom.
SISTEMA TUTORIAL	A experiência nos mostra que, pelo menos três emails do professor orientando a leitura do livro didático faz uma diferença enorme no aprendizado.
	Descaso e demora em responder as dúvidas.

